A EDUCAÇÃO DOS FILHOS

MONS. ÁLVARO NEGROMONTE
DIRETOR DO ENSINO RELIGIOSO NA ARQUIDIOCESE DO
RIO DE JANEIRO

A EDUCAÇÃO DOS FILHOS

Capa de AUGUSTO PINHO

EDIÇÕES RUMO S. A.
RIO DE JANEIRO — 1961

NIHIL OBSTAT

Fiumine Januarii, 21ª Martii 1955
D. ESTÊVÃO BETTENCOURT OSB
Censor deputatus

REIMPRIMATUR

Rio, 13-6-61
Mons. José Silveira
Vigário Geral

Êste volume constitui a 2.ª edição do
livro lançado anteriormente sob o título
"O QUE FAZER DE SEU FILHO".

A EDUCAÇÃO DOS FILHOS

P Ó R T I C O

Das mais graves falhas da educação atual é o desconhecimento dos fins. Agitam-se muitos, alguns até febrilmente, mas sem saber para que. Querem educar. Mas, que é educar?...

★

De tanto pesquisar os acidentes da educação, perderam-lhe de vista a essência. São tais as preocupações com o transitório que nem cuidam do permanente.

★

Se perguntamos aos pais que vão fazer do filho, respondem-nos que médico, engenheiro ou advogado. Ninguém se lembra de fazer dele um homem — e homens é que nós somos. "Tornar-nos o que somos", disse Píndaro. Então, tornar-nos homens é o essencial: tudo mais é acréscimo, por importante que seja.

★

A própria experiência amarga e dura nos está gritando que médicos, engenheiros e advogados nós os temos: a escassez é de homens.

★

A calamidade é que tão solícitos andamos com o resto que não cuidamos de formar homens!

Esta é a grande questão. Todas as outras serão proveitosas na medida em que ajudam a resolvê-la, inúteis se não a facilitam, prejudiciais se a dificultam.

★

Todos querem saber como *andar, sem saberem para onde vão. E não chegam ao fim, mesmo porque não sabem qual é... Caminhando sem rumo, perderam o endereço, como disse Chesterton.*

★

Mas, nestes tempos de experimentações e pragmatismo, o como *prevalece. Como conseguir que o filho obedeça, estude ou trabalhe? Mas não se sabe* para que *obedecer, estudar ou trabalhar. Ou "sabe", mas as razões envergonham a espécie humana...*

★

Mesmo entre reputados pedagogos a preocupação é absorvente. Revela-se nos próprios títulos das obras: "Como educar as crianças"; "Como atender al niño"; "Comment éduquer vos enfants"; *etc.*

★

São conselhos e receitas que os pais pedem, fórmulas feitas, cujas aplicações não dêem trabalho... Analgésicos: não curam, mas calmam, e se pode dormir... E enquanto dorme o pai de família, o homem inimigo semeia a cizânia que afoga o trigo.

★

Os autores do que *e do* para que *ficam desconhecidos e restritos. Um livro fundamental como* "L'éducation à la croisée des chemins" *de Maritain, mesmo traduzido, permanece ignorado. Um pedagogo essencial como Foerster é um estranho, em todo sentido. Um trabalho como "Fundamentos de uma Educação Integral" de P. Carlos Leôncio não desperta atenções nem do nosso mundo pedagógico.*

★

Esta a raiz dos males da atual educação: psicologia, muita pesquisa, muito método — sem se saber para que... E tanto fracasso! Os mais esforçados educadores, decepcionados com os resultados de seus esforços. Sangrando, o coração dos pais. Todos alarmados. E o nível humano baixando... É que está faltando o essencial.

★

Este livro corresponde precisamente ao essencial. Repete verdades antigas, mas vivas, porque idênticas à natureza e ao destino do homem. Lembra princípios, válidos hoje como sempre, porque há o "homem eterno", irredutível ao tempo e ao lugar. Mostra rumos, os rumos que nos trariam a paz e a felicidade, se os homens não os tivessem abandonado. Ensina a formar homens — nossa maior necessidade.

Outros virão auxiliá-lo. Mas êle será o fundamento, sem o que não é possível educar. Vamos primeiro saber o que *fazer dos filhos; depois perguntaremos* como *realizar êste ideal.*

★

EDUCAÇÃO E CONCEITO DE VIDA

Vive-se como se pensa;
educa-se como se vive

TODOS os homens têm, mesmo inconscientemente, um conceito de vida. Falam, agem, sentem, encaram os acontecimentos, em função dêste conceito. Através de suas preocupações e desejos, suas ambições e esforços, êle reponta, mais ou menos evidente, mais ou menos consciente. É êle que lhes dá rumo às atividades, que os orienta nesta ou naquela direção. O argentário, o gozador, o artista, o dominador político, o cientista, encaram a vida diferentemente, segundo o conceito que dela têm. É possível, muitas vêzes, que nem percebam em que direção caminham: os outros o percebem com facilidade, pois é clara a ligação entre os atos e as preocupações, mesmo inconscientes ou reflexas.

1. Conexão com a filosofia

Ora, o rumo da educação depende do conceito da vida. Vive-se como se pensa; educa-se como se vive. "O valor de nossa doutrina da educação depende do valor de nosso conceito do homem e da vida", disse Murray Butler. Num livro magistral[1] que os estudiosos de pedagogia lerão com proveito, De Hovre, o maior pedagogo belga contemporâneo, estuda com profundeza a tese de que a orientação pedagógica está em íntima conexão com as doutrinas filosóficas. Que pensamos da vida e do homem? É o que pensamos também da educação. Êle ensina que "todo conceito da vida envolve uma doutrina da educação, e tôda doutrina da educação se baseia numa filosofia da vida". Que é o homem? Para que está neste mundo? A resposta a estas duas perguntas encerra tôda a vida, e decide a sua orientação.

Conseqüentemente decide dos rumos a dar à educação.

2. Através da história

Num trabalho de ordem mais erudita, mostraríamos com facilidade como as correntes pedagógicas acompanham os meandros das doutrinas filosóficas: os homens sempre educaram como pensaram que se deva viver. Neste sentido, a educação sempre foi uma "escola da vida para a vida". Basta folhear a história da pedagogia. Mas nossa intenção aqui é mais modesta e prática. Sem desprezar os dados científicos, queremos falar ao leitor comum, e ser entendido de todos, sem fastio e com proveito. Apontaremos menos para o passado que para o presente. Passemos pois um ligeiro olhar sôbre os atuais modos de educar, para vermos que os homens educam como vivem.

3. O naturalismo burguês

Para muitos a grande preocupação é o bem-estar dos filhos: a saúde, os estudos, a condição econômica. Os próprios estudos são orientados num sentido utilitário, com uma finalidade prática, a mais imediata possível. As profissões são escolhidas em vista das possibilidades econômicas. Daí a primazia das carreiras técnicas, e o desprestígio dos estudos clássicos ou filosóficos, desprezados por nada "adiantarem" na vida...

As atenções com a saúde superam a formação moral. Se o menino adoece, tomam-se logo tôdas as medidas, à custa dos maiores sacrifícios. Mas se êle tem uma tendência ao vício, pouco se cuida: é da idade, passa com o tempo, o pai também foi assim, hoje ninguém repara mais certas

---

[1] *Essai de Philosophie Pédagogique.*

tolices... Considera-se "vencedor" o jovem que conseguiu uma rendosa colocação. Ainda melhor, se fôr um emprêgo público, bem remunerado e sem trabalho. A satisfação dos pais rivaliza então com a inveja dos que não "venceram" na vida com tanta rapidez e eficiência! Para chegar a êsses resultados, às vêzes são bons todos os processos. Não os censurem, que a explicação vem cabal e definitiva: o mundo hoje é assim; o que ontem era imoral, hoje não é; o que hoje ainda é proibido, talvez amanhã seja obrigatório; a vida tem dessas coisas... Por outras palavras: não há valores morais definitivos!

4. Reduzem a Religião

Essa gente ainda tem "deveres religiosos" poucos e exteriores: Missa de defuntos, casamentos (a sociedade ainda tem êsses preconceitos...), batizados, Primeira Comunhão. Mas não se preocupa com a vida futura; crê vagamente em Deus; não acredita no inferno; não vai à Missa de preceito nem aos sacramentos; não sabe o que é o estado de graça, em que todo cristão tem o grave dever de viver! Da Religião conserva exterioridades, sem conteúdo. Por isso, não aparecem preocupações religiosas na educação dos filhos. Não os manda ao catecismo; não pede ensino religioso nas escolas; escolhe os colégios religiosos porque são os que ainda dão melhor instrução; ou os matricula em escolas heréticas, sob o pretexto (aliás ilusório) de ensinarem melhor o inglês, hoje "essencial" para uma boa colocação numa companhia "americana"; não disse jamais aos filhos para que estão neste mundo. Fala em Deus e na Religião algumas vêzes; mas na verdade, vive como se Deus não existisse. Mergulha nos bens da terra, como se aqui tivesse de viver por tôda a eternidade.

5. Falta a visão do eterno

Por trás de tudo isto está *o conceito naturalista da vida.* Variadas que sejam as ramificações, o tronco é o mesmo: o *naturalismo,* que reduz tôda a vida a êste mundo. Suas raízes estão, por exemplo, no *evolucionismo* de Darwin, para quem o homem é simples animal evoluído: importa cuidar do corpo e da saúde[2], fazendo dos prazeres sensíveis a suprema finalidade, procurando como sumo ideal as melhores condições de vida terrena. Ou no *pragmatismo* de W. James, para quem não há valores absolutos, é preciso viver à minuta dos tempos e lugares, dando eficiência aos atos, sem maiores preocupações morais, procurando vencer na vida. Ou no *positivismo* de Comte, no *cientificismo* pedante de Renan[3], ensinando que a ciência resolve os problemas humanos e que seus postulados superam os dogmas e os preceitos divinos e dando, por isso mesmo, a supremacia aos estudos sôbre os costumes, à formação intelectual sôbre a formação moral. O seu grande pedagogo é Spencer, o homem do relativo, da dependência do tempo e do lugar, da submissão à natureza, do primado do corpo sôbre o espírito, do utilitarismo, o pedagogo do "como"[4].

Afinal, se a realidade fôsse esta, êles é que teriam razão... E já que pensam assim, é lógico que assim eduquem, tão certo é que a educação corresponde ao conceito que se tem da vida.

6. Em face da sociedade

Se nos colocarmos doutro ponto de vista, perguntando qual a situação do homem em face da sociedade, poderemos recolher duas respostas errôneas e contraditórias: a) o homem é mero indivíduo, justaposto a outros indivíduos, sem laços de solidariedade, obrigado apenas a cuidar de si; b) é um componente da massa, da qual depende, para a qual se orienta, na qual se dilui, sem outro destino senão o que lhe der o Estado, a Nação ou o Partido.

Examinemos estas duas respostas em face da educação.

---

[2] "A primeira condição de sucesso neste mundo é ser um bom animal." — Spencer.

[3] "A Ciência é uma religião; só a Ciência pode doravante redigir Credos; só a Ciência pode fornecer ao homem a solução dos enigmas eternos." Renan, em *L'avenir de la science.*

[4] "Como tratar o corpo? Como dirigir a inteligência? Como orientar os trabalhos? Como educar a família? Como importa cumprir os deveres de cidadão? Como se devem utilizar as fontes de felicidade que a natureza deu ao homem?" — Spencer — "*Essays in Education" (apud* De Hovre, o. c.). Não lhe interessa o "para que".

7. Os individualistas

Aí estão os gozadores da vida, os ricos "cada vez mais ricos" fazendo os "pobres cada vez mais pobres" (Pio XI), vivendo à custa do suor alheio, explorando o mais que podem. Em que se baseiam os trustes, os mercados negros, as negociatas, o desrespeito aos dinheiros públicos, os subornos, as manobras altistas? E do outro lado, as greves injustas, as exigências crescentes de salários, as sabotagens, a violação dos contratos de trabalho, as infidelidades aos patrões, outros tantos males que atingem aos trabalhadores? Do individualismo nasce o *capitalismo* com o seu cortejo de misérias.

8. Funestas conseqüências

Noutro terreno, se o homem é senhor de si, sem laços obrigatórios com a comunidade, erige-se naturalmente em guia próprio, sem obrigação de obedecer a outras leis que não sejam as da natureza (e estas mesmas, quando convierem) sem qualquer submissão ao Estado (a menos que seja para evitar aborrecimentos ou guardar conveniências), sem maiores compromissos mesmo com os filhos, sem respeito aos valores morais, vivendo num anarquismo prático — mesmo que um resto de compreensão o obrigue a rejeitá-lo em teoria. Os que quiserem eufemizar tão feia realidade podem chamar de *liberalismo* ao que aí está: é a mesma coisa.

9. No campo educacional

É de ver como a educação toma o rumo do egoísmo e do comodismo, ensinando antes a busca do confôrto que o cumprimento do dever, mais preocupada em fazer-se servir que em ajudar, orientando desde muito cedo para a exploração do próximo. Educa-se, ensinando o pequenino a exigir da empregada que lhe dê na mão a roupa, o calçado e os livros, apanhe o objeto que caiu, e lhe satisfaça os caprichos. Se os grão-senhores se portam indiferentes à miséria do povo, que êles próprios construíram com suas manobras econômicas, os que ainda não podem fazer tanto farão o que puderem, sem respeito ao máximo. No menino que se refestela no bonde, incomodando os vizinhos, para estar à vontade; e na jovem que se conserva sentada em frente à velhinha ou à senhora que vai em pé com uma criança ao braço, já estão os péssimos frutos dêste individualismo que, para dar mais graves resultados, espera apenas o tempo e as oportunidades.

10. Descaso...

Neste conceito individualista da vida vamos encontrar as raízes do abandono educacional dos filhos. A educação é trabalhosa: evita-se o trabalho, para se viver mais despreocupado. Ou se entregam os filhos às empregadas e aos colégios. O "deixa-fazer" de certa pedagogia nasce dêste comodismo. Para que corrigir? Passa com a idade. Mais tarde a criança compreenderá. Para que castigar? Seria tornar infelizes as crianças. Tanto mais quanto "os mais eficazes castigos não são os que os pais aplicam,... mas as conseqüências naturais dos atos" (Spencer). Por sua vez, os demais educadores adotam os mesmos princípios. Professôres se esforçam menos. Colégios se poupam a trabalhos e exigem maiores remunerações — embora aqui os pais não aprovem os princípios do individualismo comodista que adotam para si.

*

Poderíamos levar longe a análise. Bastem estas amostras de pequenos e grandes atos para vermos como, da simples atitude mal-educada de um garôto no bonde às maiores crises econômicas ou políticas, as causas estão num errado conceito da vida e, conseqüentemente, da educação.

11. Os totalitários

Se o homem é apenas um número, componente impessoal da massa, sem outro destino que

não o dela, mero indivíduo e não uma pessoa, simples parafuso da máquina estatal, gôta d'água no oceano da coletividade, ou mesmo uma abstração[5], então é justo reduzi-lo à coletividade, ao serviço da massa. Neste caso a coletividade é o centro e o fim de tôda a vida humana, a grande e única realidade, de que o homem é subsidiário. O mais que fazem todos os totalitários — fascistas, nazistas ou comunistas — é conclusão lógica de seu conceito do homem e da vida. Se isto é verdade, então:

— o Estado pode dispor, a seu talante, da vida dos cidadãos;

— é moral tudo o que interessa ao Estado (Lenine);

— devemos "procurar o reino do Estado e não o reino de Deus" (Lyer);

— as atividades culturais (arte, ciência, literatura) só têm razão de ser quando a serviço da Nação (Nazismo), do Estado (Fascismo) ou do Partido (Comunismo);

— a coletividade pode obrigar o homem a trabalhar em determinada função, a tantas horas por dia e em tais condições, sem direito a escolha ou mudança (trabalho forçado); etc., etc.

12. Pedagogia totalitária

No campo pedagógico são claras as conseqüências de tão errado conceito da vida. Vejamos algumas:

— é preciso formar o homem para servir à coletividade, e não para um destino pessoal e eterno;

— as preocupações religiosas e morais não têm lugar na educação, como não o têm na vida;

— sendo o homem formado para o reino dêste mundo, orientemo-lo não para rumos espirituais mas para a busca do bem-estar material, dando primazia se não exclusividade às preocupações econômicas e técnicas;

— não são os pais que devem educar os filhos, porque assim lhes darão a orientação que quiserem: é ùnicamente o Estado quem educa, para formar "servidores" seus incondicionais;

— é preciso afastar os filhos da influência dos pais, quebrando os laços domésticos e anulando o amor materno, elementos que podem perturbar o domínio absoluto do Estado;

— importa encaminhar as criancinhas para as creches, os pequeninos para os jardins de infância, os maiorzinhos para os internatos e multiplicar os meios de afastar a convivência dos filhos com os pais;[6]

— a escola oficial tem o direito de impor o regime e a orientação que entender, por isso mesmo que os pais não têm direito sôbre os filhos: — e quando ainda não puder suprimir a escola particular, estabelece sôbre ela uma verdadeira ditadura, manietando-a e dirigindo-a;

— como os sentimentos de moralidade são o mais forte empecilho aos totalitários, importa ir desatando os laços das paixões, quebrando as barreiras entre os sexos, introduzindo a coeducação nas escolas, praticando esportes mistos em seminudez, promovendo de todo modo a dissolução da família; etc., etc.

Neste rastro não encontramos apenas a Lenine e Lunacharsky, mas homens como Kerschensteiner e Dewey (com tantos discípulos e seguidores entre nós), Durkheim e outros, tidos por inofensivos e mesmos benéficos (sic), por suas idéias modernas e reformadoras!

13. O verdadeiro conceito

Qual, então, o verdadeiro conceito do homem e da vida?

Se queremos educar o homem todo quanto é, devemos encará-lo na totalidade de seu ser. Só

---

[5] "O homem não é senão uma abstração, como o átomo para o físico." (Natorp).

[6] O pretexto é facilitar o trabalho das mães; a verdadeira finalidade é outra. Aliás, o trabalho da mulher fora do lar é fortemente preconizado por Lenine, como um dos melhores meios de introdução do comunismo. Para Lenine "a mãe que ama os filhos é semelhante a uma cadela que cuida dos cachorrinhos". Veja-se, porém como os burgueses, por comodismo, adotam os processos comunistas, destinados a destruí-los. Creches e *play-ground* entre nós pretendem fazer assistência social, ajudando a mãe trabalhadora, ou facilitando o trabalho da mãe fora do lar...

com um conceito total do homem é possível um conceito total da educação. Mais do que algures, aqui qualquer parcialismo leva a tremendas deformações. Erram os que vêem no homem *apenas* o corpo (como certos naturalistas), ou a inteligência (Descartes), ou a vontade (Schopenhauer), ou o trabalhador (Kerschensteiner), ou o técnico (Spengler), ou o cidadão (Fichte), ou um elemento da comunidade (como os coletivistas de tôda espécie). Olhando-lhe apenas uma face, só é possível dar-lhe uma educação deformada, incompleta, que desenvolve demasiado um aspecto do seu ser complexo, deixando na sombra e na atrofia as outras faculdades. Uma concepção unilateral não pode produzir uma educação integral. Só abraçando o homem total é possível oferecer-lhe uma educação correspondente à realidade.

14. O que é o homem

O homem é corpo e alma. Sensibilidade, inteligência e vontade. Pessoa irredutível, mas membro natural da sociedade, na qual nasce (família), trabalha (profissão) e vive (Estado). Filho do tempo e destinado à eternidade, pela alma imortal. Senhor de seus atos, pelo livre arbítrio, mas súdito incondicional de Deus, e submisso às justas leis da sociedade em que vive. Com instintos que pedem satisfação, e com exigências morais que obrigam a se usar dos instintos dentro de normas que os precedem e transcendem. Fraquezas e fôrças. Egoísmo e generosidade. E tudo entrelaçado e uno, de modo que o sensível, o intelectual e o volitivo se distinguem, mas não se separam, antes se ligam e completam em maravilhosa unidade.

15. No plano histórico

O homem foi criado por Deus, inocente e puro. Mas caiu. Quando a mão divina o ergueu, pela misericórdia da Redenção, já não era o mesmo. A queda não apenas lhe arrebatara a graça santificante e os dons preternaturais. Desequilibrara-o no próprio funcionamento natural. As paixões se desordenaram, inclinando-o para o mal; turvou-se-lhe a inteligência; enfraqueceu-se-lhe a vontade, agora muitas vêzes incapaz de praticar o bem. Mesmo reconduzido à graça, pesam-lhe as conseqüências da queda. Correspondendo à graça, pode, com algum esfôrço, manter o equilíbrio, vivendo no bem e na virtude. Tendo sido criado para o Céu, vive desgostoso e insatisfeito na terra, de tal maneira inquieto que só descansa quando descansa em Deus. Dir-se-ia que sente uma misteriosa nostalgia da Casa Paterna, uma como saudade daquelas tardes em que o Senhor descia a passear com êle à fresca do Paraíso (Gn. 3, 8). Na verdade, nunca pôde esquecer que Deus é seu primeiro princípio e seu último fim.

16. Hierarquia de valores

Com uma visão tão completa do homem, estamos em condições de lhe proporcionar uma educação integral. Encarando-o como é, podemos torná-lo como deve ser. Abrangemo-lo na multiplicidade de suas funções orgânicas e espirituais, no seu destino terrestre e eterno, nas suas atividades individuais e sociais, mas guardamos uma perfeita hierarquia dos valores, a fim de assegurarmos um rumo certo à educação, nem deformando o conjunto, nem perturbando a harmonia de suas finalidades.

Nossa hierarquização começa por organizar essas finalidades. Tudo o que existe, existe em vista de um fim. Nas várias finalidades humanas, uma domina a tôdas e é, por isso mesmo, o motivo primeiro e último da existência. Todos os fins particulares, importantes que sejam, devem subordinar-se e servir a êste último fim, cuja consecução há de ser a maior preocupação da vida, o seu verdadeiro ideal. Isto é de tal modo *vital* que a vida só tem sentido em vista dêste fim: perdido êle, tudo perdido; êle alcançado, tudo feito, embora possamos e devamos procurar atingir também outros fins, que sempre serão secundários.

17. Conseqüências pedagógicas

A salvação da alma domina e canaliza tudo. Fazemos a cultura física; mas achamos a inteligência melhor do que a fôrça, o sábio superior ao *animal perfeito* de Spencer. Fazemos a

cultura intelectual; mas achamos o dever maior do que a ciência: o caráter vale mais do que o saber. Fazemos a cultura moral, porque achamos que o homem só é homem quando sabe dominar os instintos e, senhor de si, age em função de suas finalidades morais; mas preferimos o santo, o homem que, sem desprezar o corpo nem a inteligência, orienta tudo para a vida moral e a vida moral para Deus, vivendo no amor de Deus, que é a graça santificante. Entre a fôrça, a ciência, o dever e a graça, temos uma preferência, que não é exclusão. Entre o atleta, o sábio, o homem de caráter e o santo, sabemos escolher. Mas, como na vida, o corpo, a inteligência, a vontade e a graça devem conviver no mesmo indivíduo, sem separações impossíveis, mas na unidade do mesmo ser, para nós o ideal é reunir a tríplice cultura humana, doirando-a com a graça divina.

Não desconhecemos os diferentes valores da vida; apenas sabemos organizá-los para atingir os cimos. Temos um fim último, eterno que, por isto, constitui tôda a nossa felicidade e cuja perda é para nós a suprema desgraça. Nem por isso se desfazem os demais fins da vida. Pelo contrário, convergem e se orientam todos para êle.

*

Êste, o verdadeiro conceito do homem e da vida. É por êle e nêle que temos de educar. Neste rumo caminharemos; neste rumo faremos caminhar os que a Providência Divina confia a nossos cuidados. Podemos resumir nossa orientação educacional nesta síntese magistral:

> *“Cuidar do corpo para servir à alma; cuidar da inteligência para servir à vontade; cuidar da vontade para servir a Deus.”*

Ou nesta fórmula mais rápida e mais forte:

> *“Tudo para a criança, e a criança para Deus.”*

Aqui temos o único rumo digno de uma verdadeira educação.

EDUCAÇÃO INTEGRAL

DE ACÔRDO com o verdadeiro conceito do homem, fixemos, em traços gerais, as finalidades da educação, que depois examinaremos mais detidamente.

18. Visões parciais

Afastemos, por insuficientes, as finalidades parcialistas:

— os *materialistas,* por só admitirem a matéria, reduzem-se a seus cuidados — saúde, fôrça, beleza, instintos, habilidades técnicas, facilidades de gozar a vida;[7]

— os *intelectualistas* cultivam a inteligência julgando que tudo está feito, esperando tudo das "luzes do alfabeto", da ilusória eficácia moral da instrução;

— os *pragmatistas* pensam que a vida é ação, e ação que se pode utilizar praticamente — e encaminham tudo para o "prático" e utilitário: saber para agir, e agir para vencer;

— os *individualistas* educam como se o homem fôsse único no mundo, ou (ainda pior) como se todos o devessem servir, de direito e dever, como a um senhor;

— os *coletivistas,* ao invés, dissolvem o homem na comunidade (sociedade, nação, estado), como se êle não tivesse outro fim, senão desaguar na sociedade em que vive;

— os *voluntaristas* fixam-se de tal modo na formação da vontade que parece nada mais verem no complexo humano.

19. Visão integral

Fixemo-nos no conceito católico que tem a vantagem de abranger o homem em sua totalidade:

— corpo e espírito; pessoa e membro da coletividade; inteligência, vontade e ação exterior; boas e más tendências; vida transitória e vida eterna; natureza e graça. Assim, nenhuma atividade nos será estranha, nenhuma faculdade ficará esquecida. Nenhuma potencialidade se desperdiçará. O que ainda é mais: temos dois pontos essenciais:

— *o ponto de partida:* o homem, tal como é, criatura de Deus, no conjunto de suas faculdades orgânicas e espirituais, na desorganização conseqüente ao pecado original, no complexo misterioso de elevações e fraquezas;

— *a meta final:* a salvação eterna.

20. A nossa pedagogia

Firmados nestes dois pontos fundamentais, podem os católicos caminhar livremente, que, mesmo em educação, o mais é "o resto que será dado por acréscimo" (Mt. 6, 33). Partimos do estado de natureza imperfeita em que se encontra o homem, demandamos o estado de perfeição. Entre o *sujeito* e o *têrmo* da educação está a *transição* a fazer, com os indispensáveis *processos,* cuja eficiência vai depender de um conjunto de condições sobremaneira complexas.

---

[7] Três correntes atuais ressumam profundo materialismo: o *freudismo,* que reduz todo o homem ao instinto sexual; o *comunismo,* que só vê estômago e suas exigências; e o *existencialismo,* que solta a rédea dos prazeres até a náusea.

21. Fim último

É necessário precisar rigorosamente o fim da educação, para orientar sem êrro nem desperdício a ação educativa. Fórmulas vagas dizem pouco. "Ensinar a viver" (Rousseau), "preparar para a vida" (Decroly), "Formar o homem na criança" (Dupanloup), etc., são expressões que requerem a conceituação certa de vida e homem. Se para Dupanloup o homem é o homem integral da doutrina católica, já para Rousseau "viver" é deixar correr libertàriamente esta existência terrena...

22. Formar o homem integral

Eis o verdadeiro objetivo da educação. Não se fixa em nenhuma faculdade humana, como se fôsse ela a única. Cuida de tôdas, que tôdas são necessárias à perfeição do homem; mas procura hierarquizá-las de modo a fazer com que as inferiores sirvam às superiores.

Assim, pois, podemos dizer:

— *Fim último: a santidade.*

23. Síntese pedagógica

Para atingi-la — para fazer valer a riqueza da graça — o homem precisa saber governar-se. E então o *domínio de si mesmo* é o grau imediatamente inferior da educação. Pelo domínio de si é que o homem é realmente homem, especificamente homem, produzindo atos à altura de sua dignidade de ser racional, sem se deixar determinar pelos instintos ou impulsos de paixão nem por motivos subalternos — porque só assim o homem é verdadeiramente livre, daquela *liberdade interior,* que há de ser a primeira grande conquista da educação. Êste domínio de si, libertando o homem da escravidão das paixões, é a condição para o *cumprimento do dever,* para o reinado da consciência, para a própria convivência social, em que temos de respeitar alheios direitos e fazer respeitados os nossos.

Êste é, sem dúvida, o papel da vontade, que para se formar requer a orientação da inteligência.

Para levar o homem à prática das virtudes morais, a atos livres e responsáveis, importa não apenas *dar-lhe os conhecimentos devidos* mas ainda a *capacidade de julgar* — a fim de que êle se sinta inclinado a agir bem. É a formação intelectual. E vejam: formação — e não mera informação. Aqui o essencial é a capacidade de julgar. Sem esta *razão prática,* têm freqüentemente fracassado os esforços para a formação da vontade.

Inteligência e vontade no homem supõem um corpo, do qual não é possível a educação desinteressar-se. E não se desinteressa. Pelo contrário: cuida bem dêle. Deseja-o forte e vigoroso, segundo a sua finalidade. Uma boa *educação física* é boa base para mais fàcilmente educar moralmente. Para isto, terá de ser *educado,* tendo em vista o composto humano, e não mero robustecimento do animal — prejudicial à dignidade humana.

Partindo agora de baixo para cima, temos: a educação física (saúde e robustez), a educação intelectual (formação da razão para julgamento), a formação moral (conquista da liberdade interior e defesa da exterior), conduzindo à santidade (vida e crescimento na graça divina).

Eis a verdadeira educação.

24. Os meios

Fixado o ponto de chegada, resta saber *como atingi-lo,* o que fazer para conseguir que o educando se transforme no cristão perfeito. São os *métodos* e os *processos* elementos de inestimável valor, como *meios* para atingir-se o *fim.* Quanto melhores, mais *bem adaptados à natureza do educando* e *em ordem aos fins* (vamos diretamente aos *fins particulares* que devem estar organizados em função do *fim último),* mais eficientes serão.

Daqui, pois, a necessidade não só de conhecer a *criança e o adolescente* em geral, mas também *de conhecer "êste" educando,* com suas características pessoais, gostos, tendências,

temperamento, reações.

Êste conhecimento dita a maneira pela qual devemos *adaptar a "êste" educando os meios para alcançarmos o desejado fim.* Essas circunstâncias particulares são de decisiva importância, porque freqüentemente o êxito depende mais dos meios e do acêrto do seu emprêgo do que da perfeição dos fins. Aí está por que tantas vêzes fracassamos nós, educadores católicos, e até dos mais piedosos e bem intencionados.

Na aplicação dos meios deve-se ter em vista o *como,* o *quando,* o *quanto* e o *a quem* — que tudo é exigência elementar da prudência, retriz da pedagogia.

25. Perigo a evitar

Sem esta aplicação dos meios ao fim corre-se o risco de estacionar nos meios, como se fôssem fins. É o grande êrro da maioria dos pedagogos modernos: "a supremacia dos meios sôbre o fim", como notou Maritain[8]. Analisam profundamente a criança, aplicam-lhe cem testes e medidas, submetem-na às mais minuciosas observações e exames, vasculham sua vida pregressa até os tetravós, enchem fichas, e... não a levam para diante e para cima. Param no caminho, como se tivessem chegado. O certo é valer-nos dos meios para alcançar o fim.

26. Unidade educativa

A unidade da pessoa humana obriga-nos à *unidade no trabalho da educação.* Corpo e alma, faculdades sensitivas e espirituais, interêsses individuais e sociais, tendências econômicas e artísticas, etc., estão num único sujeito, e devem ser encaminhados e desenvolvidos para a formação de um todo. Devemos, acima de tudo, pensar no homem, e só secundàriamente no sábio, no atleta, no industrial, no artista, no proletário, no político. O que ficou dito da educação física entenda-se de qualquer outra: só será realmente educação, se orientada para a formação do homem total, se organizada para o todo como parte que é. Do contrário, é mutilação ou deformação. Vejam o atleta sem instrução: é um deformado. Ou o artista, o político, o economista, sem moral. Ou o indivíduo, sem respeito à sociedade. Ou mesmo o santo, sem cuidados corporais.

27. Hierarquia de fins

Sendo o fim da educação o homem integral, tudo há de convergir para lá, como partes para o todo. Também aqui cabe em cheio a palavra do Divino Educador: "Quem não junta comigo, desperdiça" (Lc. 11, 23). Assim, pois, é dissolvente qualquer "educação" que não se oriente para o fim supremo da educação, o qual, por sua vez, se confunde com o fim último do homem. Ou, ainda pior, que o contrarie ou dificulte.

Os fins secundários da educação (que são os fins imediatos do aperfeiçoamento de cada faculdade) se devem *encadear entre si,* de modo a *servir um ao outro,* de acôrdo com o seu lugar no composto humano, e a *servir em todos ao fim último.* Há faculdades inferiores e superiores. Um bom corpo é para servir à alma: já os pagãos queriam *"mens sana in corpore sano".* Uma boa inteligência, para esclarecer e nortear a vontade. Como a vontade forte e decidida, para servir a Deus e ao próximo por amor de Deus. É um sistema fluvial, em que os rios menores deságuam nos maiores, e o maior, no mar. Para isto, em educação, importa conhecer os valores, respeitá-los e organizá-los.

28. Respeito aos valores

Esta organização e êste respeito dos valores humanos têm uma finalidade moral, e não "moralizante". Não devem ser entendidos no sentido de darmos a cada ato um fim moral imediato, mas de prepararmos o homem para uma vida moral íntegra e cada vez mais fácil de chegar à perfeição. Atos em si indiferentes só têm sentido em vista dos fins que os animam. E, na educação como na vida, o fim que anima tudo é o fim último: é bom o que lhe serve, é mau o que o dificulta,

---

[8] *L'education à la croisée des chemins.*

é indiferente o que não lhe interessa. Quando eu estudo, não é necessário que estude moral para que seja *moralmente* bom o meu estudo: basta que os conhecimentos adquiridos possam contribuir para a minha vida moral — ou que, moralmente indiferentes, me sirvam à própria vida natural. O mesmo se diga da educação física, artística, econômica ou qualquer outra. O respeito aos valores pede que se dê a cada um a justa medida, pois o contrário seria invertê-los, prejudicando o necessário encadeamento dos fins secundários — que afinal são apenas meios em relação ao fim último.

29. "Teu nome é paciência"

Esta sensata palavra de Marcel Prevost — "Educação, teu nome é paciência" — nunca a deviam perder de vista os educadores. Obra difícil pela sua natureza, de resultados nem sempre compensadores por motivos vários, costuma desalentar ou precipitar os seus operários o que redunda em maiores riscos para seu êxito. O natural desejo de vermos em curto prazo levada a feliz têrmo nossa atividade educacional, ou (quem sabe?) a inconsciente preocupação do menor esfôrço nesta tarefa de si tão cansativa, nos levam a uma certa pressa no colhêr os frutos. E não os frutos, tais como os pode dar esta determinada árvore nestas circunstâncias particulares, mas os frutos que imaginamos...

30. Respeitar o educando

Kiefer[9], num livro sólido e ainda atual, nos manda *respeitar o educando.* Fala do respeito à sua psicologia. Para isto é que o devemos conhecer. Temperamentos, tendências, gostos, talentos, meio, desenvolvimento, idade, pesado e respeitado. Não posso exigir de todos a mesma coisa, só pelo fato de serem todos meus filhos, ou estarem todos na mesma classe, ou terem a mesma idade. Pôsto em têrmos de pêso físico, logo percebemos o absurdo da imposição, que mais absurda ainda é em pêso moral — embora (que pena!) tantos o não percebam. De cada um se exige e a cada um se impõe ou pede o que êle é capaz de fazer. E a perfeição do educando está em fazer êle o que *agora* pode.

31. Perfeição pedagógica

Santo Tomás de Aquino fala da "perfeição segundo a idade" *secundum temporis conditionem.* A criança ou o adolescente não terão a perfeição adulta, aquela que alcançarão com a idade, mas, fazendo quanto podem, são *agora* perfeitos segundo a sua condição. Aliás, o fim próprio da educação é esta *perfeição relativa,* dêste determinado sujeito, nesta idade e nestas circunstâncias. É a sua *capacidade atual de agir bem,* de fazer bem o que êle é capaz de fazer. É a *perfeição subjetiva,* não a objetiva. Veja os desenhos de um pequeno de 7, de 12 ou 16 anos; o professor deu nota cem aos três. Todos estão *perfeitos,* mas que diferença entre êles! E que diferença do modêlo que o mestre debuxou! Assim é também a perfeição moral. E não a devemos confundir com aquela perfeição que é o objeto da perfectibilidade humana, que não se esgota com todos os nossos esforços e exige o trabalho de tôda a nossa vida.

32. Aguardar os frutos

Plantemos e aguardemos que a planta frutifique no tempo oportuno. Isto moderaria bem alguns educadores apressados, exigentes ou vaidosos, confortaria a outros, sempre descontentes com a colheita, e — o que é melhor — aliviaria muito as crianças e sobretudo os jovens.

São Paulo anotou estas necessárias etapas da vida: "Quando eu era criança, falava como criança, sentia como criança, pensava como criança. Mas quando me tornei homem, abandonei o que era de criança" (1 Cor. 13, 11).

Observação também muito própria para sofrear impaciências e precipitações do educador é que o fim primeiro na intenção é sempre o último na aquisição.

---

[9] *La autoridad en la família y en la escuela (traducida de la 2ª edición francesa).*

O IDEAL DA EDUCAÇÃO

INDIVIDUAL como coletivamente os homens precisam do ideal para viver. Só o homem que sabe *para onde vai* e *por que vai,* caminha com determinação. E só quem vai *alto* e *longe,* e *quer chegar,* emprega todos os meios a seu alcance, dobra de esforços, impõe-se sacrifícios e continua a jornada, contanto que atinja a meta.

O ideal tem graus: o menino que deseja a bicicleta, a môça que anseia pelo casamento, o pai que quer "formar" o filho, o operário que pleiteia casa própria, o ambicioso que visa a enriquecer, o político que aspira à presidência do Estado, o sábio que pesquisa uma grande descoberta, o artista que sonha a glória, o cristão que aspira à perfeição da santidade.

33. Ideal, meta da vida

Só é verdadeiro o ideal que nunca se pode realizar completamente. Porque o ideal é a meta de tôda a vida, a razão de ser de todos os grandes esforços, o alento nas canseiras, o confôrto nos sofrimentos, a fôrça para as jornadas cotidianas. No dia em que o conseguíssemos, perderíamos o alento, o motivo de lutar, a esperança de melhoras, o próprio desejo de progredir. Cairíamos na mediocridade, na rotina, quando não no desânimo e no desespêro.

Eis porque os ideais próximos ou parciais são interessantes como estímulos transitórios, mas insuficientes. O verdadeiro ideal é para tôda a vida, ponto de chegada da existência inteira, trabalho e preocupação contínua obrigando o homem a caminhar para frente, a subir sempre mais, insatisfeito consigo, a procurar uma perfeição cada vez maior. Torna-se assim o centro de gravitação de tôda a vida. Revela sempre novas possibilidades, está em contínuo realizar-se, de modo que, por mais que o homem trabalhe e viva, a morte ainda o encontra a meio caminho, tanto êle tinha a fazer...

Por isso, o ideal deve confundir-se com a própria finalidade da vida humana, abraçando as atividades tôdas, canalizando-as, dando-lhes sentido e rumo, arrastando o homem todo.

34. Ideais secundários

Esta a razão por que não bastam os ideais secundários: — são extrínsecos ao homem. Por muito que o empolguem, não lhe envolvem a vida, mas apenas algumas atividades.

Sem dúvida, há ideais secundários realmente dignos.

Se não o podemos dizer do *utilitarista* que persegue valores econômicos, afirmamo-lo do *artístico* que procura a beleza em qualquer de suas manifestações[10], do social que se vota por inteiro ao bem do próximo, e do *político* que busca, no exercício do poder, o bem-estar do povo é a grandeza da nação.

Mas quanto têm êstes ideais de unilateral e transitório, quanto são estranhos à razão de ser do homem e, por isso, como são incapazes de satisfazer plenamente ao coração humano, mesmo que lhe absorvam tôdas as preocupações! Como são compatíveis com as maiores faltas e até com vícios! Como são freqüentemente tortuosos os seus caminhos, e no próprio ideal vai o homem encontrar o abismo moral!

Devem ser desprezados? Não. Devem ser submetidos ao ideal universal, isto é, àquele que

---

[10] Estamos longe de pensar que a grande preocupação do homem seja fazer da vida uma obra de arte, ou de fazer da estética a finalidade suprema, como certos que chegaram a confundir a arte com a virtude. Pois, Shaftesbury não afirmou que virtuoso é o homem esteticamente formado? E Rollin não disse que o ideal da vida é o "bom gosto"?

compreende tôda a vida e a transcende, capaz de empolgar todos os homens, de ser por todos vivido, sem ser jamais esgotado. Precisamente por serem secundários, submetam-se ao ideal primeiro — e então têm todo cabimento e lugar.

35. Fôrça do ideal

Só é totalmente digno do homem um ideal que coincida com a própria finalidade da vida. É que o homem termina por orientar tôda a vida pelo ideal que elegeu. Então, o valor moral de um homem procede, em grande parte, do seu ideal. Se é verdade que o ideal é o resultado de idéias e convicções, mais ainda é que as próprias idéias terminam recebendo do ideal orientação e rumo.

Têm razão os que falam de "uma ordem moral" introduzida na inteligência pelas reações da vontade. Na direção do ideal caminha a vida inteira. Paixões, tendências, temperamento, hábitos, idéias, o próprio físico, se deixam influenciar por sua fôrça.

36. Sócrates e Lutero

Sócrates confessou que corrigia os indícios fisionômicos de inclinações grosseiras que lhe notara Zópiro, pelas repressões voluntárias. Em *Trois Reformateurs* de Maritain há 4 retratos de Lutero, muito expressivos neste particular: o 1.°, de 1.520, tem traços de um asceta, embora moderado; os 2 seguintes, de 1.526 e 1.532, revelam as crescentes devastações da carne contra o espírito; o último — "Lutero morto" — acentua, de modo impressionante, aquelas devastações. O homem se transformara à fôrça do próprio ideal.

Os exemplos se poderiam multiplicar. O santo ou o ladrão, o homem consciente ou o fanático, o educador ou o revolucionário, o sábio ou o político são igualmente moldados pelo ideal.

37. Sob a luz do ideal

Se dermos o mesmo trecho do Evangelho a homens dominados de ideais diferentes, cada um encontrará nêle reflexos da luz que o ilumina. Ainda mais verdade é que cada um procura o que lhe interessa ao ideal, ou o alimenta e estimula. Todos podemos verificar como se nos modificou a preferência pelas leituras, através da vida, ao sabor das preocupações, ou, digamos, dos ideais mais ou menos transitórios que nos empolgaram.

O que sobretudo importa, em matéria de ideal, é que êle seja capaz de orientar o homem, todo o homem, na direção de sua finalidade suprema.

38. O ideal cristão

Só o ideal cristão responde cabalmente a esta essencial exigência:

Com êle, o homem sabe *para onde vai,* e sabe que vai *alto* e *longe.* Há de trabalhar a vida inteira, mesmo porque êle, que se constrói indefinidamente neste mundo, só se realiza na eternidade. Êle é possível, porque constitui a finalidade mesma de todos os homens: mas é tarefa inesgotável, porque o modêlo da santidade é a infinita perfeição divina: "Sêde perfeitos como meu Pai Celeste é perfeito" (Mt. 5, 48).

E assim o homem vive obrigado a progredir e a melhorar, e ainda na extrema velhice a morte o virá encontrar a caminho da realização plena, que nunca chega ao fim — o que é das primeiras características do verdadeiro ideal.

Nêle cabem todos os ideais particulares, tôdas as tendências elevadas, todos os temperamentos e paixões. Sem menosprezar a nenhum, submete-os todos e os enquadra, engrandecendo-os e dignificando-os. Os ideais secundários que, isolados, o prejudicam — e por isso mesmo prejudicam o homem — nenhum risco correm de ser por êle diminuídos ou contrariados. No seu âmbito imenso cabem o monge, o cavaleiro e o artista, o sábio, o político e o comerciante, o pobre, o remediado e o rico, o branco, o mongol e o negro, o solitário do deserto, o pacato agricultor e o homem trepidante da metrópole, o oriental tardio, o medievo feudal e o progressista do século XX. E tôdos êles, vivendo-o e realizando-o, elevam e aperfeiçoam a

transitória vocação do ideal particular, cuja perfeição aquêle requer.

39. É um ideal de vida

Nem se diga que o ideal cristão é abstrato e intangível: vago, implacável, sem contato com a realidade. Pelo contrário. Nenhum é mais vivo e vital. Nenhum exige mais ação e mais realidades. Ainda que eu saiba tôda a doutrina cristã, se não viver cristãmente, sou um antípoda do ideal cristão. Êle não se constrói com o saber; faz-se com o viver. Posso ser um economista, e ser pobre. Um estrategista, e nunca ter batalhado. Um técnico cooperativista, sem ter jamais auxiliado o próximo. Um admirável planejador que não sabe administrar a própria casa. Um esteta, que nunca produziu obra de arte. Mas nunca serei um verdadeiro cristão se não produzir atos cristãos, se não viver uma vida cristã. Nada menos abstrato que o ideal cristão. Nada mais concreto, mais real, mais cotidiano e mais vivo.

E por isso, nada mais tangível. Sente-se, toca-se, vê-se a santidade nas palavras, nos atos, nas atitudes.

40. Sentir o ideal

Por mais elevado que seja um ideal, só vale pràticamente na medida em que se reflete no sujeito: na medida das convicções, do apaixonamento, da decisão. Gillet chega a dizer que a influência do ideal não depende da sua qualidade filosófica, mas do grau de intensidade com que é desposado.

Vemos freqüentemente homens vivendo heròicamente ideais errados, dando por êles dinheiro, trabalhos, sacrifícios incríveis, a liberdade e a vida. Apaixonaram-se por êles. Eis uma necessidade.

41. Viver idéias

Nunca podemos subestimar o valor das idéias. A qualidade filosófica é a sua pedra de toque. Os princípios orientam a vida. As idéias conduzem os homens. Mas para isto é mister firmar êsses princípios nas mentes, incrustar essas idéias na própria sensibilidade.

Pensar que fazemos o bem só pelo conhecermos é grave êrro dos naturalistas que fingem ignorar o pecado original e nossas tendências para o mal. Quanto erraram os que julgavam bastar difundir conhecimentos para melhorar os costumes! O que fizeram Rousseau e os enciclopedistas, por êrro intelectual, crendo que bastava a instrução, estão muitos ainda hoje fazendo, por defeito moral, ensinando noções e dando bons conselhos, sem maiores preocupações com a formação para a vida.

O trabalho é duplo: firmar idéias e metê-las na vida.

Precisamos de idéias, sim. Certas, claras e altas. Mas firmes e profundas. Nada de superficialidade e flutuações em questões tão definitivas. De que serviria ao navegante um farol que os ventos agitassem ou as ondas arrastassem? Precisamos de princípios verdadeiros, arraigados e inflexíveis. Princípios que resistam ao sôpro das paixões e às vagas do ambiente.

Numa palavra: *convicções!*

42. Amar o ideal

Mas nem as convicções bastam. Quantas vêzes estamos diante de uma bela e grandiosa idéia, sentimos que ela é digna de ser vivida — e não nos decidimos?

Falta-nos coragem, vontade. Lá está, à entrada do pôrto, o farol a brilhar. Não basta vê-lo. Importa decidir-se a enfrentar os mares e superar a tempestade, movido do desejo de alcançá-lo. A luz mostra o caminho, mas o homem é que decide percorrê-lo. Assim, a idéia ilumina e atrai, mas não basta à vida. Mais do que conhecer um belo ideal importa querê-lo. Se nos contentamos em olhá-lo de longe, podemos perecer de miséria moral, banhados de sua luz, como pereceria o navegante que não se movimentasse para o pôrto, embora iluminado pelos reflexos do farol. A idéia é necessária, mas insuficiente. O mais belo ideal da vida, que é o cristão, tem seus admiradores

inativos, seus poetas que o cantam de longe, seus apologetas, seus diletantes — mais numerosos talvez do que os santos, que o realizam e vivem. Quantos recebem o *ensino* do ideal cristão, e não o abraçam? Conhecem a doutrina católica, e não a praticam? Nós mesmos fazemos o bem que vemos necessário? Cumprimos as resoluções que tomamos? Como Ovídio, vemos o que é melhor e o aprovamos, mas fazemos o pior: *Video meliora proboque, deteriora sequor.*

43. Importa decidir-se

A vontade não acompanha a inteligência. Por quê? Primeiramente, porque a idéia nos está apenas conhecida. É uma lição sabida, que não penetrou nosso cerne, não desceu raízes às nossas profundezas, não abarcou o nosso ser, não se tornou convicção. Depois, porque nos falta a vontade, que ou não foi interessada na questão (em virtude da superficialidade em que esta ficou) ou não foi suficientemente formada, a fim de ir por diante até o têrmo das decisões tomadas. Não basta, pois, um conhecimento qualquer do ideal cristão, nem uma vontade qualquer para nos decidirmos por êle. Não é uma luz qualquer que nos há de mostrar êste caminho de salvação, mas uma luz *clara.* Nem é uma vontade qualquer que nos conduzirá por êle, mas uma vontade *forte.* Não é verdadeiro ideal o que apenas vimos, mas o que *de fato desejamos.* Porque não é uma idéia qualquer que nos inclina à ação, mas a *idéia profunda, envolvente e amada.* Se a vontade não se mover, o ideal é inoperante. É que para a vida, além da luz, é necessário também o calor. E o ideal tem de ser essencialmente vida.

44. Papel da catequese

É aqui que o ensino religioso entra em cheio, para fornecer idéias, firmá-las na mente, metê-las no coração. Falo do ensino religioso bem feito. Não é a memorização de respostas áridas e impenetradas, mas a *apropriação da doutrina,* segundo a medida das mentalidades[11]. Não é uma imposição ditatorial, reprimindo dificuldades e calando objeções, mas a *aceitação da verdade* na serena aquiescência da inteligência, em face da repousante autoridade da Revelação, em Deus e na Igreja. Não é um ensino abstrato, desligado da vida, mas é uma *doutrina viva,* que tanto tem de transcendente como de cotidiana, informando tôda a aprendizagem, penetrando tôdas as disciplinas escolares, orientando todos os atos humanos. Não é o ensino sêco, dado para se aprender em função de provas, mas feito em condições de tocar a sensibilidade, mover o coração e inclinar a vontade. Por isso mesmo não se reduz ao programa e às aulas, mas transborda, e é o espírito que domina a mestres e alunos, porque é alma da educação e da vida.

Isto exige uma grande melhora nos processos do ensino religioso, uma liberdade intelectual muito maior dos alunos em face do mestre, aulas muito mais agradáveis, professôres católicos para tôdas as matérias, ambiente cristão em tôdas as escolas, e sobretudo catequistas muito mais bem aparelhados.

O que importa é que, através do ensino religioso, se apresente um ideal bem firme, e um forte desejo de realizá-lo.

45. As paixões

Quantas vêzes, guiados pela luz, arrebatados pela fôrça do ideal, empreendemos a arrancada, e... cansamos. Ou, já em pleno vôo, tolhidos pelos laços da animalidade, caímos ainda mais abaixo do ponto de partida? É que não somos só inteligência que vê e vontade que delibera: — somos também paixões, que inclinam para baixo, pedindo satisfações sensíveis. Então, para assegurar o triunfo, não basta ver e querer o ideal; importa domar as paixões, dobrando-as às exigências superiores — e mais até: pô-las a serviço do ideal, para não nos desperdiçarmos nas lutas com elas, mas tirarmos proveito de suas energias, para chegarmos mais fácil e seguramente ao pôrto que demandamos.

---

[11] Na convicção desta necessidade, tenho consagrado toda a vida à melhora do ensino religioso entre nós. Aplicando à catequese as modernas conquistas da pedagogia, escrevi os 4 volumes do "MEU CATECISMO" para o curso primário (um para cada série) e os textos para o secundário ("Minha VIDA CRISTÃ" — 1.ª série; "A DOUTRINA VIVA" — 2.ª série; "AS FONTES DO SALVADOR" — 3.ª série; "O CAMINHO DA VIDA" — 4.ª série; "HISTÓRIA DA IGREJA" — 1.ª colegial). Tudo foi ordenado no sentido de conseguir que o aluno goste do Cristianismo, incorpore suas doutrinas, impregnando-se delas e vivendo-as.

46. O lugar das paixões

As paixões têm, pois, o seu lugar, e não pequeno, na persecução do ideal. Atendamos bem: na persecução. Na concepção, o trabalho é da inteligência: ela conhece a verdade e fixa o ponto final da atividade do sujeito. Se deixássemos esta tarefa às paixões, teríamos o fanático, e não o homem razoável. Mas é de ver como o fanático é decidido! É que a vontade é mais inclinada a agir sob o impulso quente das paixões que à luz fria do raciocínio. Se desprezarmos, em questão de ideal, a energia passional, corremos o risco de multiplicar os diletantes; como se desprezássemos a inteligência, prepararíamos fanáticos. A solução está em interessarmos as paixões no verdadeiro ideal, aproveitando de suas fôrças, preparando-as, cultivando-as e canalizando-as para a propulsão moral.

47. Convergência de fôrças

Assim fazemos convergirem tôdas as faculdades humanas para o mesmo ponto. Dividi-las seria enfraquecê-las. Uni-las e disciplíná-las é multiplicar-lhes a fôrça e a eficiência. Na verdade, tudo depende da vontade, que é a faculdade mestra da vida; e por isso mesmo é que, tendo-lhe a inteligência apontado a meta, pomos as paixões a seu serviço. Do contrário, o trabalho tornar-se-á (salvo nuns poucos, excepcionalmente bem dotados) extremamente cansativo e penoso, de lutas estéreis, em que o homem vê a luz brilhar no alto, e procura atingi-la, arrastado para baixo pelas paixões.

48. Canalizar as paixões

Estão em pontos opostos a luz do ideal cristão e as fôrças cegas das paixões. O trabalho de disciplinar essas fôrças pertence à vontade, a qual, paradoxalmente, tanto mais funciona quanto mais acionada pelo calor das paixões. Tudo está em atrelar os corcéis das paixões ao carro da vontade e arrancar para ideal.

Será impossível canalizar essas fôrças violentas e dispersas e aproveitá-las a serviço da grandeza moral do homem? Não, mas não é tão fácil. Devemos contar com a desorganização conseqüente ao pecado original. Ainda o homem regenerado pela graça continua por demais inclinado para os bens sensíveis, objeto das paixões, e com dificuldades para as ascensões morais. Não é, pois, tão fácil aplicar as energias sensíveis ao ideal cristão. Mas é possível. Mais ou menos como as outras energias naturais, as paixões poderão produzir devastações ou benefícios, quando entregues a si mesmas ou devidamente dirigidas. É questão de técnica. Mas de uma técnica ao alcance de todos. Tanto pode ser cientificamente dirigida e dosada, como intuitivamente aplicada. Se Aristóteles falava da "arte de filosofar com as paixões", o homem mais rude sabe aplicar ao bem as próprias energias emocionais, quando o quer. Porque as paixões, em si indiferentes, se tornam boas ou más, segundo o rumo que lhes dermos. São como a argila, da qual o oleiro, segundo a sua vontade, faz vasos de serventia honorífica ou vulgar (Cfr. S. Paulo — Rom. 9, 21).

49. Domínio necessário

Mesmo quando se tratar de paixões fortes, como em certos temperamentos, ou nos jovens em geral, é muito possível o seu bom encaminhamento. E não só possível, mas benéfico. Se são grandes as energias, grandes serão também os resultados colhidos de seu aproveitamento. Mas também é claro que maior técnica (domínio das fôrças cegas) exige o aproveitamento de Paulo Afonso que o da bica do monjolo.

Esta técnica do homem em si próprio, do educador sôbre o educando é domínio da pedagogia. Deixadas a si, essas fôrças desorganizadas não obedecerão ao chamamento da vontade. Devem estar submissas, disciplinadas, acostumadas a obedecer: e então obedecerão. Por isso é que êste domínio das paixões há de ser permanente e começar cedo.

50. No ideal cristão

Pode parecer, à primeira vista, incompatível com as paixões o ideal cristão. Umas são movimento da sensibilidade e tendem, por natureza, para os bens sensíveis. O outro é por si mesmo sobrenatural, vive da graça divina, tem como fim desapegar o homem dos bens dêste mundo, fazê-lo renunciar a si próprio, para viver a vida "escondida com Cristo em Deus" (Col. 3, 3). A dificuldade está sobejamente resolvida. Milhões de homens viveram integralmente o ideal cristão. Paixões as tinham, e alguns, sabidamente fortes. A ambição de Francisco Xavier, o arrebatamento sensual de Agostinho, o ardor combativo de Paulo de Tarso, a energia de Ambrósio, e tantos outros exemplos, são alegações clássicas. A solução do problema nem é a morte das paixões, como faziam os estóicos, nem a sua desenfreada satisfação, como pretendiam os epicuristas — uns e outros com seus seguidores ainda hoje: comunistas e burgueses. Para o cristão, as paixões continuam a existir: apenas devem ser postas a serviço da santidade.

51. O exemplo de Cristo

No mais alto padrão do nosso ideal, elas lá estão realizadas e visíveis, mas a serviço do bem. A *cólera* de Cristo foi sagrada: — contra os hipócritas e os profanadores. O seu *temor* ante os sofrimentos submeteu-se à vontade do Pai. A sua *aversão* era ao mal, e não aos homens. A *alegria,* a *audácia,* a *tristeza,* o *desejo* — tôdas as paixões enfim estão no Evangelho, vividas e glorificadas pelo Senhor.

52. Os fracassos

Como explicar certos fracassos na educação? Compreendem-se fàcilmente, quando os educadores não têm e não dão o ideal cristão. Mas nos educadores cristãos? E quem não sabe como são freqüentes êsses fracassos?

A primeira explicação é a própria natureza humana: onde houver as fraquezas humanas, não estranhemos fracassos morais, embora devamos lamentá-los.

Outras causas cooperam. Apresenta-se mal o ideal, deforma-se o caminho da virtude, erra-se o método para a canalização das paixões (colhendo resultados precisamente contrários). Ou não se conta com a indispensável cooperação das *esferas educacionais* — a escola faz: o lar desmancha; a Igreja planta: o lar e a escola arrancam; a mãe eleva: o pai destrói; etc. Ou são as esferas *extra-educacionais* que não auxiliam, e até prejudicam: sociedade, imprensa, rádio, cinemas, teatros, com sua fôrça indireta mas poderosíssima, muito mais eficiente, em geral, do que a ação direta dos educadores.

Também, é importante a adaptação de cada educando ao ideal — o que supõe um conhecimento do sujeito, que os educadores infelizmente estão muitas vêzes longe de possuir.

53. Erros de método

Os processos para a formação da vontade geralmente usados, apesar das melhores intenções, têm fracassado, por erros de método. Sabemos como os educadores moralmente melhores se tomaram de pavor das paixões, confundindo-lhes os maus efeitos com sua própria natureza e arremeteram diretamente contra elas, num combate que seria inútil, se não fôsse contraproducente.

A dificuldade está em pôr as paixões a serviço do ideal, em fazer com que o educando *se possua* do ideal e o *queira,* disposto a empregar *tôda a sua energia* em persegui-lo e alcançá-lo.

54. Fôrça do ideal cristão

Em vista dos erros cometidos, de admirar não é que haja fracassos, mas que ainda sejam tão bons os resultados colhidos. E nisto se mostra a grande fôrça do ideal cristão; mesmo assim, produz resultados! Quais seriam êstes, se dêle déssemos o conceito verdadeiro, se usássemos métodos adequados, se orientássemos as paixões no rumo do bem, se nos valêssemos dos recursos que a psicologia põe a nosso alcance!

55. Falta o ideal

Aliás, os resultados educacionais que aí estão se devem não ao ideal cristão (ausente da educação do mundo atual) mas precisamente à sua falta. Fazer do homem centro e fim da própria existência, só pode dar as tristes conseqüências que atormentam a humanidade em nossos dias. Sentem todos que é preciso reformar e melhorar os homens. Sentem muitos que é preciso fazê-lo pela educação. Preocupam-se em aperfeiçoar método, agitam-se em busca de melhores processos, multiplicam pesquisas, centuplicam testes, analisam o educando sob todos os prismas e... verificam, espantados, a inanidade de tudo. Eucken é sincero: "Pretendemos melhorar a educação, sem estarmos antes de acôrdo com o seu fim". Caminha-se, caminha-se, sempre com mais rapidez e perfeição, mas sem se saber para onde. O homem moderno perdeu o enderêço, como disse Chesterton. Dão-lhe destinos parciais, insatisfatórios, que orientam apenas determinadas atividades, mas não orientam a vida. A verdadeira finalidade, o verdadeiro ideal não lhe dão. E êle se barbariza: "O homem sem Deus,... não é um homem, é um bárbaro", ensinou Pestalozzi.

Eis por que tanto se fala em educação, tanto se aperfeiçoam métodos, e tão pouco se consegue.

56. Insistamos no essencial

Compreende-se que os católicos insistam nos seus valores, salientando a fôrça do ideal cristão, hierarquizando as etapas educacionais, adaptando meios ao fim, pondo a seu serviço as melhores conquistas da pedagogia. "No ideal educativo está a alma de tôda a doutrina pedagógica", escreve De Hovre. E Spalding, o grande pedagogo católico norte-americano, afirma que "analisar e explicar êste ideal é mais importante que os milhares de problemas que preocupam os pedagogos".

57. O testemunho de Spranger

Explica-se que muitos, retos e bem intencionados, estejam voltando com pressa à educação cristã, rendidos à elevação de seus propósitos, à segurança de seus rumos, à fôrça de seus meios, à própria verificação de seus resultados benéficos.

Percebe-se uma velada ou expressa simpatia ao ideal cristão, mesmo naqueles que inexplicàvelmente ainda se conservam de fora, invejando os que têm a fortuna de estar dentro. Quando o P. Schoteler foi freqüentar o curso de pedagogia da Universidade de Berlim, perguntou-lhe Spranger: "Padre, que veio fazer aqui? Aprender pedagogia? Mas nós não lhe sabemos ensinar coisa alguma. Vocês católicos põem Deus na base de tôda a educação. Nós, porém, estamos à procura de uma base, e cada um começa onde o seu antecessor começou".

*

Fixar-nos no ideal cristão é, pois, o primeiro passo na educação. Mas fixar-nos de tal modo — conceito, métodos, vida — que possamos fazer com que cada educando se apodere dêle como coisa sua, realizando-o e vivendo-o.

EDUCAÇÃO FÍSICA

"Cuidar do corpo para servir à alma"

MODÊLO de equilíbrio, o Cristianismo dá ao corpo humano a merecida importância. Nem o despreza, como os platônicos; nem o endeusa, como os epicuristas.

58. Conceito cristão do corpo

Mero limo da terra, foi contudo o corpo formado por Deus, que lhe insuflou o espírito vivificante (Gn. 2, 7). Propriedade divina, êle nos está cedido em usufruto; cabe-nos respeitá-lo, conservá-lo, dirigi-lo para suas elevadas finalidades. Habitação e instrumento da alma, é por êle que nos pomos em contato com o mundo exterior. E se nada faz sòzinho, também a alma sòzinha nada faz — pois, são ambos substâncias incompletas que formam uma única substância completa: — o homem.

59. Na mais alta função

Dentro dêstes princípios, a Igreja assegura os direitos do corpo, condena os que o consideram como elemento do mal (maniqueus, montanistas, jansenistas), cerca-o dos cuidados capazes de mantê-lo em sua dignidade, conservá-lo em sua inteireza e em suas harmoniosas funções. Precisamente por isto ela ensina a necessidade da mortificação, urge o respeito às exigências do pudor, proscreve os usos imoderados dos sentidos, numa ascese construtiva, que só cerceia os excessos e visa a conduzir mais fàcilmente o corpo à sua dignificante função de servir à alma. Tão grande é o respeito da Igreja ao corpo humano que, mesmo depois da morte, ainda o cobre das suas bênçãos, proíbe a sua incineração, sepulta-o em lugar sagrado, onde êle, à sombra da Cruz do Redentor, aguarda o dia da glória na ressurreição, para desfrutar no céu o prêmio das boas obras de que foi autor juntamente com a alma.

Compreende-se, pois, que a educação física constitua uma das preocupações do educador cristão, como parte integrante da educação geral.

60. A boa saúde

A educação física consiste nos cuidados para assegurar ao corpo a perfeição do homem integral. Não se limita a determinado momento do dia, à hora de ginástica, à participação em jogos atléticos.

Abraça, a bem dizer, tôdas as atividades, porque mesmo as de caráter intelectual e sobrenatural reclamam condições físicas. Ao educador compete orientar e assistir *agora* a criança, de modo a poder ela formar hábitos que lhe assegurem *sempre* um corpo saudável.

Assim, *a finalidade primeira da educação física é a boa saúde.* Naturalmente falando, é a saúde condição essencial de bem-estar e felicidade neste mundo. Sem ela, o trabalho é demasiado penoso, e às vêzes impossível. E o homem pode tornar-se um pêso à sociedade. No mínimo, terá reduzida a capacidade de trabalho que a robustez física lhe garantia, resistente e multiplicada.

Uma saúde rija supõe órgãos sadios, corpo ágil e esbelto, capaz de atingir fàcilmente suas finalidades, proporcionando alegria de viver no pleno desenvolvimento das suas faculdades. Só os santos e os heróis vivem alegres no sofrimento e na doença. Ao comum dos homens, à imensa maioria, a euforia física é a primeira fonte de alegria.

61. Reflexos superiores

A vida intelectual se beneficia da boa educação física. Sendo a inteligência servida por órgãos, o bom funcionamento dêstes facilita o trabalho intelectual. Sabemo-lo na experiência de cada dia, confirmada por dados dos peritos.

As estreitas relações entre o corpo e a alma exigem um organismo tranqüilo e bem disposto para que sejam harmônicas as reações psíquicas. Quem não sabe como um mau fígado ou simples retardo intestinal tornam o homem *amargo* ou *enfezado*?

Reflexamente, a educação física, feita na sua verdadeira finalidade, produz bons efeitos na vida psíquica e nas relações domésticas e sociais.

62. Dominar a matéria

O grande sentido da educação física é assegurar ao homem o domínio do espírito sôbre a matéria. É dar ao jovem um espírito forte através de um corpo forte. É formar virilidade, no melhor sentido da palavra. É preparar pessoas saudáveis e enérgicas, que vençam com facilidade o calor e o frio, a chuva e o sol, o cansaço e a dor, a fome e a sêde, a timidez e o mêdo, a inibição e o respeito humano, a preguiça, a impureza, a covardia, a traição ao dever e tôdas as tentações. Esta fibra moral é a finalidade verdadeira de tôda educação, e a educação física há de colimá-la, se quiser ter sentido humano. A resistência física preparando a resistência moral.

63. Para servir à alma

Condição da vida humana, a educação física invade tôdas as nossas atividades. Mas tem seu lugar bem marcado, modesto, embora fundamental.

Serve ao corpo. Ora, o corpo é apenas parte do nosso ser. E parte subalterna. Logo, cuidar do corpo pode ser o primeiro cuidado na ordem das realizações, mas não na ordem da finalidade. Cuidamos do corpo para servir à alma. A educação física só tem sentido humano quando constitui o primeiro degrau da formação do homem integral. Quando está para a educação geral assim como o corpo está para o homem. Quando cuida do *organismo,* tendo em vista a *pessoa.*

Firmemos bem êste ponto essencial, a cuja luz serão resolvidos os mais sérios problemas das relações entre a cultura física e a moral cristã.

Deter-se no corpo, perdendo a visão dos planos superiores da inteligência e do dever, não é educar um homem: é adestrar um bruto. Se os cuidados físicos se excedem, tomando lugar à formação intelectual ou dificultando e até impedindo o cumprimento do dever, não são educativos, mas antieducativos.

64. Que seja educação...

Importa muito não confundir *cultura física* com *educação física.* Aquela pode exceder-se nos seus exercícios, nas preocupações de fazer antes o animal que o homem, nos modos brutalizantes, na formação dos ideais subalternos do adolescente, na hipertrofia da fôrça corporal. Não é educação. Não respeita a hierarquia dos valores. Detém-se no corpo, como se fôsse o ponto final e não houvesse uma escada a subir. Esbulha as faculdades espirituais para servir às orgânicas. Depaupera a alma para enriquecer o corpo. Tumultua o homem. Subverte a ordem moral. Mente à própria finalidade: *"Mens sana in córpore sano"* — Um corpo sadio como condição para uma alma sadia. Esta finalidade só é possível, guardada a submissão do corpo. A própria equiparação do corpo à alma já seria desproporção e desordem. Quanto mais a superposição! Então, seria contrasenso. Não seria mais o corpo para servir à alma. Seria a inversão dos valores[12], ou o desconhecimento do verdadeiro valor do homem, que está nas fôrças espirituais. Seria o corpo, sadio e robusto, em

---

[12] "Tornada *única,* essa preocupação é, de toda evidência, alta, altissimamente prejudicial. E prejudicial sob muitos pontos de vista. Dando atenção só à robustez física, os moços descuram sua formação intelectual. Como que esclerosam o cérebro à força de ginástica. Ainda mais: o demasiado amor ao corpo leva essa mesma mocidade a um menor zelo pela parte espiritual e moral da educação". (Everardo Backheuser: *Técnica da Pedagogia Moderna*).

prejuízo da alma.

65. Não prejudique os deveres

Imaginemos que as práticas físicas redundassem em desgôsto por livros e deveres escolares. Ou afastassem da Missa de domingo. Ou apaixonassem de tal modo os espíritos que já não houvesse outras preocupações. Ou conduzissem ao culto exclusivo da fôrça, brutalizando os jovens, embotando-lhes os sentimentos elevados, fixando-os nos "ídolos" do sôco e do chute. Poderíamos, em sã linguagem, chamar a isto de educação? Não; porque seria dar ao corpo o mais alto lugar na pessoa humana (quando a educação visa a elevar cada vez mais), seria incidir na exaltação da fôrça que é sempre sintoma de atraso, assim dos indivíduos como da sociedade.

66. Quando a Igreja a condena

Se o bom senso condena a *cultura física* quando se opõe à educação, não é de admirar que a Igreja a condene, sempre que ela se torna um perigo à formação moral, ou oferece ocasião de pecado, ou falta às normas da prudência, ou viola as exigência do pudor, principalmente "na juventude feminina, à qual fica muito mal qualquer exibição e publicidade". (Pio XI — *Encíclica "Divini Illius Magistri").*

Façamos a educação física, elemento da verdadeira educação, deixando-a para isto em seu lugar e na sua função.

A saúde, como a própria vida, depende de uns poucos elementos cujo bom uso a educação deve preparar e prover.

67. O ar

Ainda temos muito o que fazer para que todos se beneficiem devidamente dêste *pabulum vitae,* que é o *ar.* Em salas fechadas trabalha-se, estuda-se, dorme-se. Quando alguém adoece, cerram-lhe logo as janelas, mesmo em hospitais. As salas de aulas, com quarenta e mais alunos, fechadas!

Ora, sabemos quanto o ar é necessário ao nosso organismo. Contém 20,99 % do oxigênio, tão indispensável que, descendo a 7 ou 8%, já se perdem os sentidos. No ambiente fechado, a respiração vai consumindo o oxigênio e expelindo o gás carbônico, tóxico dos mais violentos. Se são muitos no recinto, uma hora basta para tornar a atmosfera nociva à saúde[13].

Isto produz uma lenta intoxicação que diminui a capacidade de trabalho, principalmente intelectual. Experiências provaram que os alunos aprendem mais fácil e ràpidamente com as janelas abertas. E são mais tranqüilos, menos excitados.

São condenáveis os recintos fechados, máxime coletivos, como dormitórios, salões, cinemas e teatros, ainda mais quando superlotados. É preciso que todos, principalmente crianças e adolescentes, trabalhem, estudem, durmam em ambientes bem arejados. Os jogos e recreios sejam, quanto possível, ao ar livre.

68. A luz

Por sua atuação sôbre o corpo como agente químico, e como condição para uma boa visão, é a luz, principalmente solar, outro elemento necessário à nossa vida.

Deficiências e excessos de luz e sol causam prejuízos. Os excessos cansam os nervos, irritam os olhos. As deficiências forçam a vista, diminuem o funcionamento da pele, favorecem a proliferação de micróbios.

E logo se refletem na vida escolar. As crianças se cansam, desgostando-se do estudo, fugindo às tarefas que demandam maior aplicação da vista, ou fazendo-as mal. Experiências mostraram que,

[13] Esta alteração do ar, imperceptível aos que estão dentro e se foram afazendo insensìvelmente, torna-se insuportável aos que vêm de fora. Estes percebem ainda outras alterações, devidas às emanações orgânicas. Sem falarmos dos miasmas, de que se carrega o ambiente.

bem dosada a luz, os alunos passaram a trabalhar com mais gôsto e correção.

São alegres os ambientes bem iluminados, e a alegria verdadeira influi benèficamente no ânimo dos menores.

69. O alimento

A preocupação aqui é formar hábitos que correspondam à finalidade da alimentação e à dignidade humana. Qualidade, quantidade, horário, modo, tranqüilidade, são essenciais.

As tabelas alimentares, hoje muito divulgadas, ensinam de que substâncias precisamos e até em que relativa quantidade para a manutenção normal.

O educador informe-se e oriente as refeições pelo seu valor alimentício. A arte culinária disponha os alimentos de modo que o gôsto facilite o que fôr mais indicado à saúde.

70. Domínio do paladar

Crianças e adolescentes, em pleno desenvolvimento, têm melhor apetite que os adultos. Como, em geral, têm "os olhos maiores que o estômago", e mais fàcilmente se deixam levar pelo gôsto que pelas necessidades, devem ser educados para não se excederem. O hábito de comer o que está à mesa não é apenas das boas maneiras: supõe domínio de si e é indício de espírito cristão, pois é recomendação do Senhor aos seus discípulos: "Comei o que vos servirem" (Lucas, 10, 8).

Crianças que comem a todo instante, em vez de o fazerem só às refeições, mais prejudicam à fortaleza moral, ao domínio de si, que à boa digestão e robustez corporal.

71. À mesa

As boas maneiras ao comer são específicas da espécie humana, muito mais que simples exigência de bom-tom.

Quem, ao alimentar-se, pela voracidade, pela patente satisfação, pela ausência de correção, se assemelhasse aos animais, estaria caindo da dignidade de homem, além da má impressão que de si deixaria. À mesa, como em poucas oportunidades, se conhece um homem educado. É pena que o estejam esquecendo tanto as nossas famílias, com as maneiras "americanas", desgraçadamente introduzidas entre nós.

Seja a refeição um momento tranqüilo, de amável convivência doméstica. Todos à mesa em seus lugares certos ou prèviamente indicados pela mamãe, sem pressa, falando de assuntos agradáveis, em tom moderado, aguardando o momento de ser servidos, se disporão a tôdas as vantagens da alimentação.

72. Corpo e espírito

Aqui está oportunidade excelente para o exercício da *temperança,* um dos esteios da vida moral. Alimentar o corpo para servir ao espírito! Para isto, o espírito deve comandar a alimentação, refreando os excessos, ditando as abstenções necessárias à saúde, a sobriedade tão digna do homem, e a mortificação, controladora dos desregramentos do paladar, como de todos os instintos. Aqui está a raiz de muita virtude ou de muita desordem. O grande De Maistre disse que só sabe conter-se, aos 30 anos, diante de uma mulher bonita, quem, aos 3, aprendeu a conter-se diante de um bombom.

73. A refeição cristã

O cristão, que santifica tudo, não pode deixar de santificar esta função fundamental. Ela subirá assim do mero plano animal para o sobrenatural, próprio do cristão, que tudo faz para a glória de Deus, ainda que seja o comer e beber (Cfr. 1 Cor. 10, 31). A família cristã reza antes e depois da refeição. Ainda melhor: que o faça em comum.

74. O sono

Cuidemos, desde cedo, de formar o hábito de dormir bem, importantíssimo, pois muitas dificuldades à educação podem originar-se de sua ausência. Várias condições lhe são necessárias.

Um ambiente propício: arejamento farto, iluminação fraca, colchão antes duro que macio, travesseiro baixinho ou nenhum, temperatura amena (a mania de enrolar as crianças em tanto cobertor serve apenas para aquecê-las demais, tornando-lhes o sono agitado e insatisfatório), roupas leves.

Horário certo. A duração do sono depende muito da idade[14].

Acordar cedo é a boa norma: — que o sol não nos encontre no leito. Os que têm de dormir muitas horas deitem cedo. Aos maiores se pode conceder mais largo recreio, sempre calmo, principalmente se são crianças nervosas. Conversas animadas, brincadeiras agitadas, espetáculos excitantes, etc. prejudicam o sono.

De 8 anos em diante acorde-se a criança a hora certa. Digamos 6 horas. Despertem-na com moderação, para não sobressaltá-la. Uma vez, porém, acordada, deixe o leito imediatamente: o leito é para dormir. Aos que vigiam êle é mau conselheiro; péssimo, aos adolescentes. É excelente o tempo matinal para o estudo e a preparação das lições.

75. Vencer as dificuldades

Nas cidades grandes, cheias de atrações noturnas, é difícil formar êste bom hábito nos filhos. Não serão dificuldades que farão capitular os educadores conscientes, os pais realmente desejosos do bem dos filhos. Um pouco de firmeza tranqüila e perseverante bastará. As próprias crianças se acostumam.

6. Graves conseqüências

O excesso ou a deficiência de sono trazem numerosos inconvenientes. Insônias e sonolências, perturbações nervosas, inapetências, deficiências escolares, moleza física e moral, vício, nascem muitas vêzes daí. E isto se prolonga pela vida afora, depauperando, neurotizando, infelicitando. Que responsabilidade a dos pais! É um dos indícios mais evidentes da boa ou má educação que têm e dão.

Aqui como em tudo pesa o exemplo. Se a mãe acorda às 10 horas...

77. Asseio

Eis outro hábito a formar na criança, desde muito cedo, com paciência e perseverança.

Limpa no corpo, nas vestes, no ambiente. Mais do que ninguém, ela tem necessidade do banho diário, à tarde, antes do jantar, para ir limpa para o leito.

Outros cuidados, lavar as mãos ao voltar da rua, ao sair da privada e antes das refeições, escovar os dentes depois das refeições, não levar à bôca a mão ou objetos impróprios, não comer frutas sem lavar, etc., igualmente preciosos, demandam assistência e perseverança.

Socialmente, a higiene torna tão amável a convivência quanto é repulsivo o seu desprêzo. Moralmente tem repercussões. O homem que se acostumou a cuidar dignamente do corpo, aprende a respeitar-se, a evitar os atos que o desrespeitem. Sabe-se quanto a higiene facilita a castidade, sem ser necessário fazer disto um cuidado direto.

Os adultos não devem contribuir apenas com constantes e tranqüilas recomendações, mas com as lições vivas das atitudes habituais e do ambiente que oferecem aos educandos.

---

[14] Aos 2 e 3 anos, as crianças devem dormir 12 a 14 horas, sendo 2 durante o dia. Este sono diurno pode ser de 1 hora até aos 5 anos. De 5 a 7, devem dormir 12 horas, podendo eliminar o sono diurno. De 8 a 10 anos, 10 horas de sono. Aos adolescentes bastam 8 a 9 horas.

78. Recreios

Normalmente, se bem feitos, devem bastar às necessidades das crianças.

A recreação dirigida ainda é muito pouco praticada entre nós. Mas é indispensável nas aglomerações maiores de crianças e jovens e os nossos colégios, sobretudo de internos, devem fazer dela uma de suas praxes. É que os menores, reunidos, precisam mais de recreação, e, numerosos, precisam mais de direção. E internados, ainda mais de ambas as coisas.

Tão grave é a necessidade de recreação para crianças, que se percebe clara e fàcilmente a diferença entre as que brincam e as que não brincam. Já hoje se responsabiliza a falta de recreação ou sua má orientação, por certas neuroses infantis (Cfr. Dr. F. Schneersohn — *La neurosis infantil).* Os pais nunca o deviam esquecer. Alguns dificultam jogos e recreios dos filhos, a pretexto de que os barulhos os incomodam ou os vizinhos, nas habitações coletivas, que constituem outro motivo de neuroses nas crianças das grandes cidades.

Entre o abandono da crianças a si mesmas e a demasiada dependência do adulto que lhes impõe o jôgo e lhes cerceia ou extingue a iniciativa e a espontaneidade, a boa atitude será: deixar que brinquem quanto necessário; assisti-los discretamente; dar-lhes espontaneidade suficiente a suas legítimas expansões, de acôrdo com idade e sexo.

Com os escolares, devem os recreios enquadrar-se-lhes na vida de estudantes, reparando-lhes as fôrças nervosas, que o trabalho desgasta muito mais ràpidamente nos jovens do que em nós.

Demasiá-los no tempo, no modo, etc. será produzir ou agravar êsse desgaste. Afastando do amor ao trabalho, do cumprimento do dever, levando à enervação e à desídia, tornar-se-iam os recreios perniciosos, quaisquer que fôssem as vantagens corporais. Importa proporcioná-los: aos pequeninos, mais largamente; reduzindo-os, à medida em que aumentam as responsabilidades e trabalhos, até que nos adultos se justifiquem quando reclamados por novas tarefas.

Devem ser ou estar doentes as crianças que não gostam de brincar. A vida sedentária, pouco indicada mesmo aos adultos, é totalmente contra-indicada às crianças. Levemo-las então a recrear. Sem excessos de autoridade. Com liberdade de escolha. De modo a beneficiá-las.

79. Jogos e brinquedos

Não cabe aqui o interessante estudo das teorias sôbre o jôgo infantil[15]. Preferimos princípios e indicações práticas. Lembremos que a criança, desde o berço, precisa de movimento; as suas caminhadas, correrias, saltos, etc. cansam mais aos adultos do que a ela; as dificuldades lhe aprazem: esforços no transporte de objetos, em armar os brinquedos, em vencer os obstáculos; os exercícios são repetidos por prazer que corresponde a necessidades (subir e descer um degrau, bater bola, etc.); o jôgo é uma atividade funcional da criança, e por isso é realizado por ela com uma seriedade vital (e os adultos não o devem interromper sem motivo sério, menos ainda ridicularizá-lo); a criança, instintivamente, sabe mais o jôgo que lhe convém do que nós que lhe queremos impor nossos gostos adultos (e o papel do educador é antes cooperar nos jogos, impedindo o que fôr nocivo, e orientando nas atitudes); nossa intervenção demasiada nos jogos, ou nossa solicitude em desfazer dificuldades é prejudicial, porque ou cerceia a iniciativa, inibe, ou amolece corpo e espírito, com complexos de inferioridade e dependência; a criança para jogar bem precisa de:

1) *local:* ar e sol, espaço suficiente e condições de segurança;

2) *brinquedos:* poucos (muitos até enervam), simples (os complicados ou desgostam ou exigem total dependência do adulto ou logo se quebram), construtivos (úteis à educação), sobretudo proporcionados à idade[16];

3) *companheiros:* em geral da mesma idade, principalmente se pequeninos, inclusive para não se cansarem acompanhando os maiores;

---

[15] Claparède, em "Psicologia da Criança", dá um bom ensaio a respeito. Sílvio Rabelo, em "Psicologia da Infância", faz um resumo das teorias correntes, didático, satisfatório.

[16] Ver em "Prepara teu filho para a vida", do Dr. Odilon de Andrade Filho, a "Lista de brinquedos e jogos adequados a diversas idades".

4) *dirigentes:* que cooperam e orientam.

80. O papel do educador

O grande papel do educador é observar as atitudes das crianças no jôgo, pois aí as tendências e aptidões se revelam com a fôrça da espontaneidade que não encontraremos em qualquer outra oportunidade, e que permitem orientações seguras a observador atento e atilado[17].

O jôgo como corretivo de defeitos físicos requer cuidados especializados. Como corretivo moral bastam-lhe as atenções inteligentes do educador convencido de que não perde tempo quando brinca com as crianças ou lhes assiste aos folguedos.

81. Excursões e passeios

Enquanto os exercícios de ginástica infelizmente quase só se realizam nos colégios, lembremos aos pais as vantagens das excursões a pé (caminhar é dos exercícios mais completos), do contato com a natureza, da natação, das regatas, etc. Os que residem em grandes cidades facilitem aos filhos essas oportunidades, e lhes proporcionem férias no campo.

Os cinemas são muito pobres como recreio, sem contarmos aqui os freqüentes inconvenientes morais.

Os passeios de automóvel podem divertir as crianças, mas são paupérrimos, por nada trazerem diretamente à robustez física e até prejudicarem à moral alimentando mentalidades burguesas, excessivamente comodistas e fracas, quando a verdadeira educação física visa a formar um corpo sadio e resistente para servir a um espírito ainda mais resistente e sadio.

[17] O Dr. Odilon de Andrade Filho cita na íntegra o interessantíssimo quadro de Lasaurski, com a significação psicológica das várias reações da criança no jogo.

EDUCAÇÃO INTELECTUAL

"Cuidar da inteligência
para servir à vontade"

PELAS faculdades espirituais é que somos homens. Embora dignificado pela unidade do ser com a inteligência e a vontade, o corpo é a parte animal; o espírito é que lhe dá sentido humano. Ficar nos sentidos seria ficar no animal. Quando subimos ao espírito é que atingimos pròpriamente o homem.

A verdadeira educação visa pròpriamente à inteligência e à vontade. E como a inteligência é a faculdade mestra, para ela nos devemos orientar. A vontade, por si, segue a reta inteligência, quando desimpedida dos obstáculos. Diretamente, é muito mais à inteligência que nos devemos dirigir. Formá-la devidamente é o mais precioso, o mais importante, e freqüentemente o mais esquecido cuidado.

§ I — O OBJETIVO

82. Capacidade de julgar

A finalidade da formação intelectual é *dar ao educando capacidade de julgar com acêrto*.

Os sentidos apreendem. A imaginação representa. A inteligência dá o primeiro passo: apodera-se da imagem, despindo-a de suas características individuais, universalizando-a. Trabalha as idéias, juntando-as ou separando-as, afirmando ou negando: — é o juízo.

Conduzir o educando à boa formação dos juízos é a grande tarefa da educação intelectual. Nisto entram *os sentidos,* com a apreensão clara e precisa do objeto nos seus aspectos sensíveis. Entra *a atenção,* em cuja formação o educador não deve poupar esforços. Entra *a análise,* decompondo o objeto em suas várias partes — ou *a síntese,* reduzindo os conjuntos à maior simplicidade possível. E todo o precioso trabalho de comparar, de unir ou separar idéias, de estabelecer-lhes a conveniência ou oposição, é *da reflexão* — a volta da mente aos próprios atos. Sòmente assim se forma a inteligência, e se leva o educando à capacidade de julgar, básica no conhecimento das coisas, no discernimento dos homens, na própria vida moral, na qual o homem deve agir pelo aferimento dos valores humanos e divinos.

83. Capacidade de expressão

Como os juízos se devem manifestar, a formação intelectual supõe a *capacidade de exprimir-se* com clareza e precisão. Quando são claras as idéias e bem formados os juízos, é fácil dar-lhes a expressão verbal correspondente. Geralmente nos exprimimos confusamente quando nos estão nebulosas as idéias. Se temos claro o verbo mental, raro nos falta a palavra correspondente. Creio pouco, por isso mesmo, nos que "sabem, mas não sabem dizer": não sabem, ou sabem mal.

Fixada a finalidade, examinemos os caminhos a percorrer.

§ II — EDUCAR OS SENTIDOS

84. Sentidos perfeitos

Nada chega à inteligência senão pelos sentidos. O cuidado dos órgãos fica à educação física: conservá-los, fortalecê-los, corrigi-los quando necessário, através das boas normas da higiene. É que boas condições orgânicas muito podem ajudar à formação intelectual. Para as sensações exatas, a nitidez das idéias, e a aprendizagem escolar, o bom funcionamento dos órgãos é importante. Da negligência dêste cuidado ressente-se, às vêzes necessàriamente, o resto da educação, e, conforme o caso, de modo irremediável. Não é, pois, como se possa pensar, uma preocupação banal. Crianças que enxergam ou ouvem mal não podem aprender com facilidade, estudar com gôsto: o esfôrço da visão as cansa; a perda das explicações do professor as atrasa na classe. Freqüentemente atribui-se à preguiça ou à falta de inteligência o que é mera deficiência da vista e do ouvido. A experiência mostra como se tornaram amigas do estudo ou excelentes alunas as mesmas crianças, depois de devidamente corrigidas as deficiências.

85. Educar os sentidos

Importa não esquecer que "o homem é uma inteligência servida por órgãos", como disse De Bonald. E os sentidos se desenvolvem e aperfeiçoam pela educação. Não basta ver, ouvir, tocar, etc.; importa fazê-lo bem. Lembremo-nos de Cristo, aludindo tantas vêzes a "ouvidos de ouvir". O hábito do trabalho bem feito estimula a capacidade de nossos sentidos. Vejam de que é capaz o tato de um cego ou a visão de um surdo: — pelo esfôrço e pela aplicação é que atingem aquela acuidade. Wundt formulou para o fenômeno a lei de que "cada órgão aumenta sua capacidade de ação pela repetição do trabalho realizado".

86. Os trabalhos manuais

As escolas realizam trabalhos interessantes, que os leigos reputam erradamente perda do tempo, roubado às letras. Os trabalhos manuais mais simples — de dobrar, cortar, perfurar, colorir, decalcar — ou mais exigentes, como bordados, marcenaria e mecânica — ou mais delicados e meticulosos, como avaliar o pêso, a dimensão dos objetos — são apreciável elemento da educação dos sentidos.

Com os pequenos, os métodos de Froebel e Montessori dão ótimos resultados. Esferas coloridas, figuras geométricas diferentes, modelagem, encaixe, desenhos — importantíssimos os desenhos! — brinquedos de armar, etc. Na escola acrescentam-se a escrita, a leitura, as experiências, o desenho geométrico e artístico — em que os sentidos, conjugados, trabalham mais exigentemente. Os jogos que demandam habilidade, pontaria, contrôle muscular, golpe de vista, prestam grandes serviços[18].

87. O ouvido e a vista

Como sentido eminentemente social, o ouvido merece cuidados que têm sido muito desprezados geralmente.

Se os adultos falassem mais articulada e expressivamente, se os mestres não gritassem tanto, se a leitura fôsse mais inteligente e mais bem inflexionada, se as canções correntes fôssem mais elevadas, as crianças teriam outras facilidades neste terreno. Todos sabem quanto o tom e o modo de falar influem em nossas relações sociais. Acresce que sempre são acompanhados do gesto, da expressão fisionômica e da atitude. Tomem a frase mais simples: "Meu filho, vá estudar", experimentem dizê-la em vários tons e modos, com expressão súplice ou arrogante, amiga, mendicante ou ditatorial — e vejam qual é mais agradável e eficiente. Pela educação do ouvido

---

[18] Alguns desses jogos são muitos fáceis: jogar moedas ao pé da parede para ver quem mais se aproxima dela, jogar argolas sobre um pino, derrubar um marco com bolas, tiro-ao-alvo (há espingardinhas cuja "bala" fica pregada a superfície lisas), ou mesmo tênis, pingue-pongue, futebol quando bem dirigido.

forçaríamos até as radioemissoras a cessarem a enxurrada "musical" com que nos aturdem e deturpam o gôsto do nosso povo.

A vista e o ouvido terão muito a lucrar e a fazer pela educação, se pais e mestres encaminharem as crianças e os jovens para o seu aproveitamento artístico.

A visita a museus e exposições, a freqüentação dos concertos, a declamação e o canto, são atividades muito pouco aproveitadas entre nós, apesar do grande valor educativo.

Assinalados serviços presta a vitrola, em contraposição ao rádio, — com raras exceções, um elemento de corrupção artística no Brasil. Com a vitrola se proporciona boa música, em escala ascendente, de acôrdo com a capacidade da criança, desde a música popular (no bom sentido da deturpada palavra) até as mais finas composições.

São cuidados que só parecem pequenos aos que não sabem que os sentidos são o fundamento natural dos planos superiores da educação.

§ III — A CURIOSIDADE

88. Atender às perguntas

É tão necessário e imperioso o conhecimento do mundo ambiente que a própria natureza se encarrega de provocá-lo. A curiosidade está para a inteligência como a fome para o corpo: obriga a procurar o alimento. Os que reprimem a curiosidade infantil, cansados de tanta pergunta, ou respondem insatisfatòriamente ou não respondem por serem perguntas tôlas, estancam uma das primeiras fontes de conhecimento da criança. Pior, se não responderem com a verdade — embora nem sempre a crianças se possam dar explicações cabais. Aliás, não são necessárias, porque elas se contentam com a parte de verdade que são capazes de compreender.

89. A criança responda...

O educador percebe quando a criança está perguntando *demais.* Então, como educador, leva a criança a descobrir por si o que pergunta, já pela observação atenta, já por um comêço de reflexão. A falta de observação e de reflexão produz espíritos ligeiros, preguiçosos, mais propensos ao trabalho fácil e maquinal de memória que ao sério e profundo da inteligência. A preguiça mental dos nossos escolares, o pavor às matemáticas, a preferência por história, nascem daí. E a atual escola primária, com seu excesso de intuição, é muito responsável por isto.

90. Proceder com ordem

A maneira de favorecer a curiosidade tem também seus graus. Quando a criança já lê, façamos com que os livros lhe respondam. Então, nosso trabalho é dar-lhe êsses livros, ajudá-la a procurar a resposta e a compreendê-la. Freqüentemente os próprios livros escolares bastam. O mais sejam explicações complementares, que os pais acrescentarão. A satisfação que proporcionam os textos escolares tem a grande vantagem de fixar os alunos em seus estudos. Uma curiosidade dispersiva pode ser tão prejudicial aos estudantes como o descaso e a preguiça. Mas, se o aluno parte dos seus manuais e os completa em livros de maior desenvolvimento, ao mesmo passo serve à inteligência e ao dever. Isto, contudo, não significa que se reduza aos estudos propriamente ditos, sem cuidar das solicitações da imaginação e do gôsto. As leituras recreativas e artísticas desde cedo devem ser pábulo do espírito, contanto que fiquem nos justos limites. Excessos prejudicariam, como a ausência indicaria pobreza educativa e cultural.

§ IV — A ATENÇÃO

91. Preste atenção!

Reprimindo e corrigindo a curiosidade frívola, que cedo resvala para a perigosa, iremos despertando e orientando a sadia e fecunda, que tanto serve à formação intelectual e mesmo moral. Passado o borboleteamento das perguntas sem rumo aparente, guiadas contudo pela incoercível necessidade de conhecer, seja a criança paulatinamente encaminhada para o bom uso de suas faculdades nascentes. Muitas explicações ela mesma descobrirá, se *prestar atenção* ao que vê. Não lhe explicaremos que a atenção é a concentração das faculdades em determinado objeto. Mas pediremos que "preste atenção". Então, ela verá o que antes não via, ouvirá o que não ouvia, notará o que nunca notou.

92. As vantagens

Escolar, ficará satisfeita de compreender melhor, decorar melhor, descrever melhor. As regras aprendidas serão melhor usadas. Os exercícios, mais corretos. O aproveitamento, mais palpável. E é o mesmo aluno, antes tardio, faltoso, atrasado... Então a própria criança compreenderá espontâneamente como a atenção é o fator indispensável de todo o trabalho sério, e a condição essencial da aquisição dos conhecimentos. Mais tarde, em mais difíceis empreendimentos, verá que as elaborações intelectuais são mais filhas da atenção que do talento. E desde logo, percebendo que foi a atenção prestada às aulas que lhe garantiu o êxito nas aquisições e nos exames, concluirá que ela é também um elemento de sucesso na vida.

93. Cultivar a atenção

Cultivem os pais a atenção dos filhos. *Age quod agis:* faze o que fazes. A princípio, basta. Concentre-se no que está fazendo. Atente bem ao que vê e ouve. Vemos a sala: peçam à criança que a descreva. Observam uma vitrina: peçam a enumeração do seu conteúdo. Pasmarão da fraqueza de observação. Insistam. Mostrem. Ensinem a ver, com "olhos pensantes", como dizia um educador. Os exercícios se graduarão, dos mais simples aos mais complexos, de acôrdo com a idade, a mentalidade, o costume das crianças. Até chegarmos ao uso variado e simultâneo da atenção, tão necessário à vida social e profissional — ou mesmo à simples segurança física de quem vive numa grande cidade. Isto pode ir dos jogos de encaixe para os pequeninos aos mais complicados problemas de matemáticas. Aliás, exercem aqui um grande papel os jogos: de engenho, de contrôle, de cálculo, de paciência, de rapidez, de precisão. Tudo bem dosado.

94. Criar ambiente

As excitações excessivas, recreios muito longos, jogos demasiados, leituras apaixonantes, cinemas, esportes e novelas são, hoje em dia, os maiores responsáveis pela quase incapacidade de atenção de que se queixam as escolas. Aos pais compete moderar tudo isto para possibilitar e auxiliar a boa formação dos filhos. Há ambientes domésticos tão agitados sempre, que as crianças não têm como recolher-se para os deveres. Como sairá o exercício, ou o problema resolvido, entre pessoas que conversam, gritam, ouvem rádio ou contam histórias em que o estudante a cada instante interfere? Como será transmitido mero recado mais ou menos circunstanciado, recebido na agitação dêste ambiente?

95. Recolher os dispersivos

A crianças demasiado instáveis ou agitadas dispensemos trato especial, falando-lhes com maior calma, mandando que se sentem para falar, moderando-lhes a voz e os gestos, proporcionando-lhes ambiente mais tranqüilo, dando-lhes tarefas que exigem serenidade — tudo feito também pelo educador com inteiro domínio de si.

Proporcionemos-lhes jogos calmos, de cálculo, de paciência, de contrôle, de habilidade.

Evitemos os grupos numerosos ou turbulentos, a muita movimentação, as diversões excitantes, os filmes de aventuras e lutas, a leitura de contos policiais e semelhantes, as más revistas de quadrinhos com suas excitações prejudiciais.

96. Para a atenção voluntária

Têm as crianças grande facilidade de atenção espontânea. Engolfam-se nas atividades que lhes interessam, perdendo-se nelas, horas a fio. Não assim para a atenção voluntária. Cansam-se com pequeníssimos esforços. E, cansadas, desadoram a tarefa, perdem a receptividade, aprendem mal ou não aprendem, decoram com dificuldade ou não decoram, irritam-se.

Nosso papel de educadores é despertar o interêsse pelo trabalho necessário, para que seja feito com gôsto, aproveitando no cumprimento do dever a atenção espontânea. Como isto não basta, iremos educando para a atenção voluntária, na proporção da idade e das tarefas.

97. Proporcionar os meios

Hora e local favoráveis e certos para os estudos, em ambiente sossegado; tarefas antes pequenas do que grandes, para não causar prévia enervação; quando o trabalho fôr maior, intervalos, para evitar a fadiga, tremenda adversária dos exercícios; dosagem na transição dos deveres interessantes para os desagradáveis; assistência dos pais, proporcionada às necessidades de cada filho — são meios a empregar na educação da atenção.

A vontade é incapaz de criar o interêsse. Ela quer realizar o trabalho, delimita o campo, reage contra os interêsses estranhos, reanima-se, torna à tarefa — e mais não pode fazer. É verdade que freqüentemente terminamos gostando do que a princípio fazíamos por dever apenas; mas é função de tempo, e não infalível.

98. O exemplo dos educadores

O exemplo dos pais é, como sempre, lição e modêlo de primeira ordem. Se êles próprios são inquietos, desatentos, agitados, ou só fazem com gôsto e atenção o de que gostam, que se pode normalmente esperar dos filhos? A explicação ou escusa de que "são assim" não procede. Corrijam-se. Para deixar "assim" os que "são assim" não é necessária a educação, cuja missão é, muitas vêzes, fazê-los diferentes.

99. Dar assistência

Não se precipite o educador. As causas da falta de atenção têm de ser afastadas pacientemente. A idade só o tempo modifica. Em parte é o que acontece também à fraqueza da vontade, que, no entanto, exige tratamento oportuno. A imaginação é teimosa e, às vêzes, imperialista. Nos escolares, a sobrecarga das tarefas nem sempre depende dos pais, nem dos mestres! Quando o educando tem dificuldades intelectuais, os pais devem ajudar mais que aos outros, para evitar a fadiga e o desânimo.

100. Agir diferentemente

O *tipo* de distração merece cuidados diferentes: há o *dissipado* cheio de curiosidade exterior, escravo do menor ruído ou movimento: exige um ambiente sossegado e discreto; há o *absorto,* entregue ao sonho, à preocupação interior, alheio ao derredor: precisa ser despertado para o trabalho que executa.

101. Firmar o hábito

A atenção se desperta e mantém através de sentimentos secundários, como recompensas, emulações, etc. Mas é pelo hábito que se solidifica. Mais um motivo para a paciência do educador: os hábitos desta natureza demandam muitos esforços e largo tempo.

§ V — A IMAGINAÇÃO

102. Buscar a exatidão

A exatidão é um dos objetivos da formação intelectual. O hábito da atenção, a capacidade de observação e de expressão dão-nos um espírito exato, que é dos mais belos ornamentos do homem. A falta de exatidão não se confunde com a mentira. Esta se caracteriza pela intenção de enganar; aquela, pelo equívoco. O mentiroso conhece a realidade e a nega. O inexato não observou bem, não conservou bem, não distinguiu; viu através de preconceitos, olhou pelos olhos da imaginação, turbou-se pela paixão. São muito diferentes. Merecem tratamentos diversos, de acôrdo, aliás, com as causas da inexatidão ou da mentira que são várias.

Assim, o que antes de tudo importa é a verificação da causa.

103. Com os pequeninos

Nos menores é, sobretudo, a desenfreada imaginação. Ribot estudou minuciosamente a imaginação infantil[19], e nos advertiu do que ela é capaz. Todos o sabem: a tampa da lata é direção de automóvel; o cavalo de pau rincha, escoiceia e galopa; um simples botão é jogador de futebol e faz jogadas espetaculares. Na imaginação excitada pelo mêdo, por exemplo, o gravêto era uma cobra que a criança *viu,* coleando, aos botes; a sombra do galho que o vento agitava era uma fera que rastejava; a camisola pendente da parede era um fantasma igualzinho aos das sessões espíritas. Isto, aliás, não acontece apenas a crianças... Ou são histórias inverossímeis, em que o ouvido e o visto se mesclam de imaginações e sonhos. Ou realidades deformadas, em que os bois têm asas e os ruídos são música. Ou são transposições em que se fundem numa só paisagem retalhos dos panoramas mais díspares e dos mais expressos ou inconscientes desejos.

O que normalmente fazemos dormindo, a imaginação faz acordada.

Permanecendo além da idade, reclama tratamento especial. Quando não, o tempo vai corrigindo. O que não impede que ajudemos discretamente, pelas chamadas à realidade, pela observação mais cuidadosa.

104. Com os maiores

Nos mais crescidos, essas faltas de objetividade devem ser tratadas com firmeza, embora sem exagêros. Sem serem mentiras, nem faltas morais, menos ainda pecado, são defeitos a corrigir. Exageram? Façamo-los palpar a realidade. Disponhamo-nos de antemão a fazê-lo repetidamente e com tôda a tranqüilidade, que o mal é de constituição e a cura demanda longo tempo.

105. Frear a imaginação

Aqui a paciência e a tática do educador têm largo campo para experimentar-se, porque é a imaginação a faculdade mais inacessível a um tratamento direto. Caprichosa, inconstante, fugaz, aproveitadora das mais intangíveis e inesperadas circunstâncias, espontânea, libérrima, individualíssima, ela é rebelde a qualquer plano prévio, a qualquer processo lógico. Tanto mais quanto se alimenta em grande parte do inconsciente. O educador estará vigilante, a canalizá-la assim que ela surgir, a freá-la sempre que se desbridar.

Essa frenação corrigirá excessos, sem atrofiar a faculdade cujo bom funcionamento é sobremodo vantajoso. Lembrados do que realizou, desde poetas e romancistas até cientistas e comerciantes, seríamos certamente os últimos a pensar em destruí-la. Apenas a conservaremos em seus limites, para que não prejudique a inteligência com seus erros, a vontade com suas vertigens morais, o caráter com seus devaneios desastrosos. Que fique, mas permaneça normalmente com o "véu diáfano da fantasia sôbre a nudez forte da verdade".

---

[19] *Essai sur l'imagination créatrice.*

106. No terreno moral

No terreno moral, o contrôle da imaginação é sumamente importante. Ela atiça com tal vigor a chama da paixão, que paralisa a razão e desarma a vontade. Põe tamanhos atrativos no fruto proibido que lhe sentimos o gôsto antes de prová-lo, como nossa primeira mãe e sua primeira vítima. Ou levanta barreiras intransponíveis à virtude, frustrando de antemão qualquer tentativa de esfôrço. Verdadeira fera, só acorrentada se pode conservar.

107. No terreno social

No terreno social, seus fantasmas transtornam os valores humanos, alteram os caracteres, mudam defeitos em qualidades, criam antipatias, enxergam perseguições inexistentes, dificultando as boas relações.

108. Frutos da educação

Mas, educada, prestará inestimáveis serviços. Para conservar e reproduzir os conhecimentos, tão valiosa auxiliar da memória é mesmo chamada memória imaginativa. A imaginação criadora, de tanta valia até na vida cotidiana, deve ser igualmente cultivada, e sempre de acôrdo com suas manifestações e tendências, que tanto facilitam o conhecimento da alma infantil e sua orientação na vida. O próprio currículo escolar, em seus estudos de geografia, história, literatura, desenho, canto, física, química, etc., tem com que alimentá-la e disciplinά-la. Leituras de lendas e aventuras devem ser dosadas, para não arrebatarem os excitados (prejudicando-lhes a necessária atenção ao trabalho), não acentuarem tendências exageradas, mas darem um rumo elevado à fantasia, ou favorecerem a imaginações mais pobres.

§ VI — OBJETIVIDADE

109. Espírito falso

Chama-se *espírito exato* ao que se ajusta à realidade; *espírito falso* ao que dela se afasta.

O espírito exato também erra, que errar é dos homens. Mas procura evitar os erros, investigando e pesando os motivos, antes de julgar. Afasta-se da parcialidade. Busca afazer-se à objetividade. É capaz de reconhecer o êrro, voltar atrás e corrigi-lo, contente por ter um êrro de menos.

O espírito falso julga sem elementos, afirma ou nega sem maior exame, não distingue o mal do bem, não percebe as conclusões dos princípios que aceita, não vê aonde vão os caminhos em que anda. E pior: é opinioso: — reputa-se certíssimo, não se convence de êrro, não volta atrás. O mal, antes constitucional, é de cura difícil. Três são os possíveis elementos dessa má constituição: a supervalorização de seu eu, a inadaptação social, a desconfiança do próximo.

Mas há *outras causas de êrro:* mesmo para os espíritos exatos.

110. Paixão, causa de erros

As *paixões* nos fazem ver, ouvir, entender e conservar mais o que lhes agrada, quando não apenas isto. Os próprios defeitos são apreciáveis nos que amamos; e as virtudes são antipáticas nos que antipatizamos. Vem daí o *corujismo* dos pais, que só vêem qualidades e virtudes nos filhos. Ou as constantes deformações que as crianças, involuntàriamente até, praticam nas informações que prestam. Ouvi-las contarem os acontecimentos em que foram parte interessada é palpar a inexatidão, — supressões, acréscimos, interpretações — obra da paixão e do interêsse, às vêzes altruístico.

111. Condição da criança

Se juntamos a isto certa incapacidade — característica da criança — ele abranger a totalidade dos fatos e suas circunstâncias, dos panoramas e suas particularidades, facilidade de concentrar tôda a atenção num ponto que mais lhe interessou, e de esquecer o que não lhe convém, podemos avaliar como é frágil e pouco digno de fé o testemunho das crianças.

Sem acusá-las de mentira, não lhes daremos fàcilmente o crédito que desejam mas não merecem, por desatenção, falta de objetividade, excessiva imaginação, tudo acrescido às vêzes da paixão e do interêsse próprio.

112. Prejuízos

Os *prejuízos* são causa freqüente do falseamento do espírito. É difícil fugir-lhes. Prejuízos políticos, sociais, religiosos, de classe, de família, de côr, vão nos deformando insensivelmente a mentalidade. Os pequeninos não lhes podem escapar. Aos maiorzinhos importa dar elementos libertadores do guante terrível dos prejulgamentos. Acostumemo-los a joeirar fatos e idéias. Formemo-los na necessária independência intelectual, que procura, acima de tudo, a objetividade, e molda a inteligência à realidade — e não ao próprio gôsto.

113. Compreender...

Excelente para a isenção moral é meter-nos na pele daquele a quem julgamos: ser compreensivos. Colocar-nos na situação em que se encontra o próximo: ótima posição para obrigar a ser razoável. Não trepidaremos mesmo ante o respeito que merecem os pais e outras autoridades: êles, sem culpa, vêem deformadamente os fatos e as idéias — vítimas da educação, do tempo, do ambiente. E faremos quanto em nós estiver para formar um espírito pouco acessível aos prejuízos.

114. Preguiça intelectual

A *precipitação,* afirmando sem exame, decidindo sem ponderação, concluindo sem dados suficientes, generalizando com facilidade, sentenciando por indícios, é mostra de leviandade.

A *preguiça mental,* fugindo ao exame das idéias, aceitando-as ou rejeitando-as sumàriamente, satisfazendo-se com aparências, é causa freqüente de êrro, característica de espíritos incultos e vulgares.

115. Idéias feitas

As *idéias feitas* são, geralmente, aceitas como primeiros princípios, indiscutidos. Muitas vêzes vêm amparadas em prolóquios, frases breves e sonoras, freqüentemente rimadas, fáceis ao ouvido e à memória, com laivos de verdade e com presunção de verdade total e absoluta. Em todo terreno estão essas panacéias. “Cada qual cuide de si; e Deus, de todos”; “Mateus, primeiro os teus”, “Tôda religião é boa”; “Política é *isso* mesmo”; “É a lei da oferta e da procura”; “Mais vale um gôsto do que cem mil-réis”. E mil outras tolices, recebidas e transmitidas sem maior exame. São, de ordinário, o alimento dos espíritos preguiçosos, para quem a antigüidade de um provérbio é critério de verdade — como os amigos de novidades aceitam o que é moderno...

116. Espíritos exatos

Nem pretendemos formar pedantes que discordem pelo gôsto de discordar e pelo desejo de sobressair; nem lanígeros que sigam cegamente a um guia... Mas ponderados que só aceitem ou recusem à fôrça de exame e evidência. Espíritos exatos, que pesem a verdade sem acepção de pessoas, saibam ver por dentro, só respeitem a autoridade de uma afirmação quando ela merece objetivamente o seu respeito. Que saibam ver as coisas como são.

117. Como formá-los

Para o conseguirmos, acostumaremos as crianças, desde cedo, a exames cuidadosos. Os pequenos se baseiam na observação: pois que seja bem conforme à realidade, exata e séria. Não os deixemos levar-se pelas paixões. Acostumemo-los a ver as coisas e narrar os fatos como realmente são. Aos precipitados, levianos ou exagerados façamos apurarem o que dizem, para que palpem quanto fogem à objetividade. Quando as narrativas e descrições forem omissas em pontos fundamentais, exijamos dos preguiçosos mentais novo e mais detido exame que corrija a infidelidade do primeiro.

Sendo-lhes inevitável a aceitação da autoridade dos adultos, tenhamos a sabedoria de dar as razões de nossas afirmações e atitudes, para que as crianças julguem por si, sem fiar-se demasiado em nossa autoridade.

Acostumemo-las aos juízos exatos. Para isto desenvolvamos-lhes a largueza de espírito, capaz de aceitar opiniões alheias quando bem fundadas, e rejeitar as próprias quando as perceberem erradas.

Cultivemos nelas o gôsto do trabalho individual. Levemo-las a descobrirem por si o que desejam saber. Com perguntas sucessivas e bem orientadas, façamo-las encontrar a solução pedida. Evitamos assim a preguiça intelectual e a aceitação sem exame das soluções alheias ou das idéias feitas.

118. Pensar justo de si

A boa formação moral dará a humildade suficiente para o bom julgamento de si mesmo — que é a mais difícil de tôdas as objetividades. Todos temos de nós mesmos opinião acima da realidade. Vemos pouco os próprios defeitos e demais as qualidades. O que nos agrada ou contraria aos gostos e à vaidade é freqüentemente o nosso critério de julgamento. Sentimo-nos, com extrema facilidade, do que nos desgosta ou fere, mas não enxergamos o que em nós fere, desrespeita ou magoa os outros.

119. Conhecer-se

A prática do exame de consciência será aqui precioso elemento de ordem intelectual. Muitas vêzes, temos de apontar ao educando os erros que comete, de levá-lo a reconhecê-los, mostrar-lhe que está fazendo aos outros o que não quer para si, condenando no próximo o que pratica êle próprio, vendo o argueiro no ôlho do irmão, quando não enxerga a trave no seu.

120. Obstinação dos jovens

Os adolescentes são muito inclinados a não abrir mão de suas afirmações, mesmo quando intelectualmente convencidos de que erraram. Não querem dar o braço a torcer... Mostremos-lhes quanto tem de mesquinha e obstinada esta atitude, e quanto se enganam os que nela vêem demonstração de superioridade. Êste combate às paixões é sumamente proveitoso à objetividade.

Esta adaptação intelectual à realidade constitua cuidado primordial na educação, pois sabemos como crianças e jovens julgam com precipitação, sem motivo e sem exame, por interêsse e paixões, e como são absolutos e definitivos seus julgamentos, principalmente os dos jovens.

§ VII — SENSO CRÍTICO

121. Que conhecimentos adquirir

Em plena aprendizagem, os educandos precisam de adquirir conhecimentos; têm tanto que aprender! Mas é êrro grave encher-lhes a cabeça de informações fúteis ou superficiais. Há um mínimo indispensável de conhecimentos: os necessários à direção da vida. Além disto, o espírito se enriquece com elementos de cultura geral que o põem em contato com os valores duradouros da humanidade, com elementos profissionais que lhe dão competência para o bom cumprimento dos deveres de estado, com conhecimentos da vida cotidiana do mundo, no que ela tem de valioso para os interêsses pessoais e sociais.

Tudo o que desenvolve a inteligência, favorece a seriedade intelectual, serve ao cultivo das letras, ciências e artes, deve ser fomentado na educação. Fora disto, é perda de tempo, desperdício de si, quando não resvala por piores caminhos.

122. "Uma cabeça bem feita"

É lastimável a orientação dos jornais modernos, cheios das informações tão banais, que, mesmo quando moralmente inofensivas, servem apenas para afastar o espírito dos temas aproveitáveis.

Ser "um homem bem informado" passou a constituir o elogio, quando o verdadeiro louvor merece o *homem bem formado.*

"Uma cabeça bem feita vale mais do que uma cabeça bem cheia", advertia Montaigne.

Mais do que armazenar conhecimentos importa formar o senso crítico. Maritain[20] põe como uma norma fundamental "que o ensino conduza à libertação do espírito pelo domínio da razão sôbre os conhecimentos adquiridos". O homem sabe, não apenas porque recebeu passivamente os conhecimentos e os pode repetir mecânicamente, mas quando incorporou os conhecimentos, quando os dirigiu e assimilou.

Para que isto seja judiciosamente feito, há de passar tudo pelo próprio julgamento, a fim de aceitar o que é bom e rejeitar o que é mau.

123. Ensinar a pensar

O grande trabalho do educador é êste: *ensinar a pensar,* muito mais do que fornecer conhecimentos; *formar a inteligência,* muito mais do que informá-la. É despertar *a capacidade de compreender.* É dar uma certa autonomia mental, na medida em que ela é necessária. É *preparar para o discernimento.* É encaminhar o educando a usar de sua inteligência; a pensar por si; a saber valer-se da cabeça que Deus lhe deu. É fazer "trabalhar com a cabeça" — como expressivamente diz o povo, na sua linguagem viva e pitoresca.

Isto não se faz de uma vez, precipitada ou independentemente. Faz-se aos poucos. A criança precisa da autoridade dos pais e mestres. Mas deve libertar-se dela, intelectualmente em primeiro lugar. O acêrto do educador está em ir processando insensivelmente esta libertação, sem choques, à medida do necessário e do razoável.

124. Com os adolescentes

A tendência hipercrítica da adolescência encontra natural corretivo nesta bem feita educação intelectual. O adolescente explode em independência, mais por causa da compreensão que da justa liberdade. Paulatinamente libertado, proporcionadamente entregue a si mesmo não sentirá tanto gôsto na oposição aos "velhos", na demolição dos ídolos. Ademais, formados desde cedo no gôsto da objetividade, não terão tanto apêgo aos próprios juízos. Apenas saberão, quanto lhes permite a

---

[20] *L'éducation à la croisée des chemins.*

idade, examinar os juízos alheios, para aceitá-los ou reformá-los "dominando-os", incorporando-os a si mesmos.

125. No terreno moral

Não temamos, com isto, formar racionalistas ou dar aos educandos perigosa independência. Esta *capacidade de discernir e julgar é básica na vida moral:* os que não a tiverem, considerem-se menores (qualquer que lhes seja a idade). Os que não a formarem, estão precipitando os educandos nas mãos de outrem — pois, incapazes de pensar por si, vão ser dirigidos por terceiros, que tanto os podem levar para o bem como, ainda mais fàcilmente, para o mal. Longe de ser um êrro (como ainda pensam alguns, amedrontados com a liberdade dos menores), não apenas é bem, mas essencial à virtude, como fundamento de tôda a vida moral.

126. Em face da fé

É também perfeitamente compatível com a fé. Nada temos a temer do senso crítico bem formado. Pelo contrário, o fanatismo é o grande perigo. A credulidade tem sido a brecha dos assaltantes da fé católica de nossa gente. A fé é a aceitação do testemunho alheio: dos homens — fé humana; de Deus — fé sobrenatural. Mas quando o católico aceita a Palavra de Deus e o ensino infalível da Igreja, não o faz cegamente. Não abdica de seu senso crítico, do direito de julgar. Pelo contrário, é firmado nos motivos de crer que êle faz o seu ato de fé. Não cremos nos mistérios religiosos por julgá-los à luz de nossa razão; mas cremos porque aceitamos um testemunho que, de antemão, sabemos infalível. Assim compreendido, não há qualquer perigo da independência mental em face das verdades reveladas. Antes ela contribuirá para fazer convicções religiosas, tão importantes, decisivas, na formação cristã.

§ VIII — RACIOCÍNIO

127. Formar juízos

Nessa *capacidade de discernimento* está o melhor da formação intelectual. Tudo o mais, neste terreno, se leve à conta de meios, que êste é o fim. Sem dúvida, idéias que traduzam seus objetos de modo claro, completo, preciso, são instrumento necessário à formação dos juízos. Mas é no juízo que se revela a melhor fôrça do intelecto. Tomar as idéias, pesar-lhes a conveniência ou repugnância, estabelecer as relações, para afirmar ou negar, de acôrdo com a verdade, objetivamente, sem desvios, é o que de mais alto podemos desejar da inteligência humana. Tratando-se de afirmações intuitivas, basta que estejam normais os sentidos para que se perceba que a fôlha é verde, a água é fria, o pássaro canta. Noutros planos o discernimento se dificulta porque ocorrem os perigos das deformações a que já aludimos.

128. O raciocínio

Nessa altura é que a inteligência necessita de um instrumento de precisão que lhe proporcione mais segurança nas afirmações, mais firmeza nas conclusões. Não é pouco saber raciocinar. O raciocínio perfeito é um maravilhoso instrumento intelectual. Encaminhemos para êle as inteligências juvenis que queremos formar. Não desprezemos, neste belo serviço, os préstimos do silogismo. Não preconizo agora as sutilezas da escolástica: mas que os jovens raciocinem com as boas regras, mantendo um saudável nível mental. Só os atletas precisam conhecer tôdas as regras de seu esporte; mas um pouco de exercício é útil a todo homem para a conservação da saúde. Assim também com a saúde intelectual.

129. O silogismo

É inegável que o uso do raciocínio com sua precisão cabal, em forma de silogismo, desperta e aviva o intelecto, garantindo-lhe o verdadeiro, pondo-o em guarda contra o falso, facilitando a

demonstração da verdade e a refutação dos erros. Contra a preguiça mental, as idéias feitas, os prejuízos, a facilidade da informação banal, a imprecisão dos pensamentos e a verbosidade (tão de nosso feitio mulato e tropical), ou contra o flagelo da loquacidade dos discursadores, o raciocínio, em suas boas formas de silogismo, deve ser utilizado na formação da mente. Os que o fizerem, verão com alegria os bons resultados. Os jovens que se lhe acostumarem levarão na liça intelectual as vantagens que nos combates levam os atletas sôbre os que não conhecem as regras do jôgo.

130. Vida mental da criança

Como sempre em educação, não suprimimos as etapas, mas contamos com elas. A vida mental da criança se desenvolve em três fases:

a *sensitiva,* em que os sentidos têm enorme predominância, com pequenina margem à razão, embora esta se vislumbre com certa lógica, que não se encontra nos instintos de nenhum animal;

a *espontânea,* em que a criança, abrindo-se para o conhecimento das coisas, se atira, faminta, a saber de tudo, com a insaciável curiosidade do *que,* do *porque* e do *como;*

a *refletida,* em que o discernimento começa a firmar-se, a desfazer-se do intuitivo e sentimental, e pesar os valores objetivos. Mas apenas começa.

É grande e árdua a caminhada que a levará um dia ao raciocínio perfeito através de quantos passos são necessários à formação intelectual. Respeitando sempre as possibilidades de cada idade, mas aproveitando-as no melhor sentido, passará da mera intuição à indução e desta ao raciocínio dedutivo. Das observações gerais e da síntese irá às análises.

131. Princípios do conhecimento

Os *princípios básicos do conhecimento* serão paulatina e seguramente inculcados, logo que possível. Alguns são tão fáceis que mesmo as criancinhas os percebem: o princípio de *identidade:* uma coisa é igual a si mesma; o de *contradição:* uma coisa não pode ser e deixar de ser ao mesmo tempo; o de *causalidade:* todo efeito tem uma causa. Os outros aguardarão suas oportunidades.

132. Na adolescência

Na adolescência, mesmo sem as teorias, os educandos já estarão assim acostumados a raciocinar com certa segurança. O currículo escolar se presta muito bem a esta aprendizagem, e até a exige: as matemáticas, com suas demonstrações e problemas; a física e a química, com suas experiências e leis; as línguas, com suas interpretações e análises.

Evidentemente, só na filosofia alcançaremos a segurança e a técnica do raciocínio. A perfeição do silogismo é carta de maioridade. “O silogismo é o homem” — dizia Joseph de Maistre. De fato, nada mais digno de uma inteligência bem formada, realmente adulta, do que saber conduzir lògicamente as idéias e jogar com elas.

Basta ao educador aproveitar as oportunidades, porque o raciocínio é função natural do intelecto, e se manifesta desde cedo, espontâneamente. O mais é seu natural desenvolvimento, aperfeiçoado pelos processos e pela técnica que a lógica ensina e que os educadores avisados irão transmitindo insensivelmente a seus pupilos. Não há de ser difícil o que tem tão fundos alicerces na própria natureza humana.

§ IX — REFLEXÃO

133. Maturidade mental

Neste trabalho de assimilar e dominar os conhecimentos, de penetrar idéias para estabelecer juízos com firmeza, de compor raciocínios para tirar conclusões, de prever conseqüências dos atos próprios e alheios, é que se há de exercitar a reflexão. Como o lavrador que revolve a terra de quando em quando, e volta a regar a semente, a favorecer a planta para colhêr bom fruto, assim o

pensador tem de revolver muitas vêzes a mente, de voltar-se sôbre idéias e juízos, para mais garantir-lhes a flor e o fruto.

É êste voltar a si mesmo *(reflectere)* o mais fecundante exercício mental. Isto é mais e melhor do que a simples atenção, a busca da objetividade, o domínio dos conhecimentos, a segurança das conclusões e a própria formação de acertados juízos. Aqui se penetra nas causas mais escondidas e nos mais longínquos efeitos. Girando a idéia sôbre si mesma em todos os sentidos, tudo nela aparecerá.

Penetrando-lhe a profundeza e o alcance, ver-se-á até aonde irão as conseqüências. Muito precioso, êste processo mental. Infelizmente, raro. O geral dos homens é inconsiderado. Não mede o que diz, o que faz, o que ouve, o que omite. A irreflexão, a leviandade, a precipitação infantilizam o mundo. E o enchem de males.

Têrmo último da formação intelectual, é a reflexão sintoma de maturidade mental. Teremos fitos nela os intuitos de educadores, mas saberemos esperá-la pacientemente. A não ser por notável exceção, não a veremos na infância, que se caracteriza precisamente pelos seus antagônicos — a mobilidade, a superficialidade, a distração.

Mas cuidaremos desde logo de inculcá-la. Para não continuarmos na triste situação em que se encontram juventude e mocidade: cantando, assoviando, tamborilando, requebrando, incapazes de pensar, de interiorizar-se, com a mobilidade de crianças de 6 anos, precisamente porque não entram no uso da razão...

134. Iniciá-la na infância

Os cuidados da atenção e da objetividade valem igualmente para a reflexão.

Voltar o pequenino que tanto nos interroga para suas próprias perguntas é levá-lo a refletir, segundo suas possibilidades. Se, em vez de lhe respondermos logo, o interrogamos também e de pergunta em pergunta o conduzimos à desejada solução, estamos preparando-o para pensar por si.

Fazê-lo perceber as conseqüências de seus atos é ensinar-lhe a reflexão. Os que preferem exercer a autoridade a dar explicações seriam excelentes tutores de débeis, mas são péssimos educadores de normais. Não preparam para a autonomia mental. "Medir o alcance" é ato de reflexão. Que pode acontecer, você brincando na rua? Jogando bola dentro de casa? Tomando sorvete, suado assim? Respondendo mal ao professor? Não estudando? Andando no estribo do bonde? Etc.

Ou fazê-lo compreender as razões das ordens dadas. Isto constitui valioso meio de desenvolvimento intelectual, imunizando contra os erros de julgamento.

135. Com jovens e moços

Na adolescência, os estudos de história, se bem feitos, mais por causas e conseqüências que por datas e lugares, dão ensejo ao treinamento da reflexão, preparando para a visão dos efeitos ainda contidos nas causas.

Fazer jovens e moços assumirem e padecerem as responsabilidades de seus atos é obrigá-los a refletir antes de praticá-los. Esta reflexão não é ainda o que desejamos como formação intelectual, mas é bom caminho.

§ X — O ESTUDO

136. Proporções da ajuda

Iniciada a vida escolar, começa para a criança o dever do estudo. Como sempre em educação, êste dever irá proporcionado.

Não esperamos que um pequeno de 7 anos se entregue ao exato cumprimento de seus deveres.

Tanto mais que são deveres novos, a que não está acostumado. E é um mundo desconhecido que se lhe abre. *Os pais têm de ajudá-lo muito mais agora:* chamá-lo ao estudo, estudar com ele, assisti-lo até o fim, até guardar com êle os livros e os cadernos. Depois, a ajuda dos pais vai enfraquecendo, à medida que êle vai se tornando capaz de fazer por si, até que não precise mais dêsse auxílio. Mas isto levará anos. Não será no curso primário. Será lá para o meado do ginásio, porque no início é certo que os estudantezinhos ainda precisam muito de auxílio.

137. Horas de estudo

Outra proporção é a do *tempo a dedicar ao estudo:* será indicado pelas tarefas a realizar e pela facilidade de cada aluno. É, porém, necessário que haja *hora certa,* da qual fàcilmente não se abrirá mão, tanto mais quanto importa habituar o filho ao dever em geral. Os que estudam devem saber, de antemão e sempre, que têm de dar conta das lições e dos exercícios[21].

138. O gôsto de estudar

Pais e mestres emularão em despertar nos alunos o gôsto pelo estudo. O apêlo ao dever só os anos possibilitarão integralmente. Por enquanto é mais ao interêsse que se há de falar.

Felizes os que suscitarem a curiosidade intelectual, o gôsto de saber! Às sugestões do ambiente discreto e recolhido, ao exemplo dos adultos da família, à moderação dos jogos e diversões, a todo o teor de vida juntem-se agora as experiências da criança na satisfação de aprender. Ao mesmo tempo, torne-se interessante o estudo. Una-se o interêsse intrínseco ao extrínseco. Êste chamará para aquêle. Se todos preferem o trabalho que dá gôsto, a criança ainda mais, pela debilidade da vontade em formação. Levaremos o educando um dia aos motivos superiores do trabalho, à satisfação do dever cumprido, ao incomparável confôrto da consciência tranqüila. Não lhe esconderemos, desde agora, que o dever supera o gôsto, que há trabalhos penosos, e que a vida não é feita apenas de tarefas agradáveis. A lei do trabalho é freqüentemente severa, e temos de cumpri-la. O educador colima o culto do dever; mas sabe que a criança se deixa mais fàcilmente arrastar pelo sensível e agradável, na medida em que a sensibilidade ainda lhe domina as faculdades superiores. Por isto, há de dar ao trabalho aspecto interessante, que desperte a atenção, proporcione prazer e gere afeição à tarefa.

Para o estudo, é importantíssimo êste interêsse. O que é estudado com gôsto, mais fàcilmente se compreende e conserva. Quando o trabalho *prende*, a criança *fica* no que está fazendo. Do contrário, os olhos estão no livro, a mão no lápis, *ela* mesma, porém, está longe: — mente, atenção, preocupações íntimas. Como pode aprender? Mesmo quando se esforce para *ficar*, o esfôrço a cansa; o cansaço lhe diminui a capacidade de aprender e de reter. Ainda pior, se estuda sob a pressão de ameaças e castigos.

§ XI — TRABALHO PESSOAL

139. Garantindo o futuro

Quem deseja a sólida formação intelectual deve começar despertando o gôsto pelo estudo, a fim de possibilitar aquêle desenvolvimento e proveito, que só o trabalho pessoal assegura.

Êle, ademais, garante a continuação dos estudos, quando cessar a pressão exterior. Impulsiona para além das lições pròpriamente ditas. Facilita a penetração dos problemas e questões. Leva a pesquisas pessoais. Enriquece o acervo de conhecimentos, e sobretudo a própria capacidade de pensar, compreender, raciocinar, refletir. E transborda da atividade pròpriamente escolar, levando o jovem à facilidade e à prontidão de projetar, decidir, executar, com novos horizontes à iniciativa e outra eficiência na vida.

---

[21] Duas advertências: 1) a melhor hora para o estudo é pela manhã; 2) o esforço não deve ser muito prolongado — para evitar a fadiga — mas interrompido por pequenas folgas e amenizado pela variedade de exercícios e matéria estudada.

140. Agir com método

Também isto tem seu desenvolvimento e método. Começa pelas lições e exercícios. São o primeiro dever. E tudo bem: lições bem estudadas — compreendidas, expressas, conservadas; exercícios bem feitos: — nêles se aplicam as regras *(atenção),* se percebem as diferenças *(objetividade),* se penetram as conseqüências *(raciocínio).* Aí têm os alunos a primeira e necessária proporção: a do ano escolar. E êste se vai desenrolando em dificuldades crescentes, numa evolução lógica em que a lição de hoje supõe a de ontem, e os exercícios recapitulam tudo. Se os professôres são razoáveis, há também a proporção do trabalho: um tempo adaptado ao fôlego mental do aluno — criança ou jovem. Desta maneira, os alunos poderão *estudar* realmente, e não apenas "aprender a lição". Terão tempo para triturar bem os assuntos, penetrá-los, dominá-los, incorporá-los à sua substância intelectual, como incorporam o alimento bem mastigado e digerido.

141. E com disciplina

Isto obriga a uma certa disciplina. Atende, primeiro, ao crescimento natural das faculdades; os programas devem evolver do simples para o complexo, do concreto para o abstrato, das generalidades para o aprofundamento, do empírico para o científico — de acôrdo com as normas da psicologia. No mesmo ritmo, hierarquiza os conhecimentos, dosando-os segundo as necessidades, envolvendo todos os setores da vida, e supomos (o que desgraçadamente não acontece sempre) que nas proporções de sua importância — o religioso, o social e político, o sanitário, o econômico, o estético. Delimita o campo de atividades intelectuais, para melhor disciplina da atenção — a qual, dispersando-se, se enfraquece.

142. Em profundidade

O aluno, assim, fará um trabalho *seu,* moral e intelectualmente. Trabalho sério, de inteligência, de penetração, de domínio dos conhecimentos que fôr adquirindo. Nunca estimularemos bastante êste trabalho pessoal no estudo das lições. Introduzindo-o nos últimos do curso primário, é no secundário que conseguiremos transformá-lo em hábito dos educandos. Mais tarde, ao longo da vida, em vista das facilidades que êles encontrarão, apreciaremos os seus magníficos resultados.

§ XII — ABRINDO HORIZONTES

143. Fugir à mediocridade

Se nas primeiras letras, o aluno pode ficar em seus textos escolares, já não o diremos dos mais adiantados, a partir dos últimos anos primários. Deve iniciar-se em mais largos conhecimentos. Ao lado dos livros de aula, estarão outros, também de estudo, para consulta e ilustração. A partir do 2.° ginasial, o aluno que se contentasse com os livros escolares, sem recorrer a outros para o desenvolvimento das lições, indicaria desinterêsse intelectual, pobreza mental, falta de amor aos estudos. Ou despertaremos nêle êste amor, ou o deixaremos na mediocridade intelectual.

144. Vitória do esforço

Os que se afizerem aos livros estarão talhados a melhor futuro. Porque estudam com amor, estudam mais, aprendem mais e com mais facilidade, mesmo que não tenham tão alta inteligência. Ao passo que outros, de maior talento, mas sem amor ao estudo, ficarão à retaguarda. O êxito se deve muito mais ao trabalho que ao talento. A cada momento encontramos grandes inteligências que fracassaram, e inteligências modestas que venceram. Aquelas fiaram em si; estas, no trabalho. A História nos diz que os heróis foram mais fruto do esfôrço que de prendas. Mais se fizeram do que nasceram feitos. Mesmo os gênios não teriam frutificado, sem o trabalho, por vêzes exaustivo, a que se consagraram. Nenhum dêles, nem um sequer, se fêz sem trabalho insano. Basta pensar nos

inventos de Edison, por exemplo, ou nas experiências de Santos Dumont, para supor quanto tempo e dedicação custaram.

Quem conhece os bastidores de trabalhos intelectuais é que pode avaliar quanto representam os sermões de Vieira, as disputas de Rui Barbosa, as obras de Leonel Franca.

Não foi sem razão que Buffon definiu o gênio como uma grande paciência.

É malsã a tendência a esperdiçar a dedicação ao estudo, e a valorizar o pouco amor aos livros como demonstração de inteligência. Os próprios pais colaboram, por desviada vaidade, neste desserviço: "É vadio; só tira boas notas porque é muito inteligente". Dizem-no à vista do filho, inchados os três da mesma fatuidade. Nos colégios, os preguiçosos procuram desmerecer nos estudiosos: "Assim, eu também tiraria boas notas". E "esforçado" passou a ser sinônimo de medíocre!

§ XIII — OUTRAS LEITURAS

145. Começar cedo

O hábito da leitura está despertando cedo. Os pequeninos ouvem as histórias que lhes são lidas. Analfabetos embora, conhecem os livros pelas ilustrações, folheiam-nos, convivem com êles. Aí começaremos a ensinar-lhes cuidado, respeito e amor aos livros.

Sabendo ler, lêem com prazer aquelas mesmas histórias que ouviram contar. Ou querem ler outras. Surge-nos a preocupação da escolha dos livros: escolha em todo sentido: moral, psicológico, artístico, etc. Pais cuidadosos nunca entregarão ao filho um livro que antes não leram. E farão da leitura infantil um instrumento de educação, sob qualquer dos seus numerosos ângulos.

146. Estudo e leituras

É necessário que as crianças não prejudiquem os estudos com as leituras. O dever vem sempre antes e acima da diversão. Depende dos pais a manutenção dêste espírito.

Com os adolescentes, no curso ginasial, a questão toma outras características. Além dos *livros de base,* que os ajudarão nas próprias lições, êles exigem e apreciam os *livros de entretenimento.* Os jovens, aventuras. As mocinhas, romances de amor. Aumenta o perigo, por vários motivos: mais facilidade de ter o livro que desejar; apaixonamento pela leitura que afasta mais dos estudos; imaginação trabalhando muito mais e levando para as horas de estudo as cenas lidas; contrôle dos pais cada vez mais difícil; obras inconvenientes não faltarão.

147. Atuação dos pais

Mas um educador não recua, quando o problema se complica: redobra de cuidados e emprega meios mais aptos. Supondo que acompanham a vida escolar dos filhos, poderão fàcilmente saber que livros estão êles lendo.

Os livros de diversão devem ser afastados das horas de estudo. Pelas conversas, sobretudo se os pais continuam a *ler antes* os livros, mede-se o grau de excitação das leituras, que para isto são excelentes os jovens, na sua exuberância. A verificação diária da preparação das lições e da caderneta escolar indicará se as leituras estão prejudicando aos estudos. As atitudes do adolescente dirão da influência que recebe dessas leituras. E as medidas educacionais corresponderão às necessidades.

148. Orientar a escolha

De livre escôlha, as leituras diversionais acompanham as tendências e os gostos de cada qual. Improfícuo, se não contraproducente, querermos impor preferências. É dos educadores orientar e ajudar a liberdade do educando. Há livros que não podem ser lidos: serão vedados. Entre os permitidos, nem sempre os de maior valor serão os preferidos dos jovens. Um elogio discreto e

oportuno, um presente, uma penetração feliz na psicologia *dêste* adolescente nos garantirão êxito em favor dos melhores.

Se as demasias são para os romances, as biografias romanceadas farão pequeno mas útil desvio. Se por aventuras, os heróis reais: sábios, missionários, filantropos, mártires, da liberdade ou da fé. Hoje uma literatura já bem vasta tanto diverte como instrui, romanceando as ciências e as artes, amenizando as matemáticas, vivificando a história. Grande e amena ajuda prestará aos estudos, se hàbilmente posta nas mãos dos jovens[22].

149. Ler com inteligência

Os pais cultos transformarão as leituras dos filhos em precioso instrumento de formação. Um bom resumo da obra lida, uma crítica às atitudes dos personagens, às lições a tirar, à correção e ao estilo do autor — são modos de obrigar discretamente a ler por dentro, a não se contentar com o enrêdo, a alimentar o espírito, a reagir, ou, digamos, a *ler com inteligência.*

150. As histórias de quadrinhos

Nunca se lamentará bastante que crianças e jovens estejam sendo envenenados por histórias de quadrinhos, imorais, corruptoras, despudoradas, violentas, inestéticas. Ainda as melhores prejudicam a boa formação intelectual.

A preguiça mental é o fruto próprio dessas "leituras", em que a expressão verbal é substituída por um quadro. Aí temos, sem possível dúvida, uma das causas mais eficazes da decadência da linguagem e do nível ginasiano — para não falarmos das atitudes de violência e da onda de crimes e imoralidades que agora se verificam em tantos jovens.

151. Moderação necessária

Mesmo, porém, as leituras boas devem ser moderadas. Do contrário, gerarão fatalmente mentalidades frívolas — o mais sério embaraço ao verdadeiro estudo. Só uma vontade de aço interromperia o conto excitante para resolver problemas de matemática, fazer áridas análises ou exercícios de tradução. E se interrompesse, a atenção ficaria na aventura, e o trabalho perderia imenso de seu valor. Concedamos direitos às letras de ficção, mas a primazia há de caber aos estudos, que são o dever.

§ XIV — LINGUAGEM

152. Saber exprimir-se

É a boa linguagem essencial à formação intelectual.

A nossa condição de homens — sêres inteligentes e sociais — impõe-nos a expressão verbal, tanto em benefício do próprio pensamento como por necessidade de comunicação. Pode-se pensar sem a palavra. Normalmente, porém, logo corporificamos na palavra a abstração mental. Expresso, o pensamento ganha em perfeição e permanência — por facilidade de fixação na memória e pelas associações que estabelece ou sugere. Foi certamente por isso que Hamilton comparou as idéias não expressas a estrêlas cadentes.

Para a educação não basta falar. Importa falar bem, isto é, exprimir-se com precisão e correção, pronunciar devidamente as palavras e mesmo entoná-las de acôrdo com a posição que ocupam no pensamento e na frase.

---

[22] O tema é vasto e não o podemos tratar completamente em poucas indicações. Amplas normas e seguras podem ser encontradas em *La vie intellectuelle* do P. Sertillanges e em "Rumo à cultura" de L. Riboulet (edições — A Nação — P. Alegre). Para a escolha de livros é ótima a revista "Leitores e Livros", da Ação Católica Brasileira (Rua México, 11 — 16º — Rio).

153. Pronunciar bem

Essa aprendizagem começa no solo materno. A criança ouve e reproduz os sons. Se reproduz mal é porque apenas se inicia. O tempo, a ajuda e o esfôrço lhe darão a forma perfeita. Mas, se lhe falam mal, ela imita erros e deformações.

Pronúncias deformadas, finais truncadas, vícios de linguagem, cacoetes, etc. aprendidos do berço fixam-se, às vêzes, para tôda a vida. Há casos que nem as escolas superiores corrigiram. O descuido com rr e ll finais, de tão mau gôsto, é muito freqüente entre nós.

Fazem mal os que adotam as inevitáveis deformações de falar das crianças, em vez de sempre pronunciar bem e empregar o têrmo devido, para lhes ir impregnando benèficamente o subconsciente. Incapazes ainda de articular devidamente as palavras, compreendem-nas no entanto.

O baixo nível cultural das amas é mais um motivo para cuidarem dos filhos pessoalmente as mães, e promoverem a educação das suas empregadas.

154. Um bom vocabulário

O ambiente doméstico irá consolidando e desenvolvendo o hábito de bem falar. Os versinhos que as crianças aprendem para recitar em festas ou às visitas, as histórias que ouvem, etc. vão lhes aumentando o vocabulário e apurando a linguagem[23].

O hábito da leitura, quando bem escolhida, enriquece o vocabulário, facilita a expressão, orienta o estilo, apura o gôsto. Guardadas as proporções, os bons escritores da língua, sobretudo os nossos, serão postos à mão dos educandos.

155. As composições

Não há como a composição para ensinar o uso da boa linguagem. Apreendem-se as indispensáveis regras, na gramática; admiram-se os perfeitos exemplos, no comércio dos clássicos; busca-se o sentido próprio das palavras, no dicionário; encanta-se o espírito ou mesmo o ouvido, com o jôgo e a música das expressões. Mas é na composição que tudo isto se nos incorpora. Pouco a pouco, à fôrça de exercício, numa lenta digestão, é que tornamos nosso o que vimos nos outros, é que lhe damos cunho pessoal — formamos o nosso estilo. Nenhum trabalho a supera. Nem se lhe compara. Sentidos, memória, imaginação, estética; domínio do têrmo e da gramática; clareza do pensamento, lógica no desdobramento das idéias, precisão no expor, concisão no dizer, correspondência entre a mente e a expressão — tudo a composição exige e exercita. Erram os educadores que a eliminam ou subestimam.

---

[23] Por isto se devem proscrever os livros de linguagem grosseira, de gíria e modismos caipiras. Por mais interessantes que sejam, são prejudiciais à formação.

É para lamentar que programas de rádio, canções, etc. contribuam para a corrupção da boa linguagem, dificultando ainda mais a educação neste setor, desservindo à nação — que a correção do falar é dos primeiros indícios de cultura.

Ainda talvez mais lastimáveis — é tão difícil classificar desgraças! — são certos escritores que espezinham as mais elementares normas da gramática, tumultuando e anarquizando a língua, num mau exemplo terrível. E o pior é que não lhes faltam aplausos; "*Un sot trouve toujours un plus sot...*"

A EDUCAÇÃO MORAL

Cuidar da vontade
para servir a Deus

TOCAMOS o ápice de tôda a formação: a educação moral é a que convém especificamente ao homem como ser moral que é, e por isso mesmo o único pròpriamente educável. Cultiva-se a planta, adestra-se o animal, educa-se o homem. É a educação que dá o timbre específico do homem, submetendo o instinto à razão, o conhecimento ao dever, a técnica ao espírito, hierarquizando os valores e dando à vida o seu verdadeiro sentido.

156. O grande êrro

Êste, o grande êrro da educação moderna: o homem procura conhecer e dominar o mundo, despreocupado do domínio de si e da consecução de seus fins. Aplica-se ao secundário, no enriquecimento material de tôda ordem, mas se empobrecendo interiormente a ponto de não saber aplicar seus inventos em benefício espiritual da humanidade, cada dia mais ameaçada pela perfeição técnica desamparada do progresso moral.

157. Tarefa essencial

A educação deve estar, acima de tudo, preocupada com o fim último e concentrando em seu derredor desde o pequenino mundo cotidiano até as mais altas manifestações da vida individual e social. Sua verdadeira tarefa é a cultura do homem interior, sem a qual tôdas as atividades perdem a significação humana e até se tornam perigosas, por não serem os homens capazes de fazer delas o devido uso.

158. A técnica e a ética

Por falta dêste cuidado estão os homens muito mais instruídos e muito menos educados. Dominam o mundo mas não se dominam — e a humanidade periga, ante a perfeição técnica que desintegrou o átomo e ameaça destruir o orbe. Nunca se viu tanta grandeza, nem tanta miséria. Parece que foi para agora que, há 7 séculos, Santo Tomás escreveu: “Quem se adianta nas ciências e decai nos costumes antes perde do que lucra”.

Daí a necessidade de nos fixarmos cada vez mais na preocupação de formar o homem integral, segundo o ideal cristão.

§ I — O SANTO

159. Conceito de santidade

Não imaginamos um homem sem falhas e defeitos, que êste só Cristo. Mas o homem hierarquizado, em marcha para o fim último, enquadrando as satisfações dos sentidos nos ditames da moral, formada a consciência para o cumprimento do dever, palmilhando os caminhos do bem com firmeza e perseverança, malgrado as inevitáveis fraquezas e desfalecimentos da natureza ferida. O homem pronto a recompor o equilíbrio, quando os instintos se demasiam, as paixões o sacodem e a vontade afrouxa. Não o que desconhece as necessidades e utilidades da vida, mas o que sabe organizá-las em justas subordinações, de modo a fazer que as inferiores sirvam às superiores.

Chamem-lhe o homem de caráter ou do dever, o cidadão exemplar ou controlado, nós cristãos pensamos no *santo*, o "homem novo" de que fala o Apóstolo, o homem perfeito na medida da estatura de Cristo (Ef. 4, 13). Realizá-lo em nós é dever essencial; formá-lo nos educandos, o máximo cuidado da educação cristã. Não consiste a santidade em grandes penitências e heróicas abnegações, milagres e profecias, visões e êxtases, em naturezas privilegiadamente inclinadas para o bem, em extremos de dedicação ao próximo, repúdio aos prazeres sensíveis, diuturnos jejuns e prolongadas vigílias. Certo, ela tem dêsses dons e excessos, mas não lhe são êles a essência, nem a medida ordinária.

160. Viver na graça

Há uma *santidade comum,* que consiste em vivermos no estado de graça[24], obedecendo aos Mandamentos de Deus e da Igreja, respeitando as leis, cumprindo os deveres de estado (cada qual segundo a própria condição), lutando para evitar as faltas, corrigindo os defeitos, combatendo as más tendências e desenvolvendo as boas, crescendo em graça e virtude diante de Deus e dos homens, aceitando conformadamente a vontade divina, procurando fazer tudo do melhor modo possível, valendo-se dos meios humanos e divinos que a Providência nos propicia — tudo feito nas puras intenções de amar e servir ao Senhor. Podemos chamá-la *santidade salário-mínimo,* porque menos não se deve esperar do verdadeiro cristão.

Fixamo-la já como o ideal da educação, pois de todos os cristãos há de ser exigida, que sem ela não é possível a salvação eterna, fim a que somos destinados pelo próprio Deus. Não pode ser tão difícil que só uns poucos a consigam; antes deve ser acessível, pois a todos obriga. Em vista, porém, da desordem do homem com o pecado original, e da facilidade com que se afasta das coisas do espírito e se inclina para as sensíveis, não é tão fácil.

161. Meta da educação

Cabe à educação preparar êste homem ideal, moldando-o e aperfeiçoando-o, segundo a doutrina e os exemplos de Cristo.

Sem desprezar qualquer domínio da vida, qualquer progresso da ciência ou da pedagogia, não perca ela de vista os valores mais altos nem os degrade, para que possa o homem aproveitar-se dos bens temporais sem prejuízo dos eternos.

A tarefa é a mais nobre e digna, e bem merece todos os sacrifícios. Não se constrói tão elevado monumento sem sólidos alicerces e esmerado cuidado. Não frondejará na perfeição quem não se arraigou no estrito cumprimento do dever. Não se libertará do pêso das paixões quem não se acostumou a governá-las. Não goza da liberdade interior quem desde cedo não se exercitou no domínio dos sentidos e dos impulsos. Não resistirá em penosos combates quem não temperou forte o aço da vontade.

Eis o que há de fazer a educação.

§ II — O HOMEM DO DEVER

162. Fuga ao dever

O cumprimento do dever é a maior carência de nossos tempos. Desprezados os valores espirituais, impregnados os homens do utilitário, descaiu-se para o egoísmo e o confôrto, para o interêsse e o dinheiro fácil. Chegou a virtude a desprestígio tal que, se poucos lhe deitam ainda um

---

[24] Elevado ao estado sobrenatural, o homem recebe uma vida nova, que lhe modifica o ser. Pela habitação pessoal de Deus em nós já não somos meramente homens: somos cristãos — natureza humana participando da natureza divina. É isto que constitui a santidade essencial.

Mas o cristão, que recebeu a graça, isto é, a santidade, no Batismo, tem de conservá-la e desenvolvê-la, *vivendo* cristãmente. O novo ser, sobrenatural, que ele recebeu, exige que proceda sobrenaturalmente. Se temos a vida de Cristo, devemos viver a vida de Cristo: as ações acompanham o ser.

No texto falo antes do *agir* que do *ser* por dois motivos: suponho que o leitor compreenda que não é possível a santidade sem o estado de graça, e tenho em vista o lado pedagógico do desenvolvimento da santidade.

olhar de admiração, desprezam-na muitos como inútil ou prejudicial na vida prática. A fidelidade ao dever, que dava a medida dos homens, não serve mais de padrão. Na confusão dos novos tempos chegou-se a deplorável inversão dos valores. A dissolução das inteligências alcançou as vontades. Das mentes sem princípios chegou-se às vontades sem firmeza.

Foi descer muito. No Império mandou-se promover por merecimento o condutor do trem que exigiu ao Ministro da Viação o pagamento da passagem, pois não o conhecia pessoalmente. Na República nascente já causou indignação o cabo da guarda advertir ao Presidente de que era proibido fumar no depósito de munições; mas ainda mereceu a defesa do generalíssimo. Hoje não sabemos o que aconteceria a êsses fiéis cumpridores do dever. Já se pune quem o cumpre, quando contraria aos poderosos do dia. E se galardoam os que transigem, os que se acomodam, os que fecham os olhos, os que "dão um jeito", os que traem a consciência, os que desrespeitam a lei, os que se acovardam, os que se vendem, os que rastejam.

163. Formar homens

Mas a educação há de preparar o homem do dever. É essencial. Mesmo para quem não pense na santidade o dever é inevitável, e seu cumprimento, sagrado. Formar homens que ponham o dever acima das comodidades; que o cumpram sem temor nem acepção de pessoas, sem mêdo às conseqüências, sem fraquezas nem desfalecimentos, sem constrangimentos nem hesitações, mas com o desembaraço e a naturalidade de quem respira ou anda. Homens que consultem a consciência e lhe ouçam a voz, seguros e tranqüilos; e que em face do dever, não vejam outra conveniência senão cumpri-lo.

Forjar homens assim é renovar a face da terra. É o que falta: que cada um cumpra o seu dever. Alegra-se-nos o coração só de pensar como seria o mundo, se cada um cumprisse o seu dever.

Mas a beleza da tarefa não logra esconder-lhe as dificuldades crescentes.

§ III — SENHOR DE SI

164. Eis o homem!

O domínio de si está na essência do homem integral. Não constitui ainda o homem perfeito, mas o possibilita, porque faz *o homem;* o elemento superior e específico governa os subalternos, transfigurando-os. Ao passo que sem êle nem o *homem* existe. Sem a tutela do espírito, nossa vida animal apenas nos degrada, pondo-nos abaixo dos bichos. Também os animais sofrem: o que nos eleva é a capacidade de dignificar o sofrimento. Sem dobrarmos os instintos à razão, só nos diferençamos dos brutos por cairmos de nossa dignidade. É de ver como se "embrutecem" os homens que não sabem dominar-se: bêbedos e luxuriosos, jogadores e preguiçosos, comilões e argentários. E quanto sofrimento entornam em si e nos outros!

165. As vantagens

São muitas e grandes *as aventuras do domínio de si.* Na simples alimentação, é condição de equilíbrio para uns, de saúde para outros, e até de vida para alguns — sem contar a deselegância dos que não sabem moderar-se. As conquistas da inteligência se devem mais ao esfôrço, à perseverança, aos sacrifícios dos prazeres inferiores. Já se definiu o gênio como uma longa paciência[25]. A vida em sociedade nem é possível, sem um mínimo de contrôle individual.

Só o homem senhor de si equilibra a sensibilidade, disciplina os impulsos, aplaina dificuldades, elimina conflitos, resiste às pressões, supera os interêsses, triunfa do dinheiro e da glória, doma a curiosidade, reage aos ambientes. Só êle tem a coragem dos compromissos, da fidelidade à palavra, do amor à verdade, da indiscriminação de pessoas, do respeito à consciência, do cumprimento do dever sem mêdo às conseqüências.

---

[25] Com menos elegância, disse Edison que o gênio é feito com 10% de inspiração e 90% de transpiração...

166. Tristes conseqüências

À sua falta se devem tantos fracassos e tantas ruínas sociais e morais. Haja maior domínio do homem sôbre seus impulsos, e os lares terão a consistência que escasseia, diminuirão os desajustados na vida, rarearão os crimes por motivos emocionais ou banais. Famílias e escolas formassem o homem senhor de si, não estariam em lágrimas tantas espôsas e mães, tantos infelizes nos hospitais e prisões, tantas crianças em asilos. E quanta anormalidade se evitaria de corpo e espírito, quanto benefício se acrescentaria a tôda sorte de atividade humana!

167. A verdadeira liberdade

Longe de prejudicar o desenvolvimento da personalidade, é o domínio de si que afirma o homem como tal, no equilíbrio de suas faculdades, na soberania das potências superiores. Em vez de cercear, estabelece a liberdade.

Livre não é quem se deixa dominar por instintos e paixões, mas quem as *governa.* Com muita razão se fala do *escravo* dos vícios, como Cristo disse que é *escravo do pecado* quem comete o pecado (Jo. 8, 34). Isto não significa limitação nem fraqueza, antes libertação da pior de tôdas as servidões, e demonstração de fôrça, que nenhuma é tão grande como vencer o homem a si mesmo. Muito mais fácil é vencer os outros. Vieira salientou que foi muito maior Davi não matando a Saul que matando a Golias, pois "matando a Golias, venceu um gigante; poupando o rei, venceu-se a si". Ser corajoso com os outros é comum; difícil e raro, ser corajoso consigo mesmo. Responder com uma bofetada ao insulto é tão fácil que os moleques da rua o fazem com freqüência; desprezar a ofensa e perdoar ao ofensor é tão alto que poucos o realizam e muitos nem o compreendem.

Nada como o autodomínio para calmar os agitados, moderar os impressionáveis, conter os violentos, submeter os arrebatados, excitar os tíbios, animar os pusilânimes, sustentar os inconstantes, corrigir tôda sorte de excessos e deficiências. Os que o desprezara nos seus cuidados de educadores, para se preocuparem com o êxito e o bem-estar, terminam em fracasso, pois ninguém mais desarmado para as vitórias na vida do que aquêles que não sabem dominar-se. Não há verdadeira liberdade enquanto o homem não se liberta de si mesmo, não vence as suas resistências ao bem, não adquire facilidade e espontaneidade no cumprimento total do dever. Na verdade, o homem só é livre quando adquire a liberdade interior. E não há pior escravo que o escravo das paixões, sem fôrças para resistir, sem coragem para quebrar os grilhões — tão fraco que capitula ante as próprias fraquezas.

168. Falta de energia

Muitos lastimam *a falta de energia* nos educadores atuais: mais se deve lastimar a falta de energia nos educandos. Nada tão necessário, embora difícil de alcançar, tal o ambiente de frouxidão — busca imoderada do confôrto, clima de facilidades, condescendência sensual. Mas os verdadeiros educadores não recuam das dificuldades. Antes, redobram de esforços e indústrias para vencer o ambiente desfeito e atingir o fim. E tudo será pouco, que êste é ponto fundamental da educação.

169. A colaboração do educando

Não bastam, porém, a pregação moral, o apêlo à virtude, o ensino abstrato, a exigência do dever. O segrêdo está em *despertar o interêsse da criança pela prática dos atos correspondentes ao ideal.* Um interêsse vivo e constante, não apenas por gestos heróicos e grandes feitos que raro ou nunca aparecem na vida, mas pelas coisas humildes e cotidianas. Não de maneira vaga e universal, mas partindo da vida concreta *desta* criança, com *suas* preocupações imediatas, as particularidades de seu temperamento, as especiais dificuldades de seu ambiente. Aproveitar em cada qual as tendências e os gostos mais pronunciados e aplicá-los ao domínio de si, de modo que êste pareça mais fácil. E sobretudo suscitar a colaboração voluntária do educando, sem a qual serão inúteis ou mesmo contraproducentes todos os esforços dos educadores.

170. Proceder com método

Ainda assim, resta o *procedimento metódico,* de acôrdo com as variações psicológicas, quer de indivíduo para indivíduo, quer num mesmo sujeito. Nem sempre é fácil encontrar o nexo entre o interêsse da criança e a exigência moral, a fim de despertar o desejo de vencer as tendências subalternas, cumprir fielmente o dever ou imitar exemplos de virtude. Mais do que algures, impõe-se aqui o método indutivo: partir do educando para a exigência moral, e não desta para aquela. Aproveitar a vida real, e pôr em relação com os fatôres biológicos e sociológicos da criança os esforços correspondentes ao ideal visado.

171. Ação do lar

De alto valor é *a ação do lar,* aqui como sempre na educação. É preciso que a família seja uma escola de energia, de regularidade e exatidão, de ordem e limpeza, de pontualidade, de gentileza no trato, de obediência pronta e consciente, de amor ao dever, — numa palavra, de domínio de si — para encaminhar os educandos por êste árduo e belíssimo caminho.

172. Sinal de grandeza

Psicologicamente, o govêrno de si mesmo aparecerá aos educandos como elevação, próprio dos grandes caracteres, manifestação de fôrça moral, e sobretudo como mostra de maturidade, tão do agrado de crianças e jovens: — e lhes será muito mais aceitável.

Insistimos em que não é possível o integral cumprimento do dever senão aos que exercem sôbre si mesmos êste domínio não uma ou outra vez, mas de modo constante, como um hábito da vida.

§ IV — MEMBRO DE UM CORPO

173. Uma pessoa

Entre o individualista, que tudo concentra em si, e o coletivista, que se dissolve na comunidade, está a pessoa humana, com direitos individuais inauferíveis, mas membro da sociedade a que deve servir. Não se encastela em si mas não se funde na massa.

Por sua origem e destino, por sua liberdade e consciência, por sua dignidade, o homem tem prerrogativas intocáveis e responsabilidades intransferíveis, que fazem parte da própria natureza, independem de circunstâncias e superam as exigências de qualquer agrupamento.

174. Membro da sociedade

Mas, nascido na família, trabalhando numa profissão, vivendo num Estado, êle tem igualmente deveres essenciais, cujo abandono produz o desequilíbrio geral. Indivíduo e membro da sociedade, revela desde cedo fortes tendências contrárias que importa regular e desenvolver, porque são inseparáveis de sua formação integral. Neste jôgo entre a necessidade de uma autonomia pessoal e o serviço do próximo, encontramos já as criancinhas, ora tão egoístas e ciumentas que se irritam ao verem a mãe com outra criança ao colo, ora de tão "incontinente sociabilidade" (Wallon) que estendem os braços, sorridentes, ao primeiro estranho que lhos pede.

175. O cuidado do educador

Ao longo da infância e da adolescência, êstes dois impulsos tomam diferente desenvolvimento[26], com sucessivas predominâncias, a que o educador estará atento, para não se precipitar nem irritar o educando. O que mais importa é manter o equilíbrio: nem o individualista,

[26] Mounier, em seu *Traité du Caractère,* faz minucioso estudo da evolução do senso social da criança, em seus fluxos e refluxos. Ver os capítulos *Le moi parmi les autres* e *L'affirmation du moi.*

que não pensa no próximo (senão para explorá-lo), nem o socialista cuja razão de ser é a comunidade. Entre Caim, perguntando ao próprio Deus se é o guarda de seu irmão, e Marx, fundindo o trabalhador no cadinho do Estado, está o homem verdadeiro, afirmando a personalidade inviolável e consagrando-se a seus irmãos até o sacrifício. Para formá-lo convirjam os esforços dos educadores.

176. O primado das idéias

Na realização, começa-se pelas ações; por importância, a primazia é das idéias. Na medida de sua compreensão, convença-se o educando de que é tanto mais homem quanto mais serve à sociedade, sem perda da própria autonomia. A afirmação individual dá consistência e vigor à personalidade, evitando as capitulações dissolventes; a expansão social impede o egoísmo e a avareza, multiplicando benefícios. Isoladas, estas duas tendências deformam; unidas, dão o homem completo, de que tanto precisamos. Freá-las ou desenvolvê-las, para que não se façam excessivas ou deficientes, é trabalho da educação. "A educação seria incompleta, se se reduzisse ao bem pessoal — físico, moral, temporal e eterno — das crianças. Ela deve, além disto, formá-las e prepará-las para exercer sôbre o seu tempo e a sua geração, e mesmo sôbre as gerações futuras, uma ação salutar, de modo que deixem o mundo mais doce e mais belo do que o encontraram" (Pio XII).

177. Hábitos sociais

Combater o conhecido egoísmo das crianças, exercitar-lhes a generosidade, cultivar-lhes a bondade, ensinar-lhes a prática do amor do próximo são os meios mais amplos e seguros da formação do senso social. Como as relações sociais exigem um conjunto de virtudes que constituem o homem bem formado, tudo o que se faz para que o educando contraia hábitos de lealdade, justiça, responsabilidade, devotamento, respeito às leis, ou mera gentileza, reverte em benefício do bem-estar comum.

178. Voltar-se para o próximo

O contato das crianças com as necessidades alheias move a sensibilidade e desperta o desejo de ajudar. Pobres, enfermos, sofredores morais não faltam em nossos caminhos: demos às crianças olhos de vê-los e mãos de ajudá-los, para não aumentar o número de corações endurecidos que luxam e desperdiçam, insensíveis à miséria ambiente.

Há serviços que se prestam a ricos e pobres. Os que se acostumam a prestá-los, mais se parecem com Cristo, que "não veio para ser servido, mas para servir" (Mt. 20, 28). Ainda se apreciam crianças e jovens que cedem lugar aos mais velhos, abrem-lhes a porta, deixam-nos passar à frente, prestam respeitosamente uma informação, etc.

179. Os grandes princípios

Sirvam de *slogan* as grandes palavras da solidariedade humana: "Amar o próximo como a nós mesmos" (Mt. 9, 19); "Não faças a outrem o que não queres que te façam"; ou ainda melhor: "Fazei aos outros o que queres que vos façam" (Cfr. Mt. 7, 12); "Quem bem faz, a si faz"; etc. Êstes bons pensamentos vão-se incorporando ao espírito do educando: — e são as idéias que nos conduzem.

180. No terreno sobrenatural

Quando se recebe uma boa educação social no terreno humano, é fácil transpô-la para o sobrenatural. Mais do que a nossa condição de homens, a filiação divina nos obriga ao próximo. Se grande laço é o sangue de Adão fazendo de todos nós uma só família, quanto mais poderoso é o Sangue de Cristo, que une os cristãos!

Infuso em nós pelo Espírito Santo, o amor de Deus nos constrange a chamar a todos para amá-lo também. Incorporados a Cristo, traímos a nossa profissão de cristãos, se cruzamos os braços em face das carências espirituais da humanidade ou de um único homem. Membros da Igreja,

estaríamos paralíticos ou mortos, se não repercutissem em nós as dores e as alegrias, as vitórias e as quedas dos outros membros.

Não nos falte êste senso comunitário, tão essencial nos cuidados da educação como na própria natureza do homem.

§ V — EM BUSCA DA PERFEIÇÃO

181. O que é a perfeição

Estrito cumpridor do dever, senhor de si, integrado na sociedade, caminha o homem para a perfeição. Não se fala daquela perfeição absoluta que só em Deus existe; mas da perfeição humana, relativa e pedagógica, que consiste em estarmos no caminho certo e em marcha ascendente, no desenvolvimento de nossas faculdades, na purificação de nossas intenções e no apuramento de nossas ações. Sendo Deus o ideal da perfeição[27], a sua fonte e plenitude, tanto mais perfeito é o homem quanto mais dêle se aproxima, pelo exercício das virtudes. Em Jesus Cristo temos um modêlo universal, ao mesmo tempo acessível e inesgotável, proposto como exemplo a nossa vida moral[28].

182. Seus graus

Tem muitos degraus esta escada infinita. E muitas relatividades: idade, meio, temperamento, formação religiosa, etc. Uma é a perfeição da criança de oito, outra a do jovem de 15, outra a do homem de 30 ou de 50 anos. Uma, a do temperamento impetuoso, outra a do frio e cerebral. Uma, a do rústico, outra a do cultivado, ainda quando ambos fazem o mesmo bem. E a mesma pessoa age com perfeição diversa, conforme mais ou menos se aproxima de Deus, nas várias etapas da existência ou até em cada ato do dia.

183. Dentro e fora

A perfeição *externa* — nosso melhor cuidado em tudo o que fazemos — completa-se pela *interna,* cuja essência está no amor: os cristãos agem por amor de Deus, móvel e têrmo de tôda a virtude; os que não têm fé agem por amor de si mesmos, de sua dignidade, de seu bom nome, de sua carreira humana. É campo universal: do simples varredor de rua à mais alta função, faça cada qual o seu trabalho com o mais perfeito acabamento e as mais elevadas intenções.

Estas são essenciais à perfeição moral, que não se contenta com os cuidados exteriores, necessários, mas insuficientes.

184. É ela o ideal

Na satisfação que nos proporcionam os homens que realizam com perfeição tudo o que fazem, na confiança que nos despertam, na admiração que nos conquistam, vemos que êste é o ideal a que importa conduzir os educandos, infundindo-lhes, ao mesmo tempo, o desejo de incessante progresso.

Sim, porque só se realiza a perfeição pelo esfôrço, pois ela envolve mais que o simples dever e exige uma permanente ascensão.

185. Decálogo é o mínimo

Para a obrigatoriedade da perfeição tomamos por base o próprio *Decálogo,* o qual, como lei divina, alcança todos os homens. O mínimo de moral possível é cumprir os Mandamentos. Mas há Mandamentos que às vêzes demandam atos heróicos. Ora, só são capazes de atos heróicos os que se

---

[27] "Sêde perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito" (Mt. 5, 48).

[28] "Eu vos dei o exemplo para que assim como eu fiz também vós o façais" (Jo. 13, 15).

dão com generosidade ao dever, e nunca os que se limitam ao estritamente necessário. As exigências mais graves do amor ao próximo, à verdade, à justiça ou à castidade reclamam constante exercício destas virtudes, em medida superior à ordinária. Donde, a simples guarda dos Mandamentos impõe o cuidado da perfeição. Os que pensarem reduzir-se ao mero dever, terminarão muito cedo sem coragem nem fôrça de cumpri-lo.

186. Progredir sempre

A vida é movimento progressivo. Se não aumentamos a capacidade de resistência às inclinações para o mal, terminamos vencidos — minados e enfraquecidos que vamos sendo dia a dia. Basta afrouxarmos para sentir que resvalamos. Há, neste terreno, duas comparações clássicas: a do sol e a do barco contra a corrente — que sempre sobem ou descem, mas não param...

O mesmo podemos dizer das atividades culturais, artísticas, econômicas ou profissionais. Quem pára retrocede. O médico que não acompanha os progressos da medicina, o artista que não melhora continuamente a sua técnica, o comerciante que não recorre aos métodos modernos de publicidade, o capitalista que não faz por aumentar os seus dinheiros — cedo se ficam para trás, fàcilmente ultrapassados, como quem pára numa estrada em que todos caminham. Vale aqui o princípio de que não progredir é regredir, tão usado em espiritualidade: *"Non prógredi est régredi"*.

187. Vigiar e lutar

Esta marcha ascensional demanda esfôrço, porque é feita de vigilância e luta. As inclinações contrárias ao dever e à perfeição de tal maneira nos aliciam que não lhes podemos dar a menor trégua, sob pena de derrota. Esta é uma luta que não há de cessar senão com a morte. O egoísmo, a soberba, a sensualidade a ambição, o comodismo, o gôsto da fortuna e do prazer, arrastam-nos de tal modo para baixo que só vingaremos a correnteza com indefessos combates. E são inimigos de tôdas as horas, que levamos conosco dia e noite, que espreitam os cochilos da sentinela para seus ataques, que nunca se saciam com as concessões, e que nos vencem afagando-nos e lisonjeando-nos. Na costumada energia de sua linguagem, São Paulo nos manda "crucificar a carne com seus vícios e concupiscências" (Gal. 5, 24). Cristo já nos mandara renunciar a nós mesmos, tomar a cruz de cada dia, e segui-lo (Lc. 9, 23). A advertência aos Apóstolos de se manterem em vigilância para não cair na tentação, foi logo corroborada pela triste experiência: dormindo em vez de vigiar, Pedro O traiu enquanto os outros fugiam.

188. Desejar a perfeição

Dever de todos, seja a perfeição a meta natural de nossa vida e a melhor preocupação dos educadores, de modo a não permitirmos que os homens se contentem com a mediocridade.

Do ponto de vista pedagógico, o essencial é *infundir no educando o desejo da perfeição,* orientá-lo no sentido do incessante progresso em tôdas as suas atividades e acostumá-lo a fazer bem mesmo as mais insignificantes tarefas. A assistência do educador é necessária, mas não há de querer substituir o trabalho pessoal do educando, único que assegura resultados duradouros para tôda a vida, quando já não se fizer sentir diretamente qualquer tutela.

189. Estimular o educando

Um *procedimento compreensivo,* sem demasiadas exigências, nem extremados rigores, com tolerâncias e perdões estimulantes, facilitará os caminhos da perfeição, às vêzes árduos. Mais importa exigir menos e conservar o ânimo bem disposto que cansar as crianças e os jovens com medidas irritantes que indispõem para o fim desejado.

As *diferenças individuais* serão tomadas na devida conta, que nem todos têm as mesmas disposições. O lado visível dos trabalhos bem feitos — ordem, limpeza, acabamento, pontualidade, porte, correção, etc. — é acertado caminho para o gôsto interior da perfeição, e deve ser oportunamente ressaltado pelo educador, para alento do educando.

190. O exemplo dos educadores

O *exemplo dos adultos* é dos melhores elementos aqui, como em tôda a obra educacional. Educadores que buscam e amam a perfeição exercem benéfica pressão sôbre os jovens, e ensinam melhor pelas atitudes que por conselhos. Julgamentos apropriados dos medíocres que mal cumprem o próprio dever, refreiam os educandos mais tíbios, que temerão incorrer em conceitos pejorativos.

Importa sobretudo pôr os educandos, com segurança, nos caminhos da perfeição.

§ VI — COM VONTADE FORTE

191. O papel da vontade

Tudo isto vai depender da vontade. O homem não é um autômato, mas um ser livre, que decide e executa atos conscientemente. Do contrário, não seria responsável nem moral. É a vontade que lhe atribui responsabilidade, com mérito ou demérito. Ela faz o homem. Dá sentido humano às fôrças cegas dos instintos, põe a serviço do bem imaterial o que é apenas útil ou agradável aos sentidos, disciplina as faculdades sensíveis, governa as tendências disparatadas, conduzindo ao escolhido fim o tumulto de paixões e desejos que se agitam em nós como um regente que leva à sinfonia o numeroso instrumental. É ela que enrija as naturezas fracas, suaviza as duras, acalma as impulsivas, decide as hesitantes, sustenta as volúveis, abranda as obstinadas, encoraja as medrosas, contém as temerárias. Governa o próprio corpo, submetendo-o a suas exigências, moderando-lhe as excitações, imprimindo-lhe fôrça e equilíbrio, a ponto de já se apelar normalmente para a sua terapêutica, às vêzes a mais eficiente. No campo intelectual, aguça a atenção, estabelece automatismos, facilita penetrações, que, se não modificam a natureza da inteligência, garantem-lhe o êxito.

É a mais necessária das nossas faculdades, embora a inteligência seja mais nobre.

A luz da verdade determina a inteligência, mas a vontade pode resistir ao bem conhecido. O bem e o mal, em cada homem, dependem dela. Somos o que é nossa vontade — santos, medíocres ou réprobos.

192. Formar a vontade

Daí se vê quanto importa a sua formação, infelizmente muito descuidada. Maiores são hoje os cuidados técnicos que os éticos — do que têm resultado tantos fracassos. Os que desejam realmente formar homens ponham mão firme numa educação racional e metódica da vontade, e cuidem desde cedo, que quanto mais tarde começamos mais árduos e menos produtivos nos serão os trabalhos. Certos pedagogos modernos pleiteiam demasiadas facilidades na educação, encaminhando crianças e jovens apenas pelo que lhes é agradável e interessante. Esquecem que a vida é cheia de rudezas e dificuldades, que o dever é, muitas vêzes, monótono e aborrecido; que a vitória se deve muito mais à persistência que ao gôsto. A maioria dos insucessos, de desajustamentos, de suicídios, de ruínas domésticas, de traição ao dever, de fuga ao trabalho, de abandono do campo, de crimes contra a propriedade e a vida alheia, corre por conta dêste errado sistema, que o insuspeito Stuart Mill acusa de "educar uma geração de indivíduos incapazes de fazer o que acham desagradável". O grande Foerster prefere suscitar a *fôrça da vontade* que o *interêsse,* o *self-gouvernement* que a *self-indulgence.*

Vamos, pois, à formação da vontade.

193. A mais educável

Disputada por Deus e pelo demônio, foi ela a faculdade mais atingida pelas conseqüências do pecado original. Enfraquecida pelas desordens da concupiscência, e solicitada pelas tentações exteriores, está exposta a perigosas moléstias e se deve revestir das melhores qualidades, para realizar sua função. Por sorte, é receptiva e compensadora aos esforços de formação. Enquanto

pouco podemos dilatar a inteligência, chegamos pela vontade a maravilhas insuspeitadas. Não há dificuldade de que não possamos triunfar no mundo moral, mediante proporcionados esforços e o auxílio da graça divina, de que nunca prescinde o cristão.

194. Qualidades essenciais

Para isto, deve a vontade ser pronta, perseverante e reta.

a) Conhecido o bem como o mais próprio ao ideal, importa tomar decisão *pronta* e pôr-se a execução mais *pronta* ainda. Isto não autoriza a *precipitação,* porque demanda ponderação de motivos, mas elimina a *hesitação,* que é outra doença da vontade. Grande mostra de fraqueza dão os que ou não sabem decidir-se ou adiam sem-fim a execução. Pouco ou nada realizarão na vida.

b) Iniciada a ação, levá-la por diante, que a *falta de perseverança* é dos mais graves pecados da vontade. Enquanto a impulsividade cede à pressão momentânea, a *energia* resiste às dificuldades e perdura no seu propósito e na marcha deliberada para frente. Poderíamos citar W. James, dizendo que a capacidade do esfôrço é a melhor medida da vontade humana; ou o autorizado Guibert, afirmando que "a arte de chegar ao fim é o mais indiscutível sinal de fôrça". Para que, se temos o Evangelho? "Quem perseverar até o fim, êsse será salvo" (Mt. 10, 22). Em que cimos de perfeição esplenderíamos já, não tivéssemos afrouxado dos excelentes e numerosos propósitos iniciados!

c) O objeto da vontade é o bem. A inteligência conhece o que convém ao meu fim. A consciência me dita o que é dever e perfeição. A vontade o abraça e realiza. Ela só está *reta* enquanto marcha à luz da razão, submissa à vontade de Deus expressa nos Mandamentos ou significada nos acontecimentos. Não há mais grave êrro que afastar-se dêste caminho, que, embora estreito, é o único que conduz ao céu (Mt. 7, 13 e 14). É, pois, esta retidão qualidade tão essencial que, sem ela, as outras antes perdem que salvam.

§ VII — COMO FORMAR A VONTADE

195. Princípios e convicções

Há uns meios que, embora *indiretos,* são do mais alto valor. Assim, os *princípios* e *convicções.* O homem vive de idéias. Quando é boa a doutrina muito se facilitam os caminhos. Grita mais alto a consciência, quando o homem erra contra as próprias idéias. Daí, o cuidado com a formação intelectual. Kant chegou a dizer: "A educação não deve ser conseqüência da disciplina, mas das máximas: aquela evita os vícios, estas formam a mentalidade". Pio X baseou no ensino religioso a reforma dos costumes: "Quando o espírito está envolto nas espêssas trevas da ignorância, não se pode capacitar nem da retidão da vontade nem dos bons costumes, porque, se, caminhando de olhos abertos, o homem pode apartar-se do bom caminho, o cego está em iminente perigo de desviar-se". Por isso insistimos tanto na necessidade das convicções e do ideal.

196. Ação indireta

O que se fizer para dominar os impulsos, resistir aos caprichos, reprimir os sentimentos inferiores, corrigir as tendências viciosas; ou para manter o espírito de disciplina, assegurar a tranqüilidade no perigo, a perseverança, a coragem, a própria resistência orgânica (exercícios físicos), a formação dos bons hábitos; ou para ensinar o respeito à lei, às regras de um jôgo, ao cavalheirismo e à solidariedade — tudo reverte em benefício da vontade. Relaciona Foerster tôda a vida escolar com a formação da vontade, desde a caligrafia às últimas exigências morais.

197. A lição do ambiente

Dos meios *diretos* de que pode e deve lançar mão o educador, salientemos alguns.

A *disciplina doméstica ou escolar,* com horários, hierarquia, silêncios, respeito aos direitos alheios, ordem exterior, cumprimento de deveres agradáveis ou não, atitudes corretas, é instrumento

dos mais eficazes para a rija têmpera da vontade, desde que os educandos dela participem de modo consciente, sob orientação enérgica e compreensiva. Cria-se assim um *ambiente benéfico,* que muito ganhará prolongando-se pela vida extra-escolar, na sociedade (com o respeito às leis) e na igreja (com as imposições da Liturgia). A pressão coletiva é fôrça que não devemos desperdiçar.

198. Respeitar o desenvolvimento

A *compreensão* é sobremodo necessária para respeitar o desenvolvimento do educando (criancinha, escolar, adolescente) e as diferenças individuais, pedindo a cada um o que se lhe acomoda à idade e à estrutura. É o caso de *aproveitar as paixões* e vencer as dificuldades de cada educando, em vez de nivelá-los todos. Tratam-se diferentemente o apático e o impulsivo, o versátil e o opinioso, o hesitante e o deliberado, o brioso e o cínico, o tranqüilo e o agitado, o generoso e o interesseiro.

199. Deixar exercitar-se

O cuidado de *deixar ao educando uma razoável cota de iniciativa,* de alargar-lhe a liberdade na medida de seu bom uso, de evitar vigilâncias irritantes, de tratar diferentemente naturezas diferentes, de aguardar a oportunidade para a advertência ou a correção, de dar tarefas segundo as tendências, é hoje corrente nos educadores que têm de disciplina, autoridade e liberdade o devido conceito.

200. Tarefa pessoal

Habituemos os educandos a *vencer as tentações íntimas ou extrínsecas,* a tomar resoluções firmes e a persistir nelas, a realizar com cuidado as tarefas mais comuns, estimulados sempre, já com oportunos elogios, já com os modelos de virtude que lhes apresentarmos, já sobretudo com os exemplos vivos que lhes dermos. Aqui, porém, o que mais importa é preparar resistências pessoais e conscientes, para que cada qual continue a agir por si, quando não contar mais com o auxílio do educador. Para isto é de suma importância infundir ao educando *a convicção da necessidade do esfôrço,* mesmo porque a formação da vontade ou será trabalho pessoal ou não se conseguirá. O *treinamento próprio* — persistência no dever menos agradável, pequenos sacrifícios voluntários, aceitação dos sofrimentos — é mera conseqüência desta convicção.

201. Meios sobrenaturais

Cristãos, não esqueçamos o poderoso socorro dos meios sobrenaturais, como a oração, a meditação da vida de Cristo e as lições dos Santos, que a Igreja nos propõe diàriamente em sua Liturgia. A Confissão e a Comunhão têm especial eficácia, que não podemos dispensar, sobretudo com os adolescentes, desde que lhes infundamos amor a êstes Sacramentos, para a necessária espontaneidade na sua freqüência.

§ VIII — COMEÇAR CEDO

202. Cem anos antes...

Dupanloup queria que a educação da criança se iniciasse no dia do seu nascimento. Mais exigente, Emerson pedia que começasse cem anos antes de ela nascer. Ambos têm razão. O mais cedo possível deve a educação orientar as fôrças latentes nesse pequenino ser que nem é o anjo de Rousseau, nem o perdido de Lutero, nem o pervertido de Freud, mas tem de tudo um pouco, sendo por isso mesmo um ser em perigo. É a educação que lhe dará o rumo.

203. Desde o berço

É espantosa a facilidade com que a criancinha contrai um hábito. Com uma semana, já está

bem ou mal-educada, sujeitando-se ao horário da alimentação, ficando tranqüila no berço, ou só querendo dormir embalada e chorando a cada instante pelo seio materno. Deixar para mais tarde a sua educação é mais grave do que adiar os cuidados da higiene, a pretexto de que ela é ainda muito novinha e não sabe o que é isto!

Não condiz com o bom senso deixar que floresçam más tendências, para erradicá-las depois, formando os bons hábitos à custa de resistências que não se encontram no terreno virgem da criancinha.

204. Iniciar nos bons hábitos

Não se trata da educação consciente, mas de um *adestramento,* que é maravilhosa predisposição para um futuro muito próximo. Pelo que se consegue com os animais imagine-se o que se pode conseguir das criancinhas. Bem conduzidos, os instintos cedem maravilhosamente, tanto mais que a psicologia já traçou leis para amoldá-los. Lisonjeá-los agora é firmá-los, para darem depois dobrados trabalhos à razão e à vontade, com acentuados desgostos nos imprudentes educadores. Contê-los, satisfazendo-os com justeza e moderação, é enfraquecê-los e domá-los, facilitando depois as vitórias sôbre os seus impulsos.

O adestramento não faz querer o bem, mas inclina para êle e o facilita, porque *acostuma* a fazer o que é bom. Na criancinha, bem ou mal conduzida desde o berço, já podemos descobrir o adulto organizado, calmo, social, ou caprichoso, agitado e ditatorial. Fixam-se com incrível firmeza os hábitos da infância — o que só não percebem os que desconhecem as leis da psicologia ou não atentam para a seqüência da vida. Quem se iniciou nos hábitos de regularidade desde o leite materno, da paciência em ser atendido, da conformidade em ocupar o lugar que lhe cabe, fàcilmente continuará nestes acertados caminhos. Mas fazer à criança todos os gostos, acostumá-la aos primeiros lugares entre companheiros, ceder a seus desejos ou a seus impulsos, facilitar suas vitórias nos jogos, etc., é preparar-lhe conflitos e desajustamentos, quando, no futuro, não achar mais quem se submeta a seus caprichos.

205. Ficam as marcas

Conhecemos fàcilmente os que desde cedo foram mimados ou reprimidos, atendidos com moderação ou excesso, acostumados no contrôle ou satisfeitos com exagêro, afeitos ao esfôrço ou às facilidades. A resistência ao calor e ao frio, à sêde, à fome e à dor; a capacidade para a ordem, a moderação, a obediência; certas precocidades para vícios ou virtudes; a facilidade de se contentar com privações, ausências e mudanças — as crianças as adquirem com o *adestramento,* que é o primeiro passo numa educação bem orientada. Aqui está a raiz que brotará num homem viril ou efeminado, num espírito firme ou indeciso, numa têmpera resistente ou acovardada, num ânimo de espartano ou de sibarita, num senhor de si ou num vencido dos caprichos, num cumpridor do dever, num gozador da vida, num joguete dos acontecimentos. Outro motivo para começar cedo é que madrugam as manifestações do temperamento. Pequenininha, a criança já se revela calma ou impulsiva, tímida ou corajosa, irritadiça ou fleumática, gulosa ou sóbria, obstinada ou acessível. Inútil castigar por essas manifestações: a criança nem aproveitará dos castigos que não entende, nem tem culpa de ter nascido assim...

206. Leis psicológicas

A árvore já está na semente: o trabalho do educador é o mesmo do agricultor que prepara o terreno, afasta as influências nocivas, protege os ramos ou os poda segundo a necessidade, para ao cabo colhêr o melhor fruto.

Aplique as leis da psicologia pedagógica:

— para amortecer uma tendência má, satisfaça e favoreça a contrária;

— faça esquecer o que não deseja lembrado;

— lembre-se de que um instinto alimentado cobra energia redobrada — para alimentar o que

deseja conservar e matar de inanição as inclinações viciosas.

Com isto se multiplicam as facilidades da educação, como sem isto se aumentam as dificuldades e os fracassos.

Importa, porém, conhecer cada educando, para lhe discernir as tendências, estimulando as boas, que é a melhor maneira de combater as más. Disse-o Pio XI na magistral encíclica sôbre a educação: "É preciso, desde a mais tenra idade, corrigir as inclinações desregradas da criança, e desenvolver e disciplinar as boas".

§ IX — FORMAR HÁBITOS

207. "O hábito de viver"...

O automatismo é 99% de nossa vida. Andamos, comemos, vestimos, gesticulamos, falamos, escrevemos, portamo-nos, reagimos, por hábitos adquiridos consciente ou inconscientemente. Por êles nos adaptamos às necessidades da vida, dominamos a sensibilidade, aumentamos a resistência, acrescemos o poder das faculdades intelectuais, corrigimos deficiências, facilitamos o exercício da vontade, reduzimos o gasto de energias, exercemos a vida moral e religiosa, pois as próprias virtudes e os vícios são hábitos do bem ou do mal. Como vemos, o hábito envolve tôda a nossa vida, das mais comezinhas necessidades às mais sublimes manifestações espirituais: da resistência orgânica à contemplação religiosa. A educação é a formação de bons hábitos para tôdas as necessidades da vida.

208. Trabalho consciente

O adestramento, única maneira possível enquanto a criança não compreende, não bastará mais quando ela fôr capaz de aceitar ou rejeitar conscientemente as atitudes impostas. Enganaram-se os que fizeram da formação dos hábitos mera atitude passiva: repetir os atos até torná-los uma segunda natureza, quisesse ou não o educando. Sem a participação voluntária da criança, podem ser até contraproducentes as insistências e imposições.

Educadores bem intencionados perdem seus esforços, fugindo do *dinamismo* do educando para a *passividade;* e saem para o indiferentismo religioso jovens que anos a fio fizeram obrigatòriamente diários exercícios de piedade. É que o hábito conta com a colaboração voluntária do sujeito, ou não deita raízes. Não é injeção que se aplica de fora para dentro; é semente, que cresce de dentro para fora. Sustentado apenas por outrem, cai quando lhe faltar a escora. A função do educador é ajudar o educando em *seu próprio trabalho,* sustentando-lhe a vontade, assistindo-o e estimulando-o.

209. Em desenvolvimento

Os hábitos mais simples — fisiológicos, de sensibilidade, nervosos, de vida social embrionária — formados por adestramento, serão, com a idade, acrescidos daqueles que exigem participação consciente da criança. Aos poucos, à medida em que vamos introduzindo a criança nos bons hábitos, iremos também aproveitando-lhe a nascente capacidade intelectual e volitiva — explicando-lhe *o que* e *o porque* (as vantagens do que pedimos e as desvantagens do contrário), tocando-lhe os interêsses (para fortalecer os estímulos), ajudando-a (lembrando o que deve fazer), vigiando-a (para que faça por si), corrigindo-a (se não fêz) e até mesmo castigando-a (quando houver infidelidade voluntária no cumprimento do dever).

210. A juízo do educador

Fica ao discernimento do educador a escolha dos principais hábitos a formar. Alguns virão desde o berço, como regularidade, calma; outros surgirão com a vida consciente — domínio de si, auto-suficiência, correção, confiança em si — para se juntarem aos que a idade fôr possibilitando,

como sinceridade, cooperação, amor ao dever, gôsto do trabalho, espírito de sacrifício, iniciativa, liberdade, etc. E tudo encaminhado para a preparação do homem que sabe enfrentar a vida com coragem, resistir à dificuldade sem desânimo, marchando sempre para a perfeição.

211. Em condições favoráveis

Em tudo, importa aproveitar as condições favoráveis:

a) utilizando as melhores e mais fortes tendências (que dão hábitos mais resistentes), disciplinando os membros mais diretamente ligados aos hábitos, assegurando a mais íntima colaboração entre o corpo e a consciência;

b) criando situações estimulantes: propiciando oportunidades para exercício dos atos, metendo em brios o educando, animando com os triunfos verificados, dando-lhe a impressão de que a vitória sôbre si é antes fácil e agradável que penosa e difícil;

c) evitando constrangimentos inibidores: repreensões, conselhos excessivos (os adolescentes detestam "sermões"), comparações deprimentes.

212. As atitudes do educador

São de grande valor as atitudes dos educadores: calma e firmeza, perseverança e paciência (um hábito, às vêzes, custa; as irritações agem negativamente), ambiente e bom exemplo, recompensas (desde que raras e não prometidas, para não tomarem o aspecto de "subôrno") e correções.

§ X — CANALIZAR FORÇAS

213. Compressão necessária

Tudo seria muito mais fácil na educação, não fôsse o estado de desordem em que está o homem constituído. Êle nos obriga a um permanente esfôrço para vivermos segundo a razão, a consciência e a fé. Os excessos da vida sensitiva pedem compressão, sob pena de não correspondermos à condição de racionais. Já não é mais necessária qualquer experiência neste sentido.

214. Orientar a sensibilidade

Não se trata de oprimir a natureza ou eliminar as paixões, que são fôrças vitais e indispensáveis. Trata-se de orientá-las, suprimindo-lhes o que é desordem e óbice à elevação moral. E de organizar os valores para compor a harmonia da formação humana.

É o trabalho do horticultor podando. Não mutila: corrige e favorece. Só corta o prejudicial, em favor dos bons frutos. A aparência não ficará talvez tão bela, mas o proveito é maior. A mutilação é aparente. A restrição do inferior prepara o esplendor da personalidade. A compressão do amor-próprio, do apêgo demasiado aos bens materiais, do excessivo gôsto de repouso, do mêdo à dificuldade, etc., assegura o cumprimento do dever. Como o soldado que despoja o adversário e enriquece com as suas armas para vitórias mais fáceis, nós transferimos para o *homem novo* as energias que arrebatamos ao *homem velho.* A imagem é de S. Paulo: "Despojai-vos do homem velho com suas obras, e revesti-vos do novo" (Col. 3, 9).

215. Exigência da natureza

A moderna pedagogia não pode fazer aqui qualquer modificação essencial, pois se trata da própria natureza humana. A mortificação nos é de absoluta necessidade. Sem contermos o corpo não manteremos o espírito. S. Paulo o fêz expressamente: "Castigo o meu corpo e o reduzo à sujeição" (1 Cor. 9, 27). Numa linguagem figurada mais enérgica, o Evangelho manda arrancar o

ôlho que impede a salvação[29]. Na mortificação dos sentidos está a raiz de grandes quedas morais: foi a curiosidade de Davi que o precipitou no adultério. A Sabedoria Divina nos adverte: quem não refreia a vista conte como certo o seu pecado[30].

216. Condição de virtude

Quando a virtude demanda repressão das tendências contrárias, é necessária a mortificação, para enfraquecer as más inclinações e fomentar as boas, desembaraçando o homem dos obstáculos à virtude e limpando-lhe o caminho do progresso espiritual. Como ser casto ou temperante, sem conter as satisfações do prazer e do paladar? Como ser manso e alegre, sem conter a soberba e a inveja? Na base de tôdas as virtudes ou vícios está a prática da mortificação ou sua ausência. O Apóstolo no-lo advertiu, nos seus costumados têrmos de vida ou de morte: "Se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo Espírito mortificardes as obras da carne, vivereis" (Rm. 8, 13).

Tão necessária é esta repressão do ilegítimo, excessivo ou desordenado, que se lhe vêem obrigados mesmo os que põem a felicidade nos prazeres sensíveis. A própria saúde impõe restrições. Que sacrifícios exige a busca da riqueza, da ciência, da glória, do poder, da beleza! A satisfação de uma tendência requer a mortificação de outras, tão verdade é que não podem tôdas ser igualmente satisfeitas.

217. Ginástica moral

Tudo isto supõe luta do homem consigo mesmo. Como quem domestica uma fera. Como quem exercita uma habilidade. Como os professôres de ginástica falam de exercícios para enrijecer os músculos, devemos, qual Pestalozzi, falar de "exercícios para domar as paixões". Por muitos motivos são êles necessários:

— as tendências sensitivas desenvolvem-se com mais rapidez, em prejuízo do especìficamente humano, e cevá-las é nutrir a "besta" em desfavor do "anjo";

— se não tivermos o hábito de conter-nos, não o faremos no momento oportuno;

— se não reprimirmos as pequenas coisas, não nos conteremos nas grandes[31];

— tanto mais exercitados estivermos, tanto maior facilidade em fazer o bem e refrear o mal;

— só se conterá no ilícito quem se acostumou a privar-se do permitido;

— mesmo para o simples progresso na virtude precisamos de mortificação[32].

218. Exercício constante

Se o mero adestramento requer exercício regular e persistente, quanto mais o hábito consciente e a soberania sôbre paixões que desabrocham na inquietude da infância ou no calor da adolescência. Pergunte-se ao equilibrista, ao prestidigitador, ao taquígrafo, ao pianista, como adquiriram tanta habilidade. Treinando, responderão todos. Maior e mais constante treinamento demanda o autodomínio, que tão fortes elementos tem contra si, em nós como fora de nós.

São exercícios de tôda hora: no estudo, para vencer a preguiça; no recreio, para manter a camaradagem; no jôgo, para respeitar as regras; no silêncio, para refrear a língua; na igreja, para afastar as distrações; nas dificuldades, para guardar a calma; na vitória, para conservar a elegância; nos insucessos, para conter o amor-próprio; até nos desastres, para guardar a calma e possibilitar as iniciativas.

---

[29] "Se o teu ôlho direito te escandaliza, arranca-o e lança-o fora de ti, porque é melhor que se perca um de teus membros do que todo o teu corpo ser lançado no inferno" (Mt. 5, 29).

[30] "Quem olhar uma mulher para cobiçá-la já adulterou com ela em seu coração" (Mt. 5, 28).

[31] Quem despreza as coisas pequenas pouco a pouco cai nas grandes (Ecl. 19, 1).

[32] Os que fazem mais progresso na virtude são aquêles que se esforçam com maior coragem em combater o que mais contrário e difícil lhes é. (Imit. de Cristo, Livro 1, Capítulo 25).

219. Do físico para o moral

Aquela educação física que preconizamos é bom caminho para o domínio de si. Crianças resistentes, que sabem permanecer em atitudes firmes, de pé ou sentadas; crianças fortes, acostumadas a temperar a curiosidade, a sêde ou os movimentos; crianças de boas maneiras, afeitas a conter-se, tôdas estão bem iniciadas na mortificação. Importa desenvolver o hábito, com moderação e persistência, que mais vale o pouco continuado que o muito esparso e violento, pois *violenta non durant.*

220. Faça o educando

Como todo trabalho de educação, êste há de ser eminentemente pessoal e voluntário. Só têm valor educativo as mortificações aceitas pelo educando. É êle que se deve mortificar, e não ser mortificado. O educador sugere, desperta interêsse, mostra vantagens, suscita oportunidades, assiste, estimula, ajuda, mas a decisão, a aceitação é sempre do educando, sob pena de efeitos contraproducentes, de compensações desastrosas, de libertações negativas. Há de ser um treinamento que continuará pela vida, quando tiver cessado a assistência do educador.

221. Só há vantagens

Vários são os erros neste importante terreno. Argumentam uns que não devemos mortificar, mas desenvolver tôdas as faculdades do educando: sim, porém harmônicamente, segundo a ordem dos valores humanos, dando precedência ao que é mais importante, reprimindo o que se opõe à formação moral. E é êste precisamente o fim da mortificação. Alegam outros que devemos poupar as crianças que terão muito que sofrer na vida: — pois é para prepará-las para os sofrimentos da vida que as devemos treinar nesta resistência. Aos que dizem ser êste treinamento perigoso ao equilíbrio nervoso das crianças nem sabemos o que responder, tão insensata é a afirmação. Dá-se justamente o contrário: o desequilíbrio vem da falta de contrôle, ao passo que o domínio de si estabelece uma paz que supera tôda a compreensão.

Os que renunciarem a êste treinamento renunciam à própria condição de homens; ao passo que quem se acostumar a pôr as faculdades inferiores a serviço das superiores será rápido e firme no caminho do dever e na ascensão da virtude.

§ XI — ENSINAR A CORREÇÃO

222. Trabalho do educando

Empregados todos os esforços, subsistirão ainda defeitos a corrigir, deficiências a preencher, mesmo nas melhores crianças. Não houvesse falhas na educação e maus hábitos contraídos, haveria as heranças desagradáveis ou os inevitáveis desregramentos, conseqüentes ao pecado original.

Nosso dever é infundir na criança o *sincero* desejo de corrigir-se: — amor ao bem e horror ao mal. Puro terreno da educação, é, por isso, trabalho *pessoal* do educando, em que somos cooperadores transitórios, pois amanhã êle há de agir sòzinho, no alto mar da vida. Cabe-nos desenvolver nêle o amor ao ideal e ajudá-lo nos seus naturais tropeços e faltas.

223. E do educador

O educador deve *querer corrigir* o educando. Muitos, infelizmente, não o querem, negando-se a ver-lhe os defeitos, ou a empregar os corretivos eficientes. Mas o dever subsiste. São Paulo manda educar os filhos "na disciplina e na correção do Senhor" (Ef. 6, 4). A razão o ensina. A experiência o exige. E os frutos da boa correção demonstram-lhe as vantagens; enquanto, por sua ausência, crescem os filhos viciosos, para castigo dos pais, vergonha da família e pêso da sociedade.

224. Finalidade da correção

A correção tem um tríplice fim: 1) *restaurar a ordem moral,* violada pela falta; 2) *emendar o faltoso* prevenindo novas quedas e pondo-o no caminho certo, em busca do ideal; 3) *servir de exemplo,* advertindo os outros e mostrando-lhes que a moral exige reparação.

225. Correção e castigo

Não a devemos confundir com o castigo: devidamente aplicado, êle é correção; mas esta pode existir sem êle. As fraquezas de alguns educandos impõem-nos a necessidade de castigar — o que o bom educador só deve fazer rara e sàbiamente, esgotados os meios suasórios. Tanto maior é o educador quanto mais consegue sem castigar. Aliás, o castigo só tem sentido quando se orienta realmente para a correção do faltoso, pois esta é a sua finalidade pedagógica essencial. Não queremos punir, mas emendar, quando não foi possível prevenir e evitar a falta.

226. Atitude do educando

O nosso escopo é interessar o educando na própria correção, criar-lhe uma atitude interior que o faça detestar o mal e procurar o bem. Nosso trabalho é fazê-lo sentir a necessidade de restaurar em si mesmo a lei moral violada, e retomar o caminho abandonado. O verdadeiro trabalho é dêle, de sua vontade, de seus esforços, de sua consciência. Ou isto, ou o fracasso. Sem isto, os castigos mais justos, mais rigorosos ou mais proporcionados nada realizam, porque o educando não se decide a mudar de vida. Esta mudança é a alma da correção. É o próprio educando que deve estar convencido dos seus erros e da urgência de corrigi-los, de recusar a si mesmo o que favorece as más tendências e propicia as faltas, de desenvolver as virtudes opostas às paixões mais aliciantes.

227. O auxílio do educador

O educador é um auxiliar necessário. Adverte, prevenindo, repreendendo ou estimulando. Orienta: ensina os deveres, aponta os meios, indica os caminhos. Adapta-se: para fazer que os educandos se conheçam, conhece-os e para não desalentar a nenhum, proporciona a ação às fôrças, às tendências e ao adiantamento moral de cada qual. E castiga, que o castigo tem um caráter moral de encaminhamento para o dever. Mas em tudo êle apenas ajuda, porque não somos nós que corrigimos o educando, é êle que se corrige. Por isso, mesmo quando castigamos, sempre o devemos fazer de modo que o educando compreenda e aceite a necessidade da medida cuja iniciativa só tomamos porque êle próprio não tomou. Sim, não teria razão de ser o castigo impôsto, se o educando se mostrasse arrependido, reparasse a ordem e retomasse o caminho...

228. Exame e Confissão

Ressaltemos aqui o valor do exame de consciência cotidiano e da Confissão freqüente. Naquele aprofundamento de nós mesmos, de nossos defeitos e faltas com seus motivos e raízes. Nesta não sòmente nos purificamos dos pecados, mas nos humilhamos espontâneamente, arrependidos do mal de que nos acusamos, e confiados no auxílio poderoso da graça divina.

★

Importantíssimo, êste cuidado da autocorreção, mesmo porque nunca há de terminar. Pela vida afora, teremos sempre que lutar contra faltas e negligências, na conquista sem-fim da perfeição. E para isto importa que a educação nos tenha pôsto neste caminho e neste hábito.

§ XII — ADAPTAR-SE AO EDUCANDO

229. Conhecer o educando

Educar é ajudar a natureza a realizar-se. Isto exige que a conheçamos e respeitemos: ela só se submete a nossas imposições, se nos conformarmos a suas necessidades. Conhecer tem aqui dupla significação: — conhecer o educando, e conhecer *êste* educando.

230. Diferenças genéricas

Há os característicos gerais, próprios da criança e do adolescente. E as circunstâncias de idade, sexo, ambiente, tempo. Menino de 7, de 10 e de 13 anos, da cidade ou do campo, de 1900 ou 1955. Como difere da menina das mesmas circunstâncias! E o educador deve conhecer um mínimo de psicologia infantil, para não se expor aos graves perigos de erros que infalivelmente cometerá sem êsse conhecimento.

231. Educar cada um

Mas não existe *a* criança: existe *esta* criança. Das características genéricas da infância, quais são as que possui ela? Qual o grau ou a feição de sua inteligência, quais suas aptidões e tendências, seu dotes ou insuficiências de temperamento e caráter? Irmãos, filhos dos mesmos pais, são mais diferentes de espírito que de corpo. Queixam-se às vêzes os pais: "Eduquei-os do mesmo modo, e ficaram tão diferentes". Não *ficaram,* já eram! Por isso, não podiam ter sido educados do mesmo modo. Imaginem que a escola tivesse a mesma medida de vestido para as adolescentes de 14 anos. Seria carnavalesco, mas muito menos desastroso que impor a tôdas o mesmo processo. Que diríamos do médico que receitasse os mesmos remédios aos meninos da mesma idade, ou por serem irmãos, ou estarem no mesmo colégio? Pois não procedam assim os educadores... Nem a todos servem idênticos processos. O que a um é castigo, a outro é recompensa. A mesma repreensão desperta num o sorriso sardônico, e noutro as lágrimas. De pé, a um canto, o preguiçoso alimenta a má tendência, que o trabalho devia corrigir. Segundo o temperamento, o sexo, a idade, o ambiente doméstico, a mesma palavra do educador produzirá as mais desencontradas reações. A êste repugna a enérgica maneira de mandar, único meio para conseguir obediência daquele. Qual se mete em brio com a liberdade, de que o outro abusa. A própria vigilância há de ser dosada segundo as pessoas. Enganam-se os que pensam em *dobrar* os educandos: são os educadores que se dobrarão à natureza dêles, se não quiserem fracassar.

232. Características individuais

Por ligeireza ou presunção, julgam alguns "conhecer de sobra esta gente". É mais fácil conhecer *a* criança que conhecer *esta* criança. E *esta* é que nos interessa, porque real, viva, concreta, enquanto a outra, generalizada, compilada em laboratório, é abstrata: só existe nos livros.

Sem dúvida, muito nos ajudam os conhecimentos da psicologia infanto-juvenil; mas temos que aplicá-los a *êste* educando — o que só pela *observação* conseguiremos. Só os verdadeiros educadores são capazes de observar uma criança, porque isto supõe que a criança possa agir com liberdade e confiança, e o educador tenha penetração para dar sentido ao que vê. Isto é impossível, tanto nos regimes de compreensão, de "disciplina" austera, de distâncias militares (que geram reserva e hipocrisia) como nos "educadores" que não podem "perder tempo com crianças".

233. Importa compreender

Mesmo aquêles que, fiéis à sua missão, procuram penetrar nesse mundo misterioso da alma infantil estudando, informando-se, observando e testando[33], não descuidarão de *compreendê-lo.* É queixa freqüente, dolorosa e muitas vêzes justa dos adolescentes: "Os "velhos" não me entendem".

---

[33] Há hoje numerosos e eficientes testes, a que o educador pode recorrer com vantagem nos casos normais, e deve recorrer nos casos mais difíceis.

Entendê-los é colocar-nos do seu ponto de vista, embora não o aprovemos; é não dar a suas palavras e atos o valor que teriam em pessoas maduras; é saber julgá-los não pelos nossos mas pelos seus critérios. Em geral, supomos ser objetivos quando interpretamos crianças e adolescentes por critérios adultos; quando na verdade, somos apenas desproporcionados e irrazoáveis.

234. Não esqueçamos...

Os que esquecem a própria infância e juventude perdem a capacidade para educar. Vendo como pensávamos, falávamos e agíamos aos 10 ou 14 anos, certo teríamos mais paciência e mais escusas para as falhas e desacertos que são muito mais da idade que das intenções.

235. Diferentes de nós

Outro êrro comuníssimo é querermos que os educandos sejam como nós. Forcejamos por adaptá-los a nós, em vez de nos adaptarmos a êles. Pomo-los em nosso lugar, quando o certo é nos pormos no lugar dêles. Impomos-lhes os nossos gostos e preferências, como se êles fôssem obrigados a afinar conosco até nos caprichos do paladar.

236. Obra individual

O respeito à personalidade do educando exige certamente mais que a uniformização de processos, como se todos fôssem iguais. Dá muito mais trabalho estudar cada um, respeitar-lhe a índole, orientá-lo *como êle é* para torná-lo *como deve ser.* O processo do rôlo compressor é muito mais cômodo: apenas não educa. A educação é obra de arte, não produção em massa. Entre a fabricação de tijolos, em fôrmas iguais, e a modelagem a mão livre, é grande a diferença. A educação é mais difícil ainda, pois a alma da criança não é simples argila: fácil de conduzir quando lhe encontramos os segredos, resiste com obstinação quando a pretendem submeter contra a sua natureza.

Os frutos, porém, compensam com largueza, mesmo porque só assim é que se educa.

§ XIII — COM A GRAÇA DE DEUS

237. O cristão perfeito

Temos em vista o santo: a natureza aperfeiçoada pela graça. Confiamos na graça divina, com que devem cooperar educando e educador. Na educação cristã, o primeiro lugar pertence ao sobrenatural: o ideal é a santidade; a meta é a salvação eterna; o grande meio é a graça. O mais, por importante que seja, é secundário. Por muito que façamos, se não vivermos e crescermos na amizade de Deus, de nada nos aproveita. Cristo no-lo advertiu[34]; São Paulo o relembrou[35]. *Visamos ao cristão perfeito* — e não há cristão sem a graça. Nela "vivemos, agimos e existimos" (At. 17, 28). Não desprezamos os meios naturais; menos ainda, os meios sobrenaturais. Não esperamos milagres, que Deus costuma agir por meios ordinários. Muito menos, porém, confiaremos apenas na psicologia e na técnica, se elas não se puserem a serviço do amor divino.

238. Esquecimento fatal

Os fracassos da educação nascem daí: esquecemos o fim e os meios sobrenaturais. E aquêle homem do dever, senhor de si, de vontade firme, em busca da perfeição, por mais que se faça não se consegue sem o ideal cristão, o amparo da oração, a fôrça dos sacramentos. Na educação, como em tudo, é cabal a palavra de Cristo: "Sem Mim nada podeis fazer" (Jo. 15, 5).

---

[34] "De que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, se vier a perder a sua alma?" (Mat. 16, 26).

[35] "Se distribuísse todos os meus bens para sustento dos pobres, entregasse meu corpo às chamas, não tivesse a caridade (isto é, a graça), de nada me aproveitaria" (1 Cor. 13, 3).

Pio XI o explicou na magistral encíclica sôbre a educação cristã: "Uma vez que a educação consiste essencialmente em formar o homem para êle ser e portar-se nesta vida de modo a alcançar o fim último para que foi criado, é claro que, depois que Deus se nos revelou no seu Unigênito Filho, sòmente a educação cristã é adequada e perfeita".

239. A fôrça da graça

Aliás, a experiência está feita: é ela a que produz os melhores resultados; com ela se consegue o que sem ela só alcançara raríssimas naturezas muito bem dotadas. Compreende-se: o amor de Deus é o mais alto dos motivos. Também aqui não contamos com milagres, mas com a marcha normal da formação, subindo dosadamente dos motivos inferiores para os superiores, nas proporções psicológicas do educando e da atuação organizada do educador. Só quem respira de há muito o ar puro da graça é que lhe conhece a fôrça. Não será por exceção que apelaremos para o temor do pecado, para o sacrifício em união com Cristo, para o agrado de Deus.

240. Essencial à educação

A educação cristã acompanha tôda a vida. Começa quando o filho ainda não nasceu, adapta-se-lhe a tôdas as circunstâncias do crescimento, segue-o das escolas à universidade, continua influindo nêle pela vida afora, até a soleira da eternidade. É falha, se vem tardia; quase nula, se fica nas tinturas para a Primeira Comunhão; incompleta, se acaba no curso de ginásio; até contraproducente, se não respeita a capacidade do educando e o seu legítimo gôsto de liberdade.

Não é atividade justaposta: é a própria essência da vida e, por isso, da educação. Penetra o nosso ser em tôdas as suas manifestações — "sensível, espiritual, intelectual e moral, individual, doméstica e social", disse Pio XI. Seu escopo é "o homem sobrenatural que pensa, julga e age permanente e coerentemente de acôrdo com a sã razão iluminada pela luz de Cristo" *(Divini illius Magistri).* Nenhuma atividade humana lhe escapa à influência decisiva. O esporte, o comércio, a política, as letras, a milícia, a arte, a indústria, a ciência — tudo o que diz com o homem prende-se-lhe indissolùvelmente, porque o ordena para Deus ou o distancia de seu verdadeiro fim.

241. Não extinguir o Espírito

É pena que, em lugar de impulsionar as crianças para Deus, sejam os "educadores" os primeiros a extinguir nelas o Espírito, penetrando-as de ideais errôneos e enchendo-lhes de terra o coração. A criança em sua receptividade generosa é campo fecundo para a impregnação cristã. Fàcilmente lhe comunicaremos o conceito cristão da vida, uma vontade disposta a fazer o bem, na intenção de fazer sempre o agrado do Pai (Jo. 20, 8-29).

242. Tudo leve a Deus

Os atos da vida cristã serão fáceis. A consciência bem formada dita os deveres a cumprir, o mal a evitar, a ascensão a fazer pelas virtudes. Uma formação cuidadosa encaminha para a freqüência aos sacramentos, onde se haure a fôrça mais viva da santidade. A oração se torna verdadeira necessidade, tanto para o homem se comunicar com Deus como para Lhe receber as graças indispensáveis à fidelidade cristã.

O senso católico une o educando à Igreja, na adesão a seu ensino e na obediência a suas ordens, nas lutas de suas batalhas e nas alegrias de suas vitórias, ou no cuidado do próximo.

A benéfica pressão dos ambientes, a organização das associações, a vida coletiva das paróquias bem organizadas, o exemplo dos adultos, irão facilitando a difícil consecução. É verdade que o santo supõe o homem; mais verdade ainda é que, formando o santo, forma-se mais rápida e fàcilmente o homem.

"Êste é o caminho: andai por êle e não declineis nem para a direita nem para esquerda" (Is. 30, 21).

ÍNDICE GERAL